



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

COMO AS MÃES ENSINAM A AMAR

UM ESTUDO FEITO COM HOMENS HOMOSSEXUAIS

INÊS DE ALMEIDA BARREIRA

Orientadora de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL FERNANDES COSTA

Orientadora de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL FERNANDES COSTA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Ângela Vila-Real Fernandes Costa, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Ângela Vila-Real Fernandes Costa, minha orientadora, por todo o apoio e disponibilidade demonstrados desde o início até ao fim; pelo bom humor e satisfação transmitidos durante as sessões de discussão da dissertação; por incrementar o meu interesse e fascínio pela Psicanálise e pela sua área de investigação. Um muito obrigado!

Aos participantes do estudo. Sem eles esta dissertação não seria possível.

Aos meus avós, por me fazerem sorrir sempre que estava mais cansada e desanimada e se disponibilizarem para me receber com o meu jantar favorito, Oreos e Coca-Cola.

À minha mãe, por testar os meus limites e fazer-me acreditar que todo o esforço vale a pena quando estamos a fazer aquilo que gostamos.

Ao meu pai, por todos os valores transmitidos que me tornaram a mulher que sou.

À minha família, por estarem presentes nos momentos importantes da minha vida e me apoiarem incondicionalmente.

Aos meus amigos, por me fazerem sair de casa e me fazerem descontraír nos momentos mais exigentes; por todas as tristezas e alegrias que partilhámos juntos.

Ao meu namorado, por nunca me deixar cair e querer sempre fazer-me sorrir; por todas as brincadeiras e mimosinhos trocados que nos tornam únicos; por sonhar e crescer comigo.

RESUMO

No presente estudo, de carácter qualitativo, procurou-se compreender a ligação entre a identidade da mãe e do filho homossexual e entre a forma como cada uma se relaciona com o parceiro. Estudos anteriores caracterizaram a mãe apenas na relação com o filho. Concluíram que a mãe é superprotetora, possessiva, dominante e intrusiva com o filho, o que não nos permite compreender a mãe enquanto sujeito e de que forma essas características influenciaram a identidade do sujeito. O estudo analisou não só a forma como a mãe e o filho se relacionam, mas também como se relacionam com os seus respetivos parceiros. Desta forma, fizemos uma ligação entre a escolha de objeto de amor e identificações da mãe e do filho.

Através de duas entrevistas nas quais utilizámos o método FAN (*Free Association Narrative*) e o T.A.T. (*Thematic Apperception Test*), recolhemos os dados de 5 sujeitos homossexuais com idades compreendidas entre 22 a 27 anos de idade. A análise dos resultados foi elaborada de maneira a perceber a mãe e o filho enquanto sujeitos, as suas identificações com os pais, as suas identificações com o masculino ou o feminino, a relação que mantêm com os outros, mais especificamente com o parceiro, e a relação que mantêm entre si.

Os resultados evidenciam que existem três tipos de identificação do filho (relativamente aos pais, ao género e ao poder) que estão interligados e todos são influenciados pela mãe, pela sua identidade, pela forma como se relaciona com o filho e como se posiciona na relação com o parceiro.

Palavras-chave: Relação mãe-filho; identidade; identificação; escolha de objeto de amor; *Free Association Narrative*; T.A.T.

ABSTRACT

In this qualitative study, we tried to understand the link between the identity of the mother and homosexual son and between how each relates to the partner. Previous

studies have characterized the mother only in relation to the child. They concluded that the mother is overprotective, possessive, dominating and intrusive, which does not allow us to understand the mother as a subject and how these features influenced the identity of the homosexual male. The study examined not only how the mother and child are related but also how they relate to their respective partners. In this way, we made a connection between the love object choice and mother and child identifications.

Through two interviews in which we used the method FAN (Free Association Narrative) and TAT (Thematic Apperception Test), we collect data from five subjects homosexuals aged 22-27 years old. The analysis was developed in order to realize the mother and child as subjects, their identifications with their parents, their identification with the masculine or the feminine, the relationship they have with others objects, specifically with the partner, and the relationship they have with each other.

The results show that there are three child identification types (relative to parents, gender and power) that are interconnected and all are influenced by the mother, because of her identity, the way she relates to the child and how is positioned in a relationship with the partner.

Keywords: mother-child relationship; identity; identification; love object choice; Free Association Narrative; T.A.T.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	8
A importância do complexo de Édipo na relação mãe-filho	8
A identidade do sujeito homossexual	25
As mães na relação com os filhos	33
2. PROBLEMA	41
3. METODOLOGIA	42
Instrumentos de recolha de dados	42
T,A.T.	42
Entrevista	45
Participantes	47
Método	48
Procedimento	49
4. RESULTADOS	52
5. DISCUSSÃO	65
6. CONCLUSÃO	72
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A Importância do Complexo de Édipo na Relação Mãe-Filho

1.A Evolução do Complexo de Édipo

Ao longo da obra de Freud, o complexo de Édipo foi evoluindo progressivamente. O complexo de Édipo é uma descoberta freudiana essencial para o desenvolvimento da criança e constitui a base central da vida psíquica do indivíduo em torno da qual se estrutura a identidade sexual do indivíduo, para além de que, para Freud, é um complexo universal (Quinodoz, 2007). A primeira vez que Freud mencionou o complexo de Édipo foi numa carta a Fliess em 1897 (cit. por Masson, 1985) quando na sua autoanálise se apercebeu que a sua libido havia sido despertada por volta dos dois anos de idade quando fez uma viagem com a sua mãe. Nessa viagem, Freud dormiu com a mãe e pode vê-la nua. “*Encontrei, também no meu caso, ter sentimentos de amor em relação à minha mãe e de inveja em relação ao meu pai, e agora considero isso um evento universal na infância precoce (...)*” – forma direta do complexo de Édipo no menino que deseja ocupar o lugar do pai (Freud, 1897, cit. por Masson, 1985).

Quando Freud, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900) nos diz que a censura do sonho incide sobre desejos sexuais infantis recalcados, ele menciona o complexo de Édipo a propósito dos sonhos de morte de pessoas queridas, neste caso, dos pais. Os sonhos de morte aplicam-se geralmente ao pai do mesmo sexo da criança. Freud conclui que já existe uma preferência sexual em que o menino vê o pai como um rival no amor, e cuja eliminação/morte só lhe traria vantagens para com a sua mãe. Este tipo de sonho deriva de um desejo recalcado que passa pela censura sem modificações. Após esta obra, diversos foram os casos em que Freud mencionou o complexo de Édipo. No caso Dora (1905), a paciente revela aspetos inconscientes das suas fantasias, seja a fuga para o seu pai quando seduzida por um homem do qual tem medo, seja num sonho quando revela o seu desejo inconsciente de substituir o sedutor pelo pai. Mais tarde, Freud apercebe-se que a paciente faz um deslocamento do pai para si próprio, como já antes havia feito para o senhor K. Dora faz, portanto, uma projeção do pai nestes dois homens. No caso do pequeno Hans (1909), a afeição pela mãe tornou-se demasiado intensa porque a mãe o mimava demasiado e com facilidade o levava para a cama. Por essa razão, Hans queria ver-se livre do pai manifestando o desejo que o pai morresse. É

um pai que Hans odiava enquanto rival, mas amava como sempre, pois era o seu modelo, o seu companheiro de brincadeira. A impossibilidade de resolver o conflito edipiano devido à conjunção do desejo incestuoso pela mãe e de um sentimento de culpa por odiar o pai faz com que Hans ganhe medo de ser castigado com a castração por os seus desejos proibidos.

Em 1910, na obra *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I)*, Freud acentua que a escolha de objeto amoroso é feita como uma substituição da mãe, ou seja, é derivada de uma fixação infantil dos sentimentos de ternura pela mãe, sendo uma das consequências dessa fixação. Em suma, o menino tem como primeiro objeto de afeição a mãe que ele deseja ter para si, mas entre os 3 e 5 anos o menino sente que o pai é um rival e por isso odeia-o. O menino fica com medo de ser castrado pelo pai (que lhe corte/retire o pénis) por causa dos seus desejos incestuosos pela mãe e do seu ódio por ele. A angústia causada pela ameaça de castração faz com que o menino acabe por renunciar aos seus desejos sexuais incestuosos em relação à mãe e entre no período de latência. Na busca de generalizar o complexo de Édipo como papel estruturante na constituição da personalidade de cada indivíduo, Freud (1913) afirma que quando nas sociedades primitivas os filhos assassinam o pai e depois o comem para se tornarem valentes como ele, saciaram o seu ódio ao pai por ser um obstáculo que não lhe permitia satisfazer os seus desejos (desejos sexuais e desejos de se identificarem com ele), mas foram invadidos por um sentimento de culpa por infringirem dois dos tabus que as sociedades primitivas consideravam como crimes, o homicídio e o incesto. Estes dois tabus correspondem a dois desejos recalçados do complexo de Édipo.

Em *o Ego e o Id* (1923), Freud acrescentou a noção do complexo de Édipo negativo ou invertido. No complexo de Édipo negativo, o menino deseja o pai e pretende eliminar a mãe, que é vista como rival. Nas identificações, a diferença é que, no complexo de Édipo positivo, o menino quer ser como o rival, o pai, e, no caso do complexo de Édipo negativo, o menino quer ser a sua mãe e não como a sua mãe. Ou seja, há uma regressão na identificação, que constitui segundo Freud, a forma mais precoce de amor pelo objeto. Os desejos passivos femininos que o menino sente em relação ao pai levam-nos a renunciar os desejos heterossexuais em relação à mãe, como também renunciar a identificação com o rival paterno.

No caso de Schreber (1911), um caso de paranoia, o delírio persecutório do sujeito consistia na ideia que o seu médico queria castrá-lo, transformá-lo numa mulher

e posteriormente ser abusado sexualmente e depois largado. O delírio evolui para uma fantasia menos angustiante e mais aceitável: já não era o médico que queria que ele se transformasse em mulher, mas sim Deus que queria fecunda-lo com raios divinos para que Schreber gerasse novos seres. Na verdade, Freud (1911) afirmava que Schreber gostava e admirava muito o seu primeiro perseguidor, o médico, e fez uma reversão do amor em ódio. Foi esse apego erótico intenso pelo médico que fez com que Schreber desejasse ser mulher para que pudesse ser copulada por ele. Para Freud, o desejo de ser transformado em mulher é resultado do medo de ser castrado pelo pai por causa da masturbação infantil, o que faz com que o menino adote uma posição homossexual passiva ou uma posição feminina.

No caso do Homem dos Lobos (1918), a irmã do sujeito, dois anos mais velha que ele, envolveu-o em jogos sexuais com ela. Mas a irmã não lhe agradava como objeto sexual porque a via como uma rival no amor pelos pais. O sujeito com a chegada da governanta decidiu mostrar-lhe o seu pênis, situação que fez com que a governanta o repreendesse. Foi uma tentativa de sedução por parte do sujeito à qual a governanta disse que ele poderia ser castigado com uma ferida nessa zona – surge a angústia de castração. O sujeito faz uma regressão à fase sádico-anal e assume uma posição passiva feminina. O pai que antes era um objeto de identificação de uma corrente ativa tornou-se objeto sexual de uma corrente passiva na fase sádico-anal da criança. A identificação foi substituída pela escolha objetal, ao mesmo tempo que a transformação da atitude ativa para a passiva era consequência da sedução. O menino começou por comportar-se mal com episódios de raiva, fúria e maldade com o propósito de ser castigado pelo pai de maneira a obter uma satisfação sexual masoquista e apaziguar o sentimento de culpa. Através do sonho dos lobos, Freud (1918) pode concluir que o menino estava angustiado pela fantasia de ser satisfeito sexualmente pelo pai. A expressão dessa angústia, o medo de ser comido pelo lobo, era uma transposição regressiva do desejo de servir o pai a nível sexual, ou seja, ser satisfeito sexualmente como a sua mãe foi. O seu fim sexual e a sua atitude passiva em relação ao pai foram recalçadas e o medo do pai ocupou lugar sob a forma de fobia de lobos.

As duas formas do complexo de Édipo, a positiva e a negativa, coexistem no psiquismo de todo o indivíduo, de forma que o complexo de Édipo implica quatro pessoas: a mãe, o pai, a disposição feminina da criança e a disposição masculina da criança – bissexualidade psíquica que é própria de todos os indivíduos (Freud, 1923). A

identidade sexual de um indivíduo resulta da prevalência de uma tendência sobre a outra.

A Dissolução do complexo de Édipo (Freud, 1923) remete não para a situação edipiana, mas para a dissolução do conflito edipiano. A situação edipiana persiste no inconsciente de cada indivíduo perdendo o seu caráter patológico. Nesta dissolução, os investimentos do objeto são abandonados e substituídos por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e forma-se o núcleo do superego, que faz com que persista a proibição do incesto, defendendo assim o ego contra o retorno do investimento libidinal.

Resumidamente, segundo Laplanche e Pontalis (1970, p. 119), o complexo de Édipo fornece ao sujeito funções fundamentais: *(a) Escolha do objeto de amor, na medida que este depois da puberdade, se conserva marcado ao mesmo tempo pelos investimentos de objeto e pelas identificações inerentes ao complexo de Édipo e pela interdição de realizar o incesto; (b) Acesso à genitalidade, na medida em que esta não é garantida pela simples maturação biológica. A organização genital supõe a instauração do primado do falo, e dificilmente se pode considerar instaurado esse primado sem que se resolva a crise edipiana pela via da identificação; (c) Efeitos sobre a estruturação da personalidade, sobre a constituição das diferentes instâncias, e especialmente as do superego e do ideal do ego.*

2. Contributos Posteriores sobre o Complexo desenvolvido por Freud

O encontro com o Édipo envolve que haja uma tomada de conhecimento pela criança da diferença entre a relação entre os pais que é genital e procriativa e a relação pais-criança que não o é (Britton, 1985). Esta descoberta faz com que surjam sentimentos de perda e de inveja que se forem demasiado intensos podem resultar em queixas e numa auto-desvalorização. Se este encontro com o Édipo começar sem que o indivíduo estabeleça segurança baseada no objeto materno, então a situação edipiana será vista de uma forma muito primitiva pela criança porque esta não reconhecerá normalmente a triangulação. Britton (1985) acrescenta ainda que a criança face à realidade psíquica do complexo de Édipo produz ilusões edipianas que são fantasias defensivas que ocultam essa realidade. Se a criança persistir nessas ilusões então a passagem pela fase edipiana será feita normalmente, com sequências de rivalidade e renúncia. Estas ilusões surgem quando as crianças sabem parcialmente o que existe

entre a mãe e o pai, mas preferem ignorar (Steiner, 1985). Saber mais torna-se perigoso, pois a criança fantasia que é deixada pelos pais apenas porque estes dormem juntos.

Na teoria de Loewald (1979), a manifestação do complexo de Édipo perde a sua importância, temporalmente, durante a latência. Ele baseou-se no parricídio, na culpa e na responsabilidade para explicar este fenómeno. Quando falamos de parricídio no complexo de Édipo, falamos da destruição de um do pai pela criança e conseqüentemente a destruição, demolição ou dissolução do próprio complexo de Édipo. O parricida é aquele que mata a pessoa com quem tem uma relação sagrada, seja o pai, a mãe ou um parente próximo. É um assassinato de uma pessoa que pode simbolizar ou representar um dos pais. Mas é autoridade dos pais que é assassinada. O parricídio é um crime contra a sacralidade destes laços, que normalmente são os laços com os pais biológicos. Para assumir a responsabilidade de ter morto os pais, o processo da criança começa por lidar com a culpa. A autoridade é destruída tal como os pais como objetos libidinais. Loewald (1979) diz que é impossível crescer sem internamente ter morto um dos pais, o homicídio dos pais no inconsciente.

O complexo de Édipo diminui de intensidade conforme se vai aproximando a sua resolução – que nunca chega a acontecer – e que irá para além do recalçamento (Loewald, 1979). Do ponto de vista do parricídio, da culpa e da responsabilidade, o recalçamento do complexo é uma invasão inconsciente da emancipação do assassinio dos pais, e uma forma da criança preservar os laços libidinais dependentes com eles. O parricídio faz com que aspetos das relações edípicas sejam transformadas em relações do ego-superego através da internalização. Outros aspetos são reestruturados de certa maneira que a escolha de objeto incestuosa adquira uma nova forma. As escolhas de objeto estão sob a influência destas internalizações. Sendo assim, o parricídio é uma necessidade para que o sujeito se individualize e também defina o seu objeto de amor. Sem a culpa proveniente deste parricídio, não há um *self* individualizado, não há uma organização interna avançada da vida psíquica.

A teoria de um minguante do complexo de Édipo (Loewald, 1979) baseia-se então em primeiro lugar no recalçamento, em segundo lugar, na “destruição” (segundo Loewald, transmutação) por internalização, envolvendo o parricídio e a culpa, e em terceiro lugar, na “destruição” em relação ao objeto de amor, com renúncia aos laços incestuosos e recriando o assassinio e o luto dos laços edípicos relativamente a outros objetos. Mas apesar deste processo, ao longo da vida estes eventos tenderão a repetir-se a diferentes níveis, não havendo uma definitiva destruição do complexo de Édipo.

No complexo de Édipo invertido, o pai é visto como um objeto libidinal devido a um deslocamento ou devido à criança investir libidinalmente no pai de maneira a suportar a ansiedade de castração provocada pelos conflitos eróticos primários pela mãe (Lewes, 1998). A mãe é vista como uma interditora da pulsão erótica e é fonte da ameaça de castração. Mas noutros casos, este papel é assumido primeiramente pelo pai e ao mesmo tempo que este é o objeto libidinal.

Na primeira fase do complexo de Édipo, a figura paterna interditora corresponde ao Édipo positivo e o objeto paterno ao negativo; a fase invertida representa uma defesa contra a anterior (Lewes, 1998). No complexo de Édipo plicado (conceito desenvolvido por Lewes (1998) ao estudar sujeitos homossexuais neuróticos), não há a passagem de positivo para o negativo. A mãe nunca emerge como figura erótica proeminente, nem como objeto nem como interditora, e o pai desempenha os dois papéis, simultaneamente. No complexo de Édipo plicado, falamos apenas duma figura, o pai que desempenha dois papéis opostos e simultâneos – o que excita e o que proíbe a estimulação erótica. Esta forma do complexo de Édipo representa a primeira e central experiência do estágio da pulsão fálica. Pode ser vista como um resultado defensivo da fase pré-fálica, uma fase com uma aproximação ansiosa e manipulada pela mãe. Mas quando chega à fase fálica, o Édipo aparece com transformações secundárias defensivas. Segundo Lewes (1998), o complexo de Édipo plicado é o mecanismo primário ou mesmo o único em que se pode verificar consistentemente a orientação sexual homossexual nos adultos.

No complexo de Édipo, segundo Lewes (1998), a mãe não está envolvida na dinâmica fálica do rapaz homossexual. Ela aparenta não ser uma figura significativa no complexo de Édipo destes rapazes. Nas relações pré-edípicas, os rapazes homossexuais estavam cheios de raiva e de ansiedade o que levou aos sujeitos a fazer um recalçamento da mãe, uma espécie de assassinato ou lesão da mãe na sua memória. As memórias da mãe são recalçadas. E se este recalçamento ocorre, a mãe é rejeitada como objeto erótico e o pai substituí-a.

O complexo de Édipo negativo resulta quando o pré-fálico ou o laço fálico primitivo com a mãe é recalçado como uma resposta à incapacidade da criança de controlar a agressividade infantil dirigida à mãe e à ansiedade intolerável que daí surge (Lewes, 1998). O laço libidinal com o pai, durante a extensão do período fálico, é uma defesa erigida para lidar com a agressividade e a ansiedade resultante do laço primitivo

com a mãe. O complexo de Édipo negativo resulta numa defesa e não é uma fase erótica nem principal nem irreduzível.

Aqueles que acreditam no papel da mãe primitiva cuidadora, vêem mais registros pré-edipianos de proteção ou abandono, ou o afeto de vergonha associado com lutas com um superego arcaico externo e primitivo, e menos a nível sexual dum complexo de Édipo negativo com os seus sentimentos de culpa, a sua sexualidade e agressividade (Balsam, 2010). Para Girard (2004), o foco principal não é o desejo pela mãe, mas o desejo da rivalidade com o outro devido a qualquer elemento que o outro possa possuir e que o sujeito deseja ter. Há uma conexão entre imitação e rivalidade. Green (2005) explica que o complexo de Édipo não é um triângulo fechado, mas sim um triângulo aberto. Até a criança conseguir perceber a existência dum terceiro elemento, o pai, ela irá ser influenciada pelas fantasias da mente da mãe sobre o pai (Green, 2004). Este pai não é o indivíduo em concreto, mas sim um terceiro elemento que ultrapassa quem é o verdadeiro pai. Não se sabe quem é o verdadeiro pai para a mãe, se é o seu pai, a sua mãe, o seu irmão, ou o primeiro amor. Nem se sabe como nem quando o pai é experienciado na mente da mãe quando a mãe está na relação com o seu bebé.

A criança está presente na sua mãe e principalmente relaciona-se com o seu corpo (Green, 2004). A criança foge da fusão e da dependência para a separação e para a independência. A fusão ocorre no estágio primário e a separação ocorre à medida que o sentido de independência cresce e não devido a algo inato. O pai, que se coloca entre a mãe e a criança, modifica o investimento direto de união da mãe com o filho e favorece a separação. A criança responde à quebra da continuidade do laço com a mãe querendo impedir os pais de se unirem na cena primitiva. São estas interrupções da ligação entre a mãe e a criança e da ligação entre o pai e a mãe que desenvolvem a culpa e por conseguinte a génese do superego e do ideal do ego (Green, 2005). A separação ocorreu porque o pai interveio indiretamente através da mãe, através da mente da mãe. Depois o pai age autonomamente tanto como aquele que separa, aquele que proíbe e como objeto para ser amado.

Dos três polos deste triângulo, a mãe é a única que tem uma relação corporal com os dois, com o pai e com a criança, mesmo que difira na sua expressão (Green, 2005). Esta situação gera um conflito de grande intensidade para ela, porque tem de saber conjugar o carinho e a sensualidade com a necessidade emergente de não os confundir (Green, 2004). Se a mãe está a pensar no pai enquanto está com a criança numa intimidade próxima, está ausente da criança a um certo nível, apesar de estar na

sua presença. Mas pode lidar com esta situação articulando uma relação indireta entre o pai e a criança através dos seus próprios desejos, como por exemplo, ao falar à criança sobre o pai. O pai é presente com a mãe e ausente com a criança, apesar de por vezes ter relações corporais com a criança e não ser um objeto distinto, nunca se poderá comparar com a relação que a criança tem com a mãe. Mas se a sua presença com a mãe não é constante, ele pode satisfazer o seu prazer pelo corpo da mãe através da relação sexual. Em relação ao bebé, quando a mãe está a amamentá-lo, ela partilha com ele o prazer de sugar. Esta situação precisa de ser recalcada: se a mãe tem o cuidado de recalcar na sua mente uma ligação estreita destas duas situações (a sensualidade quando está com o pai e a relação mãe-criança), será a criança que aumentará as probabilidades do regresso forçado do recalcado através dos seus estímulos.

O complexo de Édipo faz com que a criança invista de forma positiva no laço com a mãe (afeto e carinho) e de forma negativa no laço com o pai (relação hostil baseada no ciúme/inveja). Com o complexo de Édipo negativo, este modelo desenvolvido por Freud dá-nos uma referência à bissexualidade. O que é recalcado não é só a sexualidade de pessoas do mesmo sexo (homossexualidade), mas a sexualidade seja heterossexual ou não (Green, 2005). O modelo permite-nos perceber a relação entre o desejo e a identificação em que o desejo é sempre sujeito ao recalçamento. Uma das maiores descobertas foi que no complexo de Édipo a hostilidade é transformada em identificação (Green, 2005). É o paradoxo do complexo de Édipo: *“sê como o teu pai, vê-o como modelo, mas não faças tudo o que ele faz e obedece quando ele te proíbe de possuíres a tua mãe”*. Não é uma questão de aceitar a proibição total e completa, mas sim de aceitar a proibição ao incesto, mantendo a escolha de objeto do mesmo sexo do objeto de desejo, fazendo um deslocamento para outra pessoa.

3. Édipo Precoce

O complexo de Édipo inicia-se no primeiro ano, na relação com o seio da mãe (Klein, 1945). Esta relação é o que determina o desenvolvimento sexual e emocional do sujeito. A gratificação que o bebé retira da relação com o seio materno faz com que ele procure novos objetos que poderá desejar. O novo objeto depois do seio será o pénis do pai. Este novo desejo aparece quando a relação com o seio causa frustração ao bebé. O seio e o pénis são os objetos primários do desejo oral infantil. Quando a mãe é percebida como o objeto único, há uma mudança na relação entre o bebé e a mãe, porque o bebé toma consciência da relação que existe entre o pai e a mãe – inicia-se o

complexo de Édipo. Quando o bebê sente a ligação libidinal entre os pais, ele projeta para eles os seus próprios desejos libidinais e agressivos.

Para Klein (1945), ao contrário de Freud (1923) como já vimos, a criança tem a noção de ambos os sexos, do pênis e da vagina. No menino, as sensações genitais têm como base a expectativa que o pai possua um pênis que o menino deseja já que o seio é igual ao pênis (Klein, 1945). Ao mesmo tempo, os impulsos e sensações genitais do menino procuram uma abertura onde possa pôr o seu pênis que, assim sendo, são direcionados para a mãe. Os desejos genitais pelo pênis do pai, juntamente com os desejos orais, provêm do complexo de Édipo invertido nos estádios precoces.

A relação com o seio materno e os impulsos e fantasias orais, uretrais e anais fazem com que o rapaz desenvolva uma posição feminina (Klein, 1945). Se o rapaz consegue transformar o seu amor e os seus desejos libidinais pelo seio da mãe para o pênis do pai mantendo o seio como bom objeto, então o pênis do pai será fantasiado como um órgão bom e reprodutor que lhe pode dar uma gratificação libidinal, que lhe pode dar crianças como faz com a mãe. Estes desejos femininos são a base para um complexo de Édipo invertido que constitui a primeira posição homossexual do menino. O pênis do pai que é um órgão bom e reprodutor pode fazer com que a criança ganhe a capacidade de desenvolver desejos edipianos positivos. Isto só acontece se o menino tiver força suficiente para acreditar na “bondade” do genital masculino para que ele mesmo experiencie desejos genitais para com a sua mãe. Quando o medo de castrar o pai é diminuído devido à confiança no pai bom, o menino pode enfrentar o ódio e a rivalidade edipiana. Quando os seus impulsos de amor predominam, o pênis do menino torna-se capaz de gratificar e de dar crianças à sua mãe (Klein, 1945). Se o menino contiver dentro de si o bom seio e o bom pênis, ele ganha confiança nele mesmo para se deixar levar pelos seus desejos e impulso. Todas estas fantasias e emoções fazem com que o menino consiga enfrentar a angústia de castração e estabelecer uma posição genital segura.

Para Chasseguet-Smirgel (1976), o conflito edipiano é uma reformulação do conflito primário pré-edipiano da separação até à reunião com a mãe. O desejo edipiano é fazer da mãe a única amada, que mais tarde será a expressão de prolongamentos do narcisismo primário, a “nostalgia” da fusão primária, quando a criança se sente preenchida e atinge a perfeição. Este preenchimento, devido ao desejo de incesto, significa voltar à unicidade narcísica, à perda do *self* independente – morte psíquica.

A criança, ao chegar ao Édipo, é confrontada com a realidade de gênero e da diferença geracional. Não é o pai edipiano que liberta a criança da díade, mas sim o pai pré-edipiano (Chasseguet-Smirgel, 1985). No complexo de Édipo, a criança apercebe-se que os pais têm algo dos dois da qual ela está excluída. Há um limite que a criança reconhece como não poder ser como o pai porque é muito pequeno e assim não é alto suficiente como o pai é para a mãe. Mas a criança prefere entender isto como uma proibição do que como uma incapacidade sua.

No estágio pré-edipiano, a terceira presença na relação mãe-bebê não é o pai, mas sim o falo. O pai não está presente e por essa razão não é agente da proibição (Laplanche e Pontalis, 1967). Foi neste seguimento que Lacan (1956) falou de triângulo pré-edipiano para designar a relação mãe-bebê-falos, a terceira presença que faz parte do objeto fantasiado do desejo da mãe.

4. Complexo de Édipo inexistente

O'Shaughnessy (1989) acredita que quando o complexo de Édipo não aparece em análise não é por ser inexistente, mas por ser tão importante que o paciente faz tudo para que este seja invisível. Mas alguns indivíduos nem chegam a ter noção, quando crianças, do par edipiano, porque criaram defesas na infância precoce. A defesa mais utilizada destas crianças para tornar o complexo de Édipo invisível é a identificação projetiva que se tornou a maneira da criança se relacionar com o objeto devido às relações perturbadas com o objeto primário. São crianças cujos pais, precocemente, obrigaram-nas a ver as suas relações sexuais, havendo a possibilidade destas até serem incluídas. As consequências são sentimentos intoleráveis de inveja e aumento da ansiedade e da depressão. A criança não consegue internalizar as figuras parentais e vê os pais como uma figura combinada que fantasia clivar pondo-se no meio e depois projetar-se num dos pais separados. Os seus objetos, distorcidos pelas projeções, agora suportam um mundo da criança onde não existem figuras edipianas, mas objetos sexuais danificados e degradados. Devido à falta de bons objetos internos, estas crianças não se sentem capazes de desenvolver a unicidade e relacionam-se com o objeto através da identificação projetiva.

Para Green (2005), pode-se declarar a morte do complexo de Édipo nos dias de hoje porque o lugar do pai já não se mantém, pelo menos não como era suposto tradicionalmente.

5. Identificações no Complexo de Édipo

Na teoria de Coimbra de Matos (1996), a identidade é o resultado da identificação. Não nascemos com uma identidade já pré-definida, vamos construindo uma identidade subjetiva, em que as relações de objeto são a base e o veículo da construção identificativa que nos forma e transforma. Mas também somos construtores intencionais, espontâneos e livres do nosso ser psíquico, da identidade peculiar que nos vai definindo e que nos difere dos outros. Construimos, mais do que somos construídos.

Existem três percursos para construirmos a nossa identidade – processos de identificação (Coimbra de Matos, 1996): identificação imagoico-imagética, identificação idiomórfica e identidade alotriomórfica. Na identificação imagoico-imagética, o indivíduo identifica-se por incorporação-assimilação da imago e/ou imagem com que o outro o define. Captamos a identificação que nos é atribuída pelo outro. Este outro produz desejos, medos e fantasias em relação a mim, por vezes conscientemente e outras inconscientemente. Reconhecemo-nos face à imagem que a mãe fornece. A mãe é “um espelho vivo, criador e transformador” (p. 25). Este percurso identificatório pode tanto ser produtor de evolução como patogénico, dependendo sempre do outro. A identificação imagoico-imagética, derivada de afluxos inconscientes (imago) veiculados pela projeção identificativa – projeção que identifica – do objeto-sujeito identificador (mãe) e de transmissões conscientes (imagem) constituintes da identidade atribuída e respetivo processo de identificação pelo outro, pelo objeto que reconhece (que faz reconhecimento do sujeito), a identificação imagoico-imagética leva à constituição do núcleo primário da identidade – primeira cristalização identitária.

A identidade sexual é fixada pelo fantasma identificativo (imago sexuada) que a mãe projeta sobre o bebé (Coimbra de Matos, 1996). Podemos dizer que a identificação imagoico-imagética é uma identificação introjectiva precoce com origem na relação de objeto primária. Existe um inconsciente primário relacional que é cedido ao outro, um espaço virtual que o objeto preenche.

Na identificação idiomórfica, o sujeito identifica-se, constrói a sua identidade por intussuscepção (recepção no interior) das suas formas visíveis e comportamentos observados (Coimbra de Matos, 1996). O sujeito identifica-se à sua própria forma. É uma identificação por aprendizagem direta – experiência de se ver e experiência de fazer, e de mostrar-se e mostrar o que faz, que se vê ao espelho, no espelho do olhar do outro. A identificação idiomórfica é a identificação sexual na fase genital precoce em

que a criança constrói a sua imagem sexuada por reconhecimento e integração dos caracteres sexuais externos. A identificação alotriomórfica é considerada por Coimbra de Matos (1996) a verdadeira identidade sexual, pois atinge uma identidade que não é apenas estática do corpo sexuado, como na identificação idiomórfica. É uma imagem dinâmica e funcional. O indivíduo identifica-se ao objeto eleito, o escolhido, amado, admirado, invejado. Identifico-me com o objeto ao qual me procuro assemelhar, introjectando os seus atributos que podem ser reais ou imaginários. Esta identificação permite uma abertura ao imaginário: a criança que se identifica ao pai do mesmo sexo, identifica-se também com o funcionamento/desempenho sexual, da cena primitiva. Mas é na medida em que desejo ser como o outro idealizado que expando a minha imaginação. A identificação alotriomórfica faz com que peguemos no que o outro acredita que é a nossa identidade e a transformemos conforme o que acreditamos que pode ser a nossa identidade.

A identificação e a proximidade com a mãe faz com que o menino perca a independência (Benjamin, 1988). O pai promove no rapaz uma maneira de este estar no mundo que se baseia no repúdio do papel materno e da própria identidade feminina, e quebra o laço mãe-filho. Um pai que não cumpre este papel irá fazer com que o menino na fase edípica não saiba a diferença entre o feminino e o masculino. O pai é visto como uma proteção do “narcisismo limitado” (narcisismo que idealiza o masculino) que faz com que o menino idealize o pai e denigre a mãe. O pai protege-nos da imagem da mãe arcaica. A temível imagem da mãe surge como uma resposta masculina à necessidade de separar-se da identificação primária com ela. Quando esta identificação é bloqueada, a mãe é reduzida ao outro que facilmente se torna um inimigo. O ponto de vista demoníaco do amor maternal é análogo à repulsa que o recalçamento confere sobre um desejo proibido.

No complexo de Édipo, a intervenção do pai dá ao menino defesas contra a mãe (Benjamin, 1988). Para além de se desidentificar com ela, o menino repudia a mãe e os seus atributos femininos. A quebra entre a mãe como fonte de bondade e o pai como fonte de individualização é endurecida pela polaridade na qual a sua bondade é redefinida como uma ameaça sedutora à autonomia. Assim, o ideal parental da separação é formado e vem incorporar o repúdio da feminidade. Reforça a quebra entre o sujeito masculino e o objeto feminino. O complexo de Édipo toma como garantido a necessidade do rapaz romper a identificação primária com a mãe. Retifica que o repúdio em questão é relacionado com o objeto materno associado com a fase inicial de unidade,

do narcisismo primário. A desvalorização da feminidade por outro lado enfraquece precisamente o que o complexo de Édipo tem com propósito encontrar: a diferença, a tensão erótica e o balanço das forças intrapsíquicas.

O menino aceita a separação com a mãe e mantém a identificação com o pai tendo como objeto de desejo a mãe (Benjamin, 1988). Nesta fase edipiana, o menino por muito que deseje a mãe tem medo de ser invadido pelo incesto porque se sente estimulado em demasia por desejos adultos pelo objeto materno. O menino tem como limite o tabu do incesto que para ele é experienciado como uma proteção. O menino vê na mãe um objeto de desejo ao qual ele não pode aceder, mas não vê a mãe como sujeito independente fora do controle de alguém. Ele identifica-se com o pai que considera superior à mãe porque ela é vista com um sujeito sem vontade própria que só responde ao desejo do pai.

Para Benjamin (1988), depois do Édipo todos os caminhos que se dirigem à mãe são bloqueados, seja a identificação seja o amor de objeto. Ser feminino com a mãe é como andar para trás, voltar para a díade pré-edipiana, é uma regressão perigosa. Para que a identificação com a mãe não seja feita, o menino tem que ter uma infância que promova o repúdio da dependência. Só assim atinge a individualidade que pressupõe a independência e a autonomia. Por outro lado, o menino também não deve agarrar-se ao pai internalizado, ao *phallos* ideal, que é sinónimo de proteção contra ser perturbado pela mãe. Se na identificação com o pai, o menino desvalorize a feminidade não irá alcançar a diferenciação que é suposto ser desenvolvida no complexo de Édipo. No complexo de Édipo, o menino não reconhece o outro como diferente, mas identifica-se com o igual ou desidentifica-se com o diferente. O igual, na infância, é definido sexualmente. Identificações com a mãe não são perdidas, mas são excluídas da identidade organizada pelo género.

O complexo de Édipo é fundamental para a estrutura da personalidade e para a orientação do desejo. A estrutura edipiana existe antes da criança nascer (Kancyper, 2006). Está presente nos desejos dos pais e nas suas identificações.

Lewes (1998) acredita que quando não há feminilidade no homem homossexual, seja a nível da aparência, do comportamento e da atitude, muito provavelmente este homem não fez uma identificação defensiva com a mãe porque conseguiu tolerar a ansiedade provocada por uma excitação heterossexual. Se o pai é o objeto edipiano primário, os mecanismos que normalmente envolvem a mãe são utilizados em relação àquele. Ou seja, o filho pode identificar-se com o pai e escolher futuramente objetos

narcísicos que se assemelham a um *self* fantasiado, assim reforçando a identidade masculina enquanto tem uma escolha de objeto homossexual. O pai do rapaz fálico reage à sua excitação com embaraço, desdém ou hostilidade, e para o rapaz fálico não é só a culpa que ele sente mas também a vergonha. Desta forma, a excitação sexual é inibida por culpa e por vergonha que provocam estranheza e embaraço. O pai geralmente é hostil e distante o que contribui para escolha do objeto homossexual (Bieber et al., 1962). Não é só o pai ser hostil ou distante que causa a homossexualidade, mas também a própria homossexualidade que causa essa negatividade.

O processo de identificação, segundo Kancyper (2006), deve ser visto através do modelo hegeliano da dialética. Ou seja, em três momentos: o primeiro momento, a tese (“Tens que ser como o teu pai.”), o segundo momento, a antítese (“Eu quero ser qualquer coisa exceto igual ao meu pai.”), e o terceiro momento, a síntese (“Eu quero ser eu, mas semelhante ao meu pai”, adquirindo alguns elementos do pai mas modificando-os reconstruindo um eu inovador).

6. Identidade de Género

Money (1977) observou que apesar do sexo biológico, o poder dos acontecimentos após o nascimento era muito maior na construção da identidade de género onde a cultura ultrapassava sexo biológico, as hormonas, o sistema nervoso, e tudo aquilo que poderia influenciar o comportamento sexual. As evidências biológicas (sexo biológico - pénis e vagina) e a bissexualidade psicológica (género - masculino e feminino) são evidências distintas, pois os dois sexos podem ter graus diferentes de masculinidade e feminilidade, tanto a nível do sexo como a nível do género (Stoller, 1984).

Butler (1999) teve a necessidade de distinguir o sexo do género, o sexo como algo que é biológico, o género algo que é construído culturalmente e que não nasce conosco. Se o género é um significado cultural que o corpo sexuado assume, então o género nunca pode ser definido devido ao sexo biológico. E sendo assim também não há razão para considerar o género algo que fica limitado por uma binariedade como o sexo (MacKinnon, 1997). Não há um ou dois sexos, mas tantos quantos indivíduos existam. Não há limites, nega-se o que é o sexo, negando até mesmo o complexo de Édipo (Wittig, 1979).

Através de respostas intensas e incorporadas e de contacto com o mundo material, apanhada na *reverie* consciente ou inconsciente dos pais, sendo um objeto de fantasia intensa ainda na fase pré-natal, a criança encontra na experiência do *self* cuja relação à qual ela já é vista e reconhecida, e da qual surgem construções de ideias por parte de fantasias dos pais sobre o género (Harris, 2005). A internalização (incorporação ou introjeção) do género/imagem corporal torna-se parte do dia-a-dia da criança.

Segundo Harris (2005), um elemento crucial na construção de género e da sexualidade da criança é o conforto ou desconforto dos adultos nos desejos das crianças, homoeróticos ou heterossexuais, sancionados ou transgressivos, evoluídos ou primitivos, agressivos ou recetivos.

Tradicionalmente, a homossexualidade é vista como uma perturbação do género, um resultado duma identificação de género. Este ponto de vista ainda continua nos dias de hoje, embora numa forma mais sofisticada, como um resultado inevitável da barreira entre a identificação e o desejo que é crucial para a resolução do Édipo (Barden, 2011). Para renovar esta forma de pensar, é necessário ver a homossexualidade como livre da identidade de género pelo menos no que toca aos seus constructos sexuais e para isso também há uma necessidade de retificar a teoria do complexo de Édipo.

Apesar de a homossexualidade ser cada vez mais uma realidade próxima, a teoria analítica continua a pôr a homossexualidade a uma distância confortável, uma estrada sem saída. A “normalidade heterossexual” é má para a teoria, má para o género, pressupõe-se identidades sexualizadas (Barden, 2011).

A resolução do Édipo traz consequências para teorias da sexualidade ou identidade de género que devem ser vistas com mais consideração. Os vários processos e resultados da resolução do complexo de Édipo requerem que o desejo e a identificação sejam separados. Para além do mais, estes processos e resultados são confusos quando o Édipo nem sequer é resolvido, ligado a um estado infantil, incapaz de se virar para o exterior devido ao laço materno. A homossexualidade é um cenário de inibição do desenvolvimento (Barden, 2011). Para o género, a bissexualidade psíquica encontra a sua maneira para uma identidade de género clara através da norma heterossexual. O homem torna-se homem quando define a sua relação com a mulher, ou seja, através da ansiedade de castração. Enquanto que a mulher torna-se mulher quando se definem a si mesmas na relação como o homem, através da inveja do pénis.

Para Barden (2011), Freud fez com que a homossexualidade não fosse vista como uma patologia. Para a homossexualidade ser vista como uma sexualidade matura

é necessário ver para além da escolha de objeto que é implícita e não pode ser tomada como garantida.

Para Winnicott (1964), a homossexualidade é sinal de um retorno ao estágio pré-edipiano e duma falha na identificação de género. Apesar deste assumir que a construção da identidade de género não se limita ao Édipo, também se constrói através da experiências do sujeito quando está em relação com o outro.

Existe uma ligação entre a feminilização/masculinização e a homossexualidade. Se o indivíduo pode ser transformado em mais masculino ou mais feminino, então a identidade sexual pode se sempre reverter à sua posição adequada (Barden, 2011). Se a identificação e o desejo podem ser livres duma exclusão mútua então irá abrir-se uma forma para a homossexualidade ser vista como um resultado de desenvolvimento igualmente válido. Mas isto não poderá ser feito sem que seja retificada a teoria do Édipo. A identificação de género cruzada não precisa de ser abandonada. A componente homoerótica do amor identificatório é sustentada pela heterossexualidade e pelo género. A identificação é necessária para o desenvolvimento pós-edipiano, é uma importante base para amar o outro (Benjamin, 1991).

7. A Orientação Sexual

Os resultados obtidos por Podder e De (2011) nos protocolos do TAT nos sujeitos do sexo masculino homossexuais foram analisados tendo em conta dimensões como a figura materna, a figura paterna, mostram uma relação entre a perceção da figura materna, figura paterna, a relação edipiana, o interesse heterossexual, a relação homossexual, a masculinidade/feminidade e a adequação/identidade (Tabela 1).

Tabela 1. Análise dos protocolos TAT dos sujeitos do sexo masculino homossexuais.

Dimensões	Homens Homossexuais
Figura materna	Há uma restrição da realização edipiana pela mãe.
Figura paterna	Eles desejam a ausência do pai e mostram ambivalência em relação ao pai (a sua presença é ameaçadora). Eles apreendem uma intervenção autoritária. O poder dominante masculino é constantemente uma fonte de ansiedade para eles.
Relação edipiana	Desejo edipiano aberto e a sua dor desencadeia uma atracção pela figura paterna levando a inverter o Édipo. A ansiedade de

	castração vem do domínio.
Interesse heterossexual	Inclinação heterossexual também está presente neles. Têm um enorme interesse. Resistem por medo de serem castigados.
Relação homossexual	Eles sentem extremamente o conflito com a orientação homossexual. Tentativas para inverter o processo leva a mais ansiedade do que prazer porque o seu sistema faz com que o superego seja castigado.
Masculinidade/feminidade	Inadequação à masculinidade e dúvida em relação à virilidade. Eles possuem qualidades femininas e falta de masculinidade.
Adequação/Identidade	Inadequação. Necessidade de ter uma identidade distinta.

Os resultados obtidos nos protocolos do TAT nos sujeitos do sexo masculino heterossexuais foram analisados tendo em conta dimensões como a figura materna, a figura paterna, mostram uma relação entre a percepção da figura materna, figura paterna, a relação edipiana, a relação heterossexual e o self/adequação (Tabela 2).

Tabela 2. Análise dos protocolos TAT dos sujeitos do sexo masculino heterossexuais.

Dimensões	Homens heterossexuais
Figura materna	Atracção e afinidade com a mãe.
Figura paterna	Identificação masculina. Dependência no suporte da figura paterna para provar a sua suficiência. Apreensão e apatia em relação a intervenções de autoridade são demonstradas por vezes.
Relação edipiana	Forte conflito edipiano é a causa do medo de passividade (angústia de castração).
Relação heterossexual	O parceiro do sexo oposto é directamente apreciado, mas está presente em alguns casos resistência sexual.
Self/adequação	Falta de autoconfiança, autoestima e sentido de adequação. Insuficiência pessoal e falta de confiança.

A Identidade do Sujeito Homossexual

1. Paradigmas Tradicionais da Homossexualidade Masculina

No século XIX, a homossexualidade era vista como uma patologia e por isso surgiu a necessidade de diagnosticá-la e até de curá-la. Inicialmente, falava-se de déficit de identidade de gênero e mais tarde começou a questionar-se as suas causas. Seria um sujeito homossexual de nascença, porque se desenvolveu ou porque escolheu ser assim?

Freud (1910), em “Leonardo Da Vinci e uma Lembrança de sua Infância”, propôs o primeiro paradigma da homossexualidade. Nada indica que Da Vinci tenha mantido relações homossexuais, mas também nunca teve nenhuma mulher na sua vida, quer a nível sexual, quer a nível amoroso. Era um homem pouco sensível ao erotismo e indiferente aos sentimentos de ódio e amor, mas com um enorme desejo pelo conhecimento. Freud afirmava que este desejo surge da persistência da curiosidade em relação à sexualidade, igualmente observável em crianças quando querem saber de onde os bebês vêm. Esta curiosidade é frustrante porque nunca é satisfeita.

Quando a sexualidade infantil é recalcada de forma excessiva, a pulsão sexual troca o seu fim sexual (amor) por um fim não-sexual (conhecimento) através da sublimação. Este recalçamento excessivo abre portas a três possibilidades para a pulsão sexual: o conhecimento e a sexualidade causam uma inibição generalizada do pensamento; o conhecimento torna-se sexualizado (i.e., o pensamento erotizado é o mesmo que praticar a atividade sexual – há uma substituição); a libido transforma-se em desejo de saber e evita os temas sexuais, como aconteceu com Leonardo Da Vinci.

Através de lembranças da infância do pintor, Freud sugere que a personalidade é organizada muito precocemente. Ele acredita que a experiência de mamar no seio da mãe traz um gozo vital à criança que fica marcado. Resulta uma fantasia oral (ligação pênis e boca) que implica uma fantasia homossexual passiva. Nesta fantasia, a criança acredita que a mãe possui os dois sexos. A fantasia da felação revelada através duma lembrança de Da Vinci determina um tipo particular de homossexualidade desenvolvido precocemente que é caracterizado por uma ligação erótica intensa que transforma o amor pela mãe numa identificação com ela, ligação que é reforçada por um pai ausente e autoritário, que negligencia e não apoia o filho. Quando se identifica com ela, o sujeito ama-se a si mesmo ao amar quem é igual a si – escolha do objeto homossexual.

Se o menino se identifica com a mãe e assume uma posição feminina estamos perante uma inversão do complexo de Édipo (Freud, 1921), em que a mãe já não é o

objeto de desejo, o que o menino gostaria de ter, mas sim o que o menino gostaria de ser. O sujeito homossexual é o sujeito que não resolve a fase negativa do complexo de Édipo e fixa-se na identificação com a mãe, uma identificação feminina.

Para Freud (1924), os homens que tem como objeto sexual o homem são considerados homossexuais ou, como ele os designou, invertidos. Considera que existem três tipos de invertidos: a) os invertidos absolutos que cuja sexualidade só tem como objeto indivíduos que pertencem ao mesmo sexo que eles, enquanto os indivíduos do outro sexo os deixam indiferentes ou mesmo lhes provocam uma aversão sexual. Caso seja um homem, ele não terá capacidade de um ato sexual normal, ou pelo menos, não terá qualquer prazer; b) os invertidos anfigénios que cuja sexualidade pode ter por objeto, indiferentemente, um ou outro sexo. Ou seja, não há exclusividade; c) os invertidos ocasionais cuja inversão é determinada pelas circunstâncias exteriores, em particular pela ausência de um objeto sexual normal ou pela influência do meio.

A inversão pode resultar no início da vida em que a impressão sexual de que a homossexualidade é apenas o prolongamento e a continuação. Outra hipótese de Freud é que foram as circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis que fixaram a inversão mais ou menos tarde (por exemplo, permanência nas prisões).

O objeto sexual dos invertidos é o homem em que o invertido se sente atraído pelas qualidades viris do corpo e do espírito masculinos, chegando mesmo a sentir-se mulher que procura o homem (Freud, 1924). Apesar de ser indiscutível que exista homens invertidos que conservaram os caracteres psíquicos do seu sexo, apresentando pouco caracteres sexuais do sexo oposto, e no fundo procuram no objeto sexual, caracteres psíquicos de feminilidade.

Sandor Rado (1940) rejeita a teoria de Freud explicando que a homossexualidade é uma resposta fóbica ao sexo oposto causada por proibições dos pais relativas à sexualidade infantil. Enquanto Freud, segundo a teoria da bissexualidade, afirmava que a homossexualidade fazia parte de um processo normal no desenvolvimento para a heterossexualidade, Rado vem fazer com que a homossexualidade seja vista como uma patologia – sendo possível a sua cura.

Segundo **Bieber e colaboradores** (1962), o paradigma biológico admite a possibilidade de existência dum “gene homossexual”. O paradigma sugere que a escolha do objeto é definida por um conflito primário e “natural” relativo ao pai. Este conflito fálico surge em fases pré-fálicas e até mesmo pré-natais. A escolha do objeto homossexual é um resultado natural determinado por hormonas, na pré-natalidade. Mas

este facto não explica o conflito edipiano, a ansiedade e o recalçamento, e o surgimento do superego e o seu desenvolvimento. Este paradigma não tem ainda explicações biológicas para o porquê do sujeito se aproximar eroticamente do pai nem dos desenvolvimentos ao longo da vida de o sujeito homossexual depois desta aproximação.

Por fim, o paradigma apresentado por **Socarides** (1968) foca-se nos estádios pré-fálicos, estádios esses que são determinantes na escolha do objeto do sujeito. Esta escolha do objeto homossexual é resultado de uma falha no processo de separação da mãe. O sujeito não consegue separar-se da mãe porque é uma mãe que não se quer separar do seu filho, quase como se se quisesse fundir com ele, e também porque ao não se separar da mãe a criança sente-se mais segura, logo é uma segurança desejada pela criança.

Os trabalhos desenvolvidos por Margaret Mahler (1982) vieram dar mais força a este paradigma. Mahler propõe a existência de fases desde o nascimento até à diferenciação da mãe. A simbiose, a segunda fase, é um esboço da diferenciação do eu e do outro. Na última fase, a fase separação-individuação (fase básica para o desenvolvimento normal), a criança torna-se num ser único, individualizado e atinge uma estabilidade objetal.

No caso dos sujeitos homossexuais segundo o paradigma de Socarides (1968), a mãe é vista como uma personagem perigosa e temível, uma personagem que forçou a separação ameaçando a criança com falta de amor e carinho. Mas, inconscientemente ou consciente, esta mãe desejava que a criança não se separasse dela. A criança acaba por retirar à mãe a carga libidinal que esta possuía. A perda da carga libidinal da mãe provoca na criança ansiedade e frustração e faz com que haja um deslocamento da economia da libido para um aumento da agressividade. Esta mãe é introjetada fazendo uma clivagem do ego. De que forma? Na sua escolha de objeto narcísica, o homossexual não só ama o seu parceiro como gostaria que a sua mãe o tivesse amado a si, mas também reage na sua relação com o parceiro com uma agressividade sádica repetindo o comportamento que experienciou com a sua mãe hostil quando esta forçou a separação. A hostilidade inconsciente reforça a negação do amor e carinho dado pela mãe. Por isso, a escolha de objeto do sujeito homossexual é uma procura de um reencontro com a realidade primária da sua relação primária, mas com imagens diferentes da mãe que ele experimentou. As consequências são comportamentos e atitudes mais efeminados, seja nas suas relações eróticas, seja nas outras relações, com altos níveis de dependência e raiva.

Segundo Socarides (1968), a homossexualidade também pode ser vista como uma fuga às mulheres de forma a resolver a separação da mãe. Mas, inconscientemente, o homossexual procura o objeto perdido, tentando encontrar nos seus parceiros relações narcísicas que antes experienciou na relação mãe-filho. Ele tenta desfazer a separação e continuar próximo da mãe como se estivesse a substituí-la utilizando o seu parceiro. Procura unir-se com a mãe. Este comportamento através da substituição, deslocamento e recalçamento foram descritos por Sachs (1923). Sachs sugere que, nos casos da homossexualidade masculina, a fixação à mãe é demasiado forte para existir um processo normal de separação. Para que esta separação aconteça através de um processo normal, a fixação a alguém do mesmo sexo deve ser punida e conseqüentemente incorporada no ego.

2. O Rapaz Edipiano

Na homossexualidade, masculino não tem necessariamente que corresponder ao ativo que Freud associou à masculinidade, e o feminino não tem necessariamente que corresponder à passividade que ele liga à feminidade. E, por isso, Freud não consegue responder a que género corresponde os sujeitos homossexuais. Por este motivo, desde Freud, houve uma tentativa de não relacionar a homossexualidade com a teoria de género que se rege essencialmente pela distinção do que é feminino e do que é masculino. Mas, inevitavelmente, o homem homossexual é visto como ser feminino.

O que converge na teoria de género para que tal pensamento surja é similaridade que o modo passivo do desejo da satisfação sexual no homem homossexual e na mulher heterossexual (Corbett, 1993). Por isso, podemos equacionar que o homem homossexual é passivo, e por essa razão, é associado à feminidade, sendo que os passivos são até menos agressivos que os activos (Pustel, Sternlight & Deutsch, 1971).

Mas chamar de feminino ao homem homossexual não é compreendê-lo. Apenas o afasta (Corbett, 1993). É necessário que haja a capacidade de perceber que o género homossexual desafia a convencional binariedade heterossexual do masculino-feminino. Neste sentido, tanto o homem homossexual como o homem heterossexual identificam-se com o masculino, e a identidade de género do homem homossexual deve ser distinguida segundo a experiência de passividade na relação com o outro homem (Corbett, 1993).

A passividade do homem homossexual ainda não consegue ser compreendida porque tanto nós como o pai censura o facto do filho não querer ser como o pai e

repudiar a passividade (Corbett, 1993). É uma teoria distorcida do desenvolvimento masculino onde o rapaz edipiano deve enfatizar o pai reprodutor, repudiar a passividade, e suprimir a variação edipiana, mais propriamente, quando o desejo do rapaz edipiano está direcionado para o pai.

Quando falamos de passividade no homem homossexual falamos de uma variedade de desejos e comportamentos, que se guiam através de um desejo do objeto relacional que consistem em ser cuidado por outro homem através de um desejo sexual de ser tocado ou preenchido por ele (Corbett, 1993). Assim, a atividade no homem homossexual é vista como desejos e comportamento de cuidar outro homem no sentido de haver o desejo de tocar ou preencher as zonas erógenas desse mesmo homem. Falamos em desejo passivo como algo que pode ser expresso através do prazer que o homem homossexual experiencia através do sexo anal. A passividade é vista como a perda do sentido do *self* temporariamente por se fundir ao render-se a outro. Fusão através da atividade, é por outro lado, perder o sentido do *self* temporariamente por se fundir ao inserir-se no outro. Para Corradi (2007), se o sujeito passar de passivo para ativo constituiu um mecanismo de defesa adaptativo então o sujeito irá utilizar esta forma de se defender *a posteriori*. Este mecanismo surge quando surge a ansiedade face à impotência e à vulnerabilidade infantil.

Os desejos passivos não negam a possibilidade de coexistir desejos ativos (Corbett, 1993). A maioria dos homens homossexuais vai variando entre relações sexuais sendo passivos e ativos. A escolha de objeto de amor do rapaz homossexual é moldada pelo pai, levando a que o desejo do rapaz seja ter as suas zonas erógenas preenchidas ou tocadas pelo pai (Corbett, 1993). Esta fantasia de ser amada pelo pai é essencialmente uma expressão de desejo passivo. Contudo, como todo o desejo sexual, este desejo passivo é associado um impulso ativo que é aparentemente contraditório, mas simultâneo, de apropriar-se e identificar-se com o pai. Ou seja, o rapaz, ao escolher o seu pai com o seu objeto, também se identifica com a atividade genital do pai. O homem homossexual move-se entre objetivos sexuais passivos e ativos que não refletem um tipo de tensão de binariedade associada à heterossexualidade, sendo a atividade do masculino e a passividade do feminino. Não esquecendo que o crucial da atividade e da passividade na homossexualidade parte do desejo simultâneo do rapaz pelo pai e pela identificação com o pai.

Para o sujeito homossexual, a integração de desejos passivos e o impacto que eles têm na sua experiência de género são geralmente uma fonte considerável de

conflito e de defesa. Para Corbett (1993), o gênero é descoberto aquando a identidade sexual, sendo que a maioria dos homens homossexuais têm consciência da diferença de gênero antes de terem consciência da sua homossexualidade.

O menino para adquirir uma identidade gênero masculina é necessário que negue a relação de dependência da mãe, se diferencie tanta da mãe como de outro objeto, que recalque e desvaloriza a feminilidade e que faça uma identificação ao pai que consista numa tentativa de internalizar e apreender componentes de um papel na relação que não é imediatamente satisfatória (Chodorow, 2001). A homossexualidade não é excluída da masculinidade, é uma masculinidade estruturada de maneira diferente (Corbett, 1993). Esta falta de compreensão e empatia faz com que se acredite que a masculinidade seja orientada pela reprodução da paternidade, que se baseia no repúdio à passividade.

Inicialmente, pensava-se que o rapaz edipiano, enquanto luta contra a masculinidade verdadeira, tem de triunfar sobre a passividade passando para agressividade (Corbett, 1993). A psicanálise mantém a teoria que através da identificação com o pai do mesmo sexo, a identidade de gênero e a sexualidade evolui. O rapaz identifica-se com a atividade fálica do pai e conseqüentemente há uma luta para representar o falo. Não esquecendo que a atividade deve ser mantida enquanto a passividade repudiada. Em particular, o desejo de ser passivo com outro homem é ser rejeitado. Na verdade, Freud (1937) sugeriu que a rejeição masculina dos desejos passivos por outro homem representa a base da masculinidade. O desenvolvimento masculino consiste na sucessão do papel do pai.

A passividade masculina é vista como um indicativo da identificação masculina e uma correspondente renúncia à masculinidade (Corbett, 1993). Esta identificação com o feminino é atingida através da abdicação da atividade fálica, o consentimento da castração, e a experiência fantasiada do ânus como uma vagina. Mas ainda não existem fundamentos científicos sobre este facto. Na verdade, não existe um homem homossexual que nos diga que imagina que o seu ânus é uma vagina e que imagina que é uma mulher. Aliás, a maioria dos homens homossexuais ao serem penetrados por via anal resulta numa ereção.

Ser penetrado é abdicar da masculinidade e abster-se da reprodução parental. Foucault (1985) acredita que a única coisa que vale a pena no comportamento sexual masculino é ser ativo, dominante, penetrante, e autoritário. Ao ser penetrado renuncia-se o poder. No entanto, é necessário perceber que apesar dos homossexuais serem do mesmo sexo biológico, nas relações amorosas, eles têm uma identidade de gênero

diferente, sendo que um assume uma posição ativa no casal (masculina) e outro a posição passiva (feminina) (Chodorow, 1995).

Os pais dos homens homossexuais não têm a capacidade de compreender a sua experiência precoce de gênero, o sentimento de estranheza, não ser um rapaz normal (Corbett, 1993). E por isso, quando rapazes, os homossexuais sentem esta falta de compreensão como um desapontamento do pai porque acreditam que não são os filhos que os pais desejaram.

Muitos rapazes homossexuais sentem-se humilhados e culpados ao serem vistos pelos pais (Corbett, 1993). Sentem-se derrotados. O reconhecimento da expectativa dos homens homossexuais sobre o repúdio face às suas experiências precoce proporciona a oportunidade de começar a examinar a natureza defensiva das suas fugas. O reconhecimento do repúdio da experiência precoce de gênero traz ao sujeito adaptações defensivas precoces e desejo recalcado pelo pai e desejos passivos ligados a esse desejo pelo pai.

Há uma distinção que deve ser clarificada entre a experiência de diferença de gênero dos rapazes homossexuais e distúrbio da identidade de gênero (Corbett, 1993). A identificação ao feminino pelos rapazes homossexuais não é tanto uma expressão de desejo por ser uma rapariga, mas sim pela experiência de passividade, de ser preenchido. Desejos passivos e a identificação com o feminino seguem lado a lado com a identificação com o masculino, pois são sempre criados como uma experiência de puzzle de gênero para o rapaz homossexual. O rapaz homossexual não consegue ser um homem como o pai e como o pai desejaria que ele fosse, mas sabe que também não é mulher. Apenas sabe que não é um homem conforme seria suposto ser.

3. O Gênero no Rapaz

O desenvolvimento da sexualidade masculina depende de como o rapaz edípiano lida com os perigos e prazeres fantasiados de ter um pênis. O orgulho no poder de ter um pênis e a sua crescente consciência do seu valor como fonte de prazer físico são ameaçados quando o rapaz se apercebe que existem pessoas sem pênis e pode haver a possibilidade de se tornar numa dessas pessoas (Stoller, 1984).

Greenacre (1958) afirmava que o sentido da masculinidade não se regia apenas por pertencer a um de dois sexos, neste caso, o masculino. O rapaz a partir do momento em que nasce vai tendo mais consciência do seu pênis, primeiro porque o sente e depois

porque dá um sentido para o ter. Por essa razão, o pénis não é essencial para a aquisição da masculinidade porque a criança pode ou não dar-lhe significado.

Para Stoller (1984), a identidade de género é derivada a partir de três fontes: a) a anatomia e fisiologia da genitália, b) a atitude dos pais, familiares ou pares em relação ao papel do género da criança, e c) a força biológica que pode mais ou menos modificar forças “atitudinais” provenientes do ambiente.

O género é uma forma de hierarquia onde quem é superior é o masculino. Há uma tentativa dos homossexuais de evitar a categorização de género, porque, no geral, as pessoas reconhecem o género como “é normal ou não é normal” (Corbett, 1996). Tendem também a confundir as categorias destinadas ao género e as categorias destinadas à sexualidade. Mas não se pode correlacionar a infância efeminada de um rapaz e a sua homossexualidade em adulto, ou seja, não se pode correlacionar a identidade de género desenvolvida na infância com a identidade sexual do adulto. Por outro lado, segundo Goldner (1991), a personalidade, a identidade de género e as estruturas de relacionamentos desenvolvem-se juntas, co-evoluindo e co-determinado umas com as outras. Há uma extrema dificuldade em generalizar as declarações sobre os géneros, porque os géneros têm um número infinito de substantivos (Corbett, 1996).

A feminidade no homem não deve ser vista como um contínuo – de mais para menos feminino – sendo quanto mais feminino mais défices de ego e maior possibilidade de uma personalidade patológica (Corbett, 1996). Para Friedman (1998), o homem homossexual quanto mais masculino for, menos probabilidade de ter uma personalidade patológica. Este contínuo de feminidade pode ser vista como um distúrbio da identidade de género ou uma não-conformidade de género (Corbett, 1996). Rapazes que são identificados com um distúrbio de identidade de género são vistos como extremamente femininos e severamente stressados. Rapazes que são identificados com uma não-conformidade de género são menos problemáticos, seja em relação à sua feminidade seja em relação à sua doença mental. Para o autor, não existe um contínuo de feminidade mas sim um contínuo de integração do ego e da estrutura psíquica. Os rapazes que demonstram comportamentos que não estão de acordo com o seu “género” encontram por parte dos outros hostilidade e desprezo. Esta antipatia surge muitas vezes comparando rapazes com raparigas como se ser rapariga fosse uma maneira de desvalorizar. Com o rapaz maricas, a feminidade torna-se um sintoma.

4. O Rapaz Efeminado

A infância dum rapaz efeminado pode ser confundida com a infância dum rapaz homossexual (Corbett, 1996). A infância dum homossexual como categoria conceptual não existe. A existência de rapazes proto gays tem sido até hoje silenciada ou estigmatizada. Os bullies identificam-nos como maricas, até os psiquiatras afirmam que estes rapazes possuem síndrome de rapaz maricas. A vida destes rapazes é contemplada com uma espécie de caridade silenciosa que esconde antipatia. Green (1987), Stoller (1984) e Friedman (1988) afirmaram que estas crianças que têm uma maneira de ser mais amaricada possuem um distúrbio de identidade de género. Mas a palavra «maricas» transmite-nos uma noção de fraqueza, delicadeza imprópria, e debilitação, desprovida de possibilidades desta criança ter nascido com resistência, capacidade de agir (Corbett, 1996). Muito diferente de rapaz efeminado: “eu nunca acreditei que fosse uma menina, mas tinha dificuldade a acreditar que era um menino. Apenas se tem duas opções.”.

A noção de género com a noção de homossexualidade vem contradizer e vai mais para além das categorias convencionais da masculinidade e feminilidade (Corbett, 1996). Para os homossexuais, segundo Freud, a virilidade não tem necessariamente de corresponder a masculinidade, e feminilidade não tem necessariamente de corresponder a feminidade. Para Freud, os homossexuais são geralmente localizados na teoria de género onde a distinção está entre o que é o feminino e o que é o masculino. Para quem ainda utiliza o conceito rapaz maricas, o género é o que sempre foi. Homens e rapazes ficam ansiosos cada vez que são caracterizados como feminino, porque sentem vergonha de serem “acusados” de terem perdido o género que era suposto terem (Butler, 1993). Esta ansiedade e vergonha que sentem deve-se à homofobia.

As Mães na Relação com os Filhos

O superego representa uma ordem do pai para a separação, e o ego ideal representa a meta que é a unicidade maternal (Benjamin, 1988). O superego corta a criança da mãe, o ego ideal puxa a criança em direção a ela de novo (Chasseguet-Smirgel, 1976). A mãe é vista como a única narcisista, negando o erótico, o conteúdo edipiano do desejo da criança por ela (Benjamin, 1988). A mãe aparece como temida, como figura arcaica que o pai edipiano tem de derrotar (Chasseguet-Smirgel, 1976).

No complexo de Édipo, a confrontação com a realidade é contingente no incorporamento da diferença do pai e do princípio da realidade (Benjamin, 1988). A mãe parece não ter um papel ativo em trazer a criança para a realidade. A mãe utiliza a sua força magnética de regressão e o pai luta contra isso. O pai está associado à idade adulta, separação e auto-controlo. Mas mesmo que o pai signifique crescer e separação, isso não significa que o pai seja o que faz com que a criança se desenvolva.

Apesar da dominação da mãe pelo pai, no inconsciente, a mãe reina como uma figura onipotente (Benjamin, 1988). Por detrás de uma aparente dominância masculina está uma realidade baseada numa onipotência da mãe primária.

Na luta entre o pai e a mãe, quando o pai vence, o resultado é a crença é que o derrotado, a mãe, é demasiado perigosa e poderosa para coexistir com ela (Benjamin, 1988). Os laços narcísicos conseguidos através da identificação denigrem a associação com a feminidade, e logo, com a experiência com a mãe primária. Se houver uma ausência emocional do pai é péssimo porque a criança não terá qualquer obstáculo na sua ilusão de onipotência.

Diferenciação primária, separação da mãe é baseada na identificação com o pai (Benjamin, 1988). Assim, a tentativa de gerir a dependência através de sentimentos de unicidade está reservada à identificação com a mãe. Cada uma destes aspetos estão associados ao género: independência com masculinidade e unicidade com feminilidade.

No modelo edipiano, o pai, seja qual for a forma – seja o limitador do superego, a barreira fálica, ou aquele que proíbe na fase fálica – representa sempre a diferença e disfruta duma posição privilegiada sobre a mãe (Benjamin, 1988). O poder da mãe é identificado com gratificações primárias e primitivas que deve ser renunciado, enquanto o poder do pai é associado com desenvolvimento e crescimento. A autoridade do pai é suposto proteger-nos da irracionalidade e submissão; ela atrai-nos para a transgressão.

São os desejos inconscientes da mãe que nos fazem ser quem somos (Spurling, 1959), nomeadamente a feminilidade. Stoller (1993) põe como hipóteses que a extrema feminilidade em alguns meninos resulta de uma forma específica de dinâmica familiar e que a feminilidade nestes meninos não constitui uma defesa contra a ansiedade primitiva, avassaladora, mas, ao contrário, surge devido à gratificação excessiva. Relativamente à primeira hipótese, Stoller verificou que “quanto mais mãe e menos pai, mais feminilidade” (1993, 48). Nesta hipótese, o desenvolvimento da criança para porque a simbiose mãe-bebé é excessivamente estreita e gratificante e não perturbada pela presença do pai. Esta simbiose impede com que o menino se separe psicologicamente

de modo adequado do corpo de mulher da mãe e do seu comportamento feminino. Quando os casos são mais extremos, onde os meninos desejam tornar-se mulheres, Stoller (1993) considera que os meninos estão num estado defensivo congelado, mas que têm um núcleo de uma estrutura de carácter confortável, primitiva, que apenas depois de um tempo fica acrescida de ansiedade e de componentes conflituais. Quando a feminilidade é demasiado acentuada podemos dizer que é um caso de fixação porque há um processo que não se desenvolveu de forma normal e foi bloqueado. Isto tudo porque os meninos se tornaram apêndices das mães não havendo uma experiência de separação e individuação.

Estes meninos que recebem de mais das mães que não permitem eles tornarem autónomos são mãe que tiveram menos, que foram menos investidas, e que precisam manter os seus filhos (Stoller, 1993), como se ainda fossem parte dos seus corpos, de modo a curar o sentimento de não ter valor enquanto mulher. Este bebé, que está constantemente rodeado pelo amor e esforço da mãe para anular a dor e a frustração, irá tentar esquivar-se desta mãe. A mãe, em resposta, para evitar com que o seu filho escape, produzirá nele ansiedade primitivas, que não são fortes o suficiente para que faça com que o menino se mova para a masculinidade. Este amor, esta inundação do desenvolvimento do menino num ambiente quase sem frustração, deve-se à falta de pai. Ele não está lá como uma pessoa com quem identificar-se e a quem amar, e o pai não está lá para proteger o filho da conduta envolvente da mãe.

1. As Mães na Infância dos Filhos

Os rapazes efeminados encontram muito de si nas suas mães, e não nos outros (Corbett, 1996). Mas a maior parte das suas memórias em relação às mães por muitas que sejam são contraditórias no sentido que ou são boas como uma mãe que dá afeto, que é criativa, que cuida, que foi tanto a mãe fálica como a mãe continente, com quem se tem empatia, ou são más como uma mãe que é agressiva, que ameaça, que protege demasiado, que não está em sintonia com o crescimento do seu filho, que reprime, que censura, que ele teme se a danificar devido à sua separação durante o desenvolvimento sexual, a mãe com quem ele teve as suas lutas na fase fálica. São temas tão contraditórios relacionados com uma pessoa com quem o sujeito tem uma forte ligação. O sujeito fica no impasse entre a luta com a ligação com a mãe e logo a identificação

com ela, e seguir em frente com novas relações e expandir o sentido de identidade. É uma luta que não revela um self fragmentado nem distorções do funcionamento mental.

O curso do desenvolvimento do rapaz que se identifica com a sua mãe poderá ser visto como uma situação de um trauma primitivo, um fraco desenvolvimento do self e dificuldades de maturação (Corbett, 1996). Atualmente, na verdade, não há nada que suporte que o rapaz feminino tenha uma identidade feminina, muito menos que ele é submetido à identidade da mãe. Também não se diz com certeza que as formas do rapaz poder se identificar com a sua mãe como único de uma regressiva falta de separação.

As mães possuem uma severa inveja do pênis do pai ou de irmãos mais velhos agregada a raiva que as tornou mulheres que possuem um vazio, cujo objeto de amor é vazio e não investe (Stoller, 1984). O filho é visto pela mãe como um falos que é do seu próprio corpo. Mas esta fantasia conforme o filho vai crescendo desaparece e ela depara-se com um homem que já não é um prolongamento de si. Mas a mãe não deixa de promover a visão que o filho é parte de si, através da identificação, e o filho é tratado como o objeto que ela feminiza – um pênis feminizado pela mãe. O filho, o falos da mãe, é a cura para o vazio que a sua própria mãe lhe proporcionou. A afirmação da posse do falo permite ao sujeito recuperar a confiança em si e a competição com objetos não sexuais (Bergeret, 1991). Este carácter fálico apresenta-se como uma defesa contra a posição caracterial depressiva.

A mãe do menino é uma mulher que na infância desenvolveu um forte traço de masculinidade que é misturado com a sua feminilidade (Stoller, 1982). Junto com esse tipo de bissexualidade, existe uma outra característica essencial na personalidade dessa mãe: ela é cronicamente deprimida. Isto porque terá tido uma mãe distante, vazia, que não investiu mas que mesmo assim é poderosa. Estes dois fatores levam esse tipo de mãe, forçosa e continuamente, a “inundar” o seu filho com a sua presença desde o nascimento até que a simbiose seja rompida. Essa simbiose ao prolongar-se até aos 3-4 anos causa distúrbios no desenvolvimento da masculinidade do filho. Os filhos são fadados a servir de falos guardado como um tesouro que elas ansiavam, por causa das necessidades inconscientes, criadas no passado dessas mães. Os filhos tornam-se na cura da solidão, da tristeza e da falta de esperança instaladas nas mães pelas suas próprias mães que eram frias e poderosas e pelos seus próprios pais que eram rejeitantes. O pênis faz com que elas não se sintam inferiores por não serem homens. Esses meninos não são feminilizados porque as suas mães desejavam uma menina. A

mãe trata o filho como uma parte do próprio corpo e a criança considera-se como sendo parte do corpo dela: mulher. Esta simbiose não é interrompida, não somente porque esta criança é adorada por anos, mas porque o pai não a interrompa como até a encoraja, concordando que o filho seja realmente bonito, amável e que está fora de perigo. O pai nem existe como modelo para a identificação masculina, nem para proteger o filho dos efeitos feminilizantes da mãe.

As mães atrasam o processo de separação devido a uma fixação com os primordiais de satisfação do contacto pele com pele e não permitindo a frustração do bebé quando abandonado (Stoller, 1984). O bebé irá fazer uma grande identificação à mãe, influenciando os limites do ego e por conseguinte a identidade de género. Na teoria psicanalítica, as mães e as mulheres são vistas como arcaicas e regressivas. As mães dos rapazes efeminados são perigosas (Corbett, 1996). A integração do ego e o desenvolvimento da personalidade está ligado com a identificação do laço sexual pai-filho. Se houver uma identificação com um dos pais, então, terá um ego integrado e uma personalidade estável. Este processo de identificação é conhecido como o laço sexual, onde os rapazes é suposto identificarem-se com os seus pais e as raparigas com as suas mães. E, assim, por esta lógica, o desenvolvimento do ego, o desenvolvimento da personalidade e o desenvolvimento do género misturam-se. Um rapaz saudável deseja ser como o seu pai. Os rapazes que desejam ser como as suas mães não só são vistos como terem falhado um passo no seu desenvolvimento adequado, mas também terem caído traumáticamente nos braços duma mãe arcaica. As mães continuam a ser marginalizadas, e patologizadas como super-protetoras, indulgentes, sedutoras, super-ansiosa, ou triste com seu casamento. As mães sedutoras tendem a procurar duplicações de objetos infantis nos objetos atuais, sempre com inquietações emotivas, aparentemente irracionais (Bergeret, 1997).

Os rapazes efeminados enfrentam uma crise quando separados das suas mães (Corbett, 1996). Eles não desejam desidentificar-se com elas. Pelo contrário, eles lutam por permanecer com as suas identidades femininas. As suas vontades são recebidas com negação conforme eles tentam seguir em frente. Quando não seguem em frente com uma identificação com o pai – o avanço que é esperado e encorajado – os rapazes efeminados enfrentam uma crise de vergonha e de uma falha narcísica que pode levar a uma depressão na infância.

Goldsmith (2001) clarifica que apesar da relação da criança com a mãe ser essencial para o desenvolvimento psicosssexual, não deveria existir um estereótipo de

mães (intrusivas, sedutoras, etc.) como fez Bieber (1965). Bieber (1965) caracterizou as mães dos sujeitos como excessivamente íntimas com os seus filhos, possessivas, dominantes, superprotectoras e por essa razão desmasculinizadoras. As mães superpoderosas e superprotetoras, as mães “boas demais” injectam hostilidade no seu amor, e dão experiências felizes ao filho evitando a frustração em troca da sua liberdade (Stoller, 1982).

A agressividade da mãe não é assumida pela mesma. Ela nega-a e por conseguinte o filho denega-a também. A mãe subtilmente inverte a relação acusando o outro de ser o impulsor da agressividade e ela o alvo (Martins, 2009). A perversão narcísica refere-se a uma falha narcísica inicial, a partir da qual a mãe procura no poder exercido sobre o outro, uma forma de sustentação e preenchimento do seu próprio narcisismo. A mãe fortalece-se através da desvalorização do outro. Projecta no objeto o que é mau e procura ter controlo desses conteúdos através do controlo que tem sobre o objeto (Eiguer, 2001). Ele existe através do outro destruindo as suas próprias dificuldades imaginariamente ao projectá-las no outro e controlando-o ou destruindo-o, pondo no outro aquilo que é recalcado de si mesmo. A perversão narcísica apresenta-se como uma tentativa de evitar a perda do eu (Angelierques & Karnel, 2003). É uma luta pela vida, pela sobrevivência psíquica, devido à dificuldade de separação de um objeto primário que foi vivido como intensamente intrusivo (Martins, 2009). A mãe tenta separar-se deste objeto primário que lhe fez mal, mas tem não sobreviver caso consiga efetivar esta separação. Odeia o objeto primário por ele ter-lhe falhado, mas precisa do objeto, do outro, justamente porque, devido a uma falha primária, sente que não sobrevive sem ele. A mãe acredita que esta perversão que é utilizada como defesa é essencial para a sua sobrevivência (Eiguer, 1995). O outro é visto como ameaçador que necessita ser controlado, mas a mãe não consegue permitir que lhe venha à consciência que esta ameaça é construção sua, uma manipulação inconsciente que visa apoiar-se no narcisismo desse outro. Por essa razão, a mãe trabalha para defender uma falsa imagem todo-poderosa, uma imagem sem falhas, sem aparente vazio, para combater o outro (Eiguer, 1996). Ao fazer o outro sentir-se culpado pela sua própria agressividade, manipula-o e usa-o, impedindo de o outro se tornar independente (Martins, 2009). Para sobreviver, o perverso narcísico precisa do outro, mesmo que seja para maltratá-lo. A mãe perversa necessita desta manipulação para ocultar um conflito interno, para que ela se defenda do vazio. A relação de objeto é sempre anaclítica porque o sujeito não desenvolver uma economia triangular no Complexo de Édipo (Bergeret, 1997). A

angústia dos sujeitos que têm um caracter narcísico é o medo de perder o amor do objeto e a sua proteção. Caso exista medo da perda do objeto o sujeito para além de desencadear uma angústia do abandono, desvaloriza-se e predominará uma agressividade reactiva. Esta angústia poderá desenvolver uma agressividade com o propósito de dominar o objeto de maneira a tê-lo próximo. O Ego destas organizações dispõem de uma grande quantidade de agressividade manifestada numa aptidão para a ação. Ao não inibir as pulsões agressivas podem aparecer tendências depressivas.

Bieber (1965) observou que estas mães dormiam com os seus filhos mesmo na adolescência e que por vezes se expunham nuas. É tão inadequado como mãe como é como esposa, segundo Bieber. São mães que se preocupam essencialmente com as suas necessidades extinguindo a possibilidade dos seus filhos terem um desenvolvimento psicosexual dito normal. Ao desmasculinizar o filho, a mãe assegura-o como seu porque ele não a irá abandonar por outra mulher. Goldsmith (2001) afirma que as mães dos sujeitos homossexuais devem apenas ser vistas como rivais. Ao contrário dos sujeitos heterossexuais, o objeto de amor primário é o pai e tanto a mãe como o filho lutam pelo seu amor, apesar do filho ter necessidade de controlar a sua raiva e agressividade contra o objeto rival e ao mesmo tempo a angústia de ser punido por ele. Mas o objeto de amor do menino nunca irá corresponder aos seus sentimentos. O pai tem tendência afastar-se da relação e baixando a auto-estima do filho.

2. As Mães na Idade Adulta dos Filhos

Os sujeitos homossexuais descrevem a relação com as suas mães como afetuosa e próxima ou hostil (Lewes, 1988). Na visão de Goldsmith (2003), a relação do rapaz homossexual com a mãe parece próxima, livre de tensão, porque ele faz tudo para a agradar reprimindo a sua agressividade. A relação “pacífica” entre o sujeito homossexual e a sua mãe é superficial, sugerindo uma descontinuidade entre memórias da infância primitiva e idade adulta, como se estes homens tivessem duas imagens separadas da mãe, uma infantil com desdém ou afeto e não-elaborada, outra madura e ambivalente (Lewes, 1988). Todavia, os homens homossexuais possuem uma imagem madura e duradoura da mãe que não é contaminada pelas suas imagens mais primitivas. A imagem materna é ambivalente e afetuosa quando o conflito edipiano é bem resolvido. Mas a imagem primitiva da mãe nos sujeitos homossexuais não desaparece, apenas é uma imagem descontínua com a visão atual que eles têm agora. Em síntese, nas fases orais e anais, os homens homossexuais têm uma relação libidinal e agressiva

com a mãe, mas, na fase fálico, o objeto libidinal, agressivo e conflitual passa da mãe para o pai. A relação conflituosa com a mãe fica por resolver e a maior parte não é recalçada. A resolução dos sentimentos conflituosos para com a mãe são resolvidos usando o pai como objeto duma maneira sexual, ou seja, o percurso psicosexual dos sujeitos homossexuais consiste em passar de fase para fase preservando o objeto.

II. PROBLEMA EM ESTUDO

Os estudos existentes foram realizados no intuito de compreender a relação mãe-filho dos sujeitos homossexuais e nos quais a caracterização da mãe era centrada nessa mesma relação. Contudo, a mãe não foi caracterizada para além dessa relação.

Encontra-se patente uma falha na literatura que auxilie uma compreensão mais profunda da mãe dos sujeitos homossexuais, da sua representação enquanto sujeito, na relação mãe-filho, na relação com o seu objeto de amor e nas suas identificações.

Perante a revisão bibliográfica anteriormente apresentada, o objetivo geral que move este estudo é conhecer a mãe como ela é vista pelo sujeito no sentido de perceber se existem características comuns provenientes da maneira como a mãe do sujeito homossexual se relaciona com o seu filho. Primeiramente, iremos analisar a mãe enquanto sujeito, e as suas relações de objeto (e.g. filho, pai, etc.) e posteriormente iremos analisar o filho enquanto sujeito, e as suas relações de objeto com a mãe e com o parceiro. No seguimento desta análise, as relações de objeto da mãe e do filho serão comparadas assim como as suas identidades no sentido de encontrar semelhanças e/ou diferenças. Em consequência, poderemos observar a influência da mãe nas escolhas de objeto e nas identificações do sujeito.

III. METODOLOGIA

Para adquirirmos as características comuns das mães dos sujeitos homossexuais na perspectiva dos filhos, estudámos cinco participantes através de duas entrevistas e da passagem da prova projetiva do T.A.T. Nas entrevistas, o sujeito pode falar livremente e deu-nos a conhecer quem é, quem é a sua mãe, qual a relação que estabelecem entre si e a relação que têm com os seus objetos de amor. Ao falar livremente, o sujeito fornece as suas representações da mãe. Nas entrevistas, objetiva-se a interpretação do discurso do participante para compreender não apenas as suas representações, como também os mecanismos de defesa, dando ênfase à narrativa com o princípio psicanalítico da associação livre. As perguntas promovem o encorajamento dos entrevistados a fornecerem-se as suas narrativas de forma livre. O princípio da *Free Association Narrative* é baseado na ideia que inconscientemente o sujeito irá fazer ligações entre ideias, tendo em conta o conteúdo mas não sendo esse o nosso foco. Este método promove o *insight* relativamente a significados emocionais para o sujeito. Por essa razão, é um método útil e apropriado para explorar questões da identidade, das representações e das emoções.

O T.A.T. representa situações humanas tipificadas que tentam provocar a imaginação do sujeito. A prancha pode ser uma referência permanente ao manejo da libido e da agressividade, quer no registo da problemática edipiana, quer no registo duma problemática mais precoce. O conteúdo manifesto no T.A.T. é representado pelos principais elementos presentes no cartão (personagens, objetos, etc.) (Shentoub, 1983). O conteúdo latente no T.A.T. consiste a uma determinada problemática que o cartão induz (Shentoub, 1983) (ver em anexo A). Esta técnica permite-nos conhecer os impulsos, emoções, sentimentos, complexos e conflitos da personalidade, sejam eles conscientes ou inconscientes. No nosso estudo, essencialmente pretendemos adquirir a construção que o sujeito faz da imago materna através do T.A.T.

1. Instrumentos de recolha de dados

1.1. T.A.T.

O *Thematic Apperception Test* foi realizado por Henry Murray em 1935 na *Harvard Psychological Clinic*. Murray realizou esta prova projetiva para que a sua aplicação possa ser utilizada como exame psicológico aprofundado do funcionamento psíquico dum indivíduo, em qualquer situação. Com os resultados do T.A.T., o clínico poderá fazer uma melhor reflexão do seu paciente, propondo uma orientação mais eficaz e mais apropriada às suas dificuldades. Inicialmente, o T.A.T. era constituído por

trinta e um cartões com imagens a preto e branco, podendo ser divididos em séries destinadas a adultos homens, a adultos mulheres, rapazes com idade superior aos 10 anos e a raparigas com idade superior aos 10 anos. Nos cartões, podemos observar personagens com idades distintas do sexo masculino e feminino, que podem estar sós ou em relação, ou então podemos observar paisagens que não estão bem definidas. As imagens são suficientemente ambíguas para permitir diferentes interpretações, não existindo um protocolo igual ao outro, cada protocolo é único tal como cada indivíduo.

Em 1954, os investigadores franceses colocaram-se numa perspetiva diametralmente oposta à de Murray e dos que partilhavam os seus objetivos ou a sua terminologia (necessidades/pressões, herói, ect.). Na perspetiva da Escola Francesa, o T.A.T. deveria ter uma abordagem mais holística. Tornou-se a prova mais operacional para uma análise dos modos particulares de funcionamento mental, para o diagnóstico diferencial. Entre 1955 e 1960, a análise do T.A.T. segundo a Escola Francesa centrou-se na forma das narrativas ou nos procedimentos do discurso – testemunhos de mecanismos de defesas – tal como eles aparecem nas diversas estruturas da personalidade. Em 1961, a pesquisa permitiu definir quais eram os temas banais dos cartões (frequência dos temas, da perceção dos pormenores, etc.). Em 1963, a Escola Francesa deu ênfase ao papel do Eu, das funções conscientes e inconscientes no ato de organização que representa o facto de imaginar uma história a partir de um estímulo. Assim, o T.A.T. permitiu perceber os conflitos em que o sujeito organizava ou desorganizava (Shentoub, 1983). Segundo a Escola Francesa do T.A.T. (Shentoub et al., 1999), na clínica quotidiana retêm-se apenas os cartões mais significativos:

Tabela 3. Ordem de apresentação dos cartões, em função do sexo e da idade do sujeito.

		Número do Cartão															
		1	2	3BM	4	5	6BM/7BM	6GF/7GF	8BM	9GF	10	11	12BG	13B	13MF	19	16
Sexo e Idade	Homem	X	X	X	X	X	X		X		X	X	X	X	X	X	X
	Mulher	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Idade	Rapaz	X	X	X	X	X	X		X		X	X	X	X		X	X
	Rapariga	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X			X	X

1.1.1. Normas de Aplicação. O investigador deve preparar e motivar o sujeito para que coopere na prova que irá ser aplicada. O objetivo da prova é cumprido dependendo da predisposição e criatividade do sujeito e por essa razão o investigador deve criar um ambiente flexível, confortável em que o sujeito entenda que o que está a ser avaliado não é a sua inteligência. Para isso, a instrução utilizada é: *“Imagine uma história a partir de cada imagem”* (Shentoub et al, 60). A instrução apenas se dá uma vez e não é repetida. Poderá colocar-se questões no caso de sujeitos muito inibidos.

1.1.2. Passagem da prova. Os cartões devem ser apresentados conforme a ordem, sendo o cartão 16 o último a ser apresentado. O desenrolar da prova confronta o sujeito com uma modificação do estímulo, as imagens das situações mais estruturadas dando lugar às imagens de situações menos estruturadas: os dez primeiros cartões são mais figurativos, as personagens são sexuadas, enquanto os cartões 11, 19 e 16 não reenviam para objetos concretos. Segundo a Escola Francesa, a passagem da prova dá-se num único momento. As características temporais da aplicação da prova, como o tempo de latência, que medeia a entrega de cada cartão ao sujeito e o momento em que ele começa a falar, e o tempo total do cartão, que medeia o início da história (momento que é entregue o cartão) e o seu fim (momento no qual o sujeito devolve o cartão). O discurso do sujeito é anotado o mais fielmente possível pelo investigador e por essa razão é aconselhável a transcrição escrita à medida que o sujeito vá contando as histórias.

1.1.3. Escolha dos cartões. As pranchas apresentadas aos sujeitos foram as seguintes: 1, 2, 3BM, 4, 5, 6BM, 7BM, 8BM, 9BM, 10, 11, 13 MF, 19, 16. Seleccionámos as pranchas supramencionadas, porque nos permitia estudar com o T.A.T. as identificações, a escolha de objeto e o Complexo de Édipo. Das pranchas geralmente apresentadas na prática clínica, acrescentámos a prancha 9 BM (ver em anexo B), por representar homens a dormir junto uns dos outros, suscitando a temática da homossexualidade.

1.2. Entrevista

Os métodos qualitativos ajudam-nos a compreender melhor os sujeitos como seres únicos. A entrevista é um meio de alcançar os resultados que pretendemos adquirir através da Free Association Narrative (Hollway e Jefferson, 2013). Guiado pelo princípio psicanalítico da associação livre e destinada a recolher narrativas, a Free Association Narrative baseia-se em perguntas abertas que incentivam os entrevistados a lembrarem-se de eventos específicos, eventos com significados emocionais. Este método é contrário ao das respostas generalizadas e das narrativas intencionais que os entrevistados de forma consciente desejam dar a conhecer ou revelar sobre si mesmos, de modo cronológico, com uma sequência lógica.

Na entrevista, temos que ter em conta que apesar das nossas perguntas serem pensadas, sustentadas pela literatura e fazerem sentido para o que pretendemos saber, uma pergunta pode ter diferentes sentidos de entrevistado para entrevistado. Por essa razão há que investir no discurso particular e único do sujeito fazendo poucas perguntas, mas que façam com que o sujeito “domine” a entrevista transmitindo-nos o que sentiu, o que experienciou, etc. Através da entrevista, se o sujeito estiver motivado para isso, este método pode ser tão enriquecedor para o investigador como para o entrevistado, em que o investigador obtém os dados que necessita e o entrevistado conhece-se um pouco melhor.

1.2.1 Primeira entrevista. Consiste essencialmente em conhecer o sujeito, a sua história particular, fazendo perguntas abrangentes e face às respostas ser capaz de fazer perguntas adicionais que façam a história ficar mais completa, evitando a história cair em respostas banais e serem únicas daquele sujeito, na qual ele explica as suas ações e os seus sentimentos. A Free Association Narrative é utilizada pelos psicólogos em estudos de caso, pois o entrevistador tem de ser um bom ouvinte e o entrevistado não está a responder a perguntas, é um “contador de histórias” (Hollway e Jefferson, p.29). Na Free Association Narrative, a entrevista é aberta e desenvolve-se conforme as experiências do entrevistado, porque o processo pergunta-resposta tende a suprimir as histórias. Ao contar a sua história, o entrevistador faz questão de torna-la o mais clara possível, de dar mais relevância a certas partes, e não está meramente a responder a perguntas, porque sente que está a ser ouvido. Não esquecendo que o que o entrevistado conta nunca pode corresponder a uma realidade fatural, mas sim uma realidade construída, própria do sujeito, com o seu significado. Como investigadores, através duma análise de orientação dinâmica, não só trataremos os dados da realidade do

sujeito, como analisaremos o encadeamento de acontecimentos e a sequência pela qual o sujeito decide conta-los, as associações, os mecanismos de defesas utilizados durante o discurso, o discurso não-verbal, o significado que o sujeito dá a cada acontecimento, ação, sentimento, preocupação, a coerência da história (contradições, evitamentos, etc.). Em conjunto com uso da associação livre, interpretamos a contratransferência, a influência que exerce o entrevistado sobre os nossos sentimentos inconscientes. O investigador deve ter a sensibilidade da sua própria transferência e contratransferência, assim como das dos seus participantes, porque podem ser dados que enriqueçam a investigação, permitindo uma melhoria à crítica da objetividade e completando a compreensão da reflexividade do investigador.

Sendo a Free Association Narrative uma entrevista aberta, para o nosso estudo, foram selecionados temas e tópicos, mas não existe uma ordem e a entrevista foi encaminhada conforme o decorrer a história do sujeito, para que este tenha a liberdade para falar sobre o que sentir que faça sentido falar. O ideal da Free Association Narrative é fazer menos perguntas possível. Desta forma, as perguntas que foram feitas na entrevista são abertas e foram pensadas para que houvesse muito material numa só resposta. Os tópicos abordados na entrevista foram sustentados pela literatura supracitada. A nossa primeira entrevista possui uma parte introdutória em que pretendemos que o sujeito apenas fale sobre si, sem quaisquer restrições. As perguntas utilizadas são: *“Fale-me um bocadinho sobre si...”* ou *“Quem é o X?”*. Na resposta, adquiriremos dados de como o sujeito se representa e se concebe, os seus pontos de interesse. A segunda parte da nossa entrevista é relativa às figuras parentais. Perguntamos como é o pai, como é a mãe, como é a relação entre os pais, como é a relação dos pais com o sujeito. Na resposta, pretendemos obter dados sobre o ambiente no qual o sujeito cresceu, teremos acesso ao Édipo, e desta forma iremos ter acesso às identificações com o pai ou com a mãe e sua escolha de objeto, conseguiremos compreender como o sujeito concebe e representa os pais e a relação entre eles, que apreensões faz das figuras parentais. Na última parte da entrevista, procuramos saber como é o sujeito na relação amorosa: *“O que procura num parceiro?”*, *“Como é a relação com ele?”*, etc. Compreenderemos a escolha de objeto de amor do sujeito, como se posiciona o sujeito face ao objeto de amor, quem é este objeto de amor, e se a relação de objeto de amor foi influenciada pela relação de objeto de amor da mãe e pela sua escolha objetual.

1.2.2 Segunda entrevista. Num só contacto, por muitas vezes, ficam pontas soltas. Decidimos, portanto, agendar com os nossos participantes uma segunda entrevista. Antes desta segunda entrevista, os dados da primeira e do T.A.T. já teriam sido tratados. A segunda entrevista permite clarificar dados que ficaram por explicar, como perceber determinada ação, fantasias, motivação, sentimento, acontecimento. É mais fácil fazer determinadas perguntas ao sujeito numa segunda entrevista porque já não somos estranhos e o sujeito sente-se mais à vontade para falar abertamente, com menos defesas, pois as defesas inconscientes contra a ansiedade de estar perante um estranho afetam a capacidade dos entrevistados recordarem e narrarem eventos e a sua participação neles. A Free Association Narrative pressupõe que os participantes estejam inconscientemente defensivos em relação. Procuramos na segunda entrevista confrontar os participantes com o que disseram na primeira, pegando nas contradições, inconsistências, evitamentos, hesitações e mudanças de tom emocionais. Podemos explorar pedindo exemplos para ilustrar determinados temas que foram abordados. Por isso, a segunda entrevista não tem tópicos fixos já que varia de sujeito para sujeito. O sujeito com esta segunda entrevista irá sentir que foi ouvido na primeira o que fará com que se predisponha mais a falar abertamente. Também ao confrontar o sujeito com o que nos disse na primeira entrevista, o sujeito adquire uma capacidade de refletir sobre si próprio e ao explicar o que disse conseguirá compreender-se melhor.

2. Participantes

2.1. Critérios de escolha dos sujeitos. Os sujeitos foram selecionados essencialmente pela sua orientação sexual. São sujeitos homossexuais do sexo masculino. Os sujeitos tinham que ter entre 20 a 30 anos de idade. Os sujeitos tomaram conhecimento do nosso projeto de investigação através de associações LGBT que foram contactadas com o pedido de divulgarem o projeto para obtenção de participantes que se voluntariassem. As associações são da zona de Lisboa. Podemos dizer que o nosso processo de seleção foi não aleatório por conveniência. Os participantes podem ter diferentes estruturas familiares, já que o que vai ser estudado, para além do sujeito em si, é essencialmente a relação com a figura materna, seja ela a mãe biológica ou não.

A nossa amostra é constituída por cinco sujeitos. Existe um participante com 22, 24, 27 e dois 25 anos. No sujeito de 27 anos, iremos considerar a avó e a mãe como uma figura.

2.2. Condições de trabalho. O projeto de investigação era divulgado pelas associações de LGBT nas redes sociais e no *site* oficial. O contato do investigador estava disponível para qualquer sujeito que quisesse participar. No projeto, foram dadas informações sobre o procedimento e explicamos o objetivo do estudo sem dar demasiados detalhes que pudessem comprometer a investigação. Ao contatar o investigador, era agendada uma primeira entrevista que nos permitiu conhecer o sujeito e as suas relações mais significativas. A segunda parte do projeto seria agendada para passar o T.A.T. sem nunca informar que prova projetiva iria ser. A terceira entrevista seria agendada quando os dados da primeira entrevista e do T.A.T. fossem tratados para que se pudesse clarificar dúvidas que tenham ficado. Era sugerido aos participantes que as entrevistas decorressem no ISPA-IU numa sala de aula pequena para ser um ambiente menos “frio”. Mas nem todos os participantes tinham disponibilidade para se deslocar ao ISPA-IU e duas entrevistas seriam realizadas nas casas de dois participantes. As primeiras entrevistas tinham como estimativa a duração de uma hora e as segundas entrevistas meia hora, não sendo este um critério flexível.

Foi respeitada a confidencialidade e os participantes foram informados que os dados recolhidos seria apenas utilizados para fins de investigação, sendo que cada participação adotou um nome fictício. Desta forma, dos cinco participantes da nossa investigação temos o Carlos (22 anos), o Pedro (23 anos), o David (25 anos), o Nuno (25 anos) e o Vítor (27 anos).

3. Método

A primeira e a segunda entrevista serão analisadas segundo uma orientação dinâmica, que permite compreender através do sujeito como se representa e como representa a mãe, como são na relação com o objeto de amor, na relação mãe-filho, na relação com os outros, as identificações com o pai ou com a mãe, as identificações com o masculino e o feminino, e a escolha do objeto de amor. Os protocolos de T.A.T. serão analisados classicamente: procedimentos, legibilidade, problemática e solução do conflito, i.e., os protocolos serão estudados como se tratasse de material clínico, e a sua análise será baseada na Escola Francesa. Depois do tratamento dos resultados, serão retiradas conclusões relativamente aos procedimentos defensivos relativos à problemática edipiana e às figuras femininas. Quando surgir tanto o Édipo como uma abordagem à figura feminina, neste caso, figura materna, analisaremos a história. Apesar da análise completa do T.A.T., os dados que serão retirados serão apenas

relativos à figura materna e ao Complexo de Édipo porque é disso que se trata o nosso estudo. Por fim, procuraremos com os resultados obtidos tanto das entrevistas como dos protocolos do T.A.T. verificar se as nossas hipóteses se confirmam.

4. Procedimento

4.1. T.A.T. Como prova projetiva que é, o T.A.T. tem como objetivo a análise do funcionamento do aparelho psíquico. Para analisarmos os protocolos do T.A.T., os resultados serão vistos à luz de um critério dinâmico, tópico e económico: No critério dinâmico, o sujeito deve realizar através da sua produção um compromisso entre os elementos de rigidez consciente e a pressão fantasmática inconsciente; No critério económico, a distribuição da energia deve ser investida harmoniosamente, com criatividade, e/ou gasta em conflitos defensivos; No critério tópico, verifica-se o equilíbrio entre o processo primário e o processo secundário.

No T.A.T. e na sua análise, será, portanto, verificada as quantidades de energia pulsional mobilizadas e a sua qualidade libidinal e/ou agressiva, assim como os processos de ligação ou não-ligação dos movimentos pulsionais libidinais e agressivos. Segundo Delgado (2011), a análise do T.A.T. diferencia-se em quatro categorias: (1) série A: a rigidez do funcionamento do sujeito quanto à referência à realidade externa, ao investimento da realidade interna e ao procedimento de tipo obsessivo; (2) série B: a labilidade do funcionamento do sujeito quanto ao investimento da relação, à dramatização e ao procedimento tipo histérico; (3) série C: o evitamento do conflito relativo ao sobre-investimento da realidade externa, à inibição, ao investimento narcísico, à instabilidade dos limites e aos procedimentos antidepressivos; (4) série D: a emergência dos processos primários como a alteração da percepção, a massividade da projeção, a desorganização das referências identitárias e objetais e a alteração do discurso.

Procedimentos das séries A e B remetem para processos de elaboração do discurso susceptíveis de serem sustentados por mecanismos de defesa neuróticos (em particular o recalçamento), testemunhas da existência de um conflito intrapsíquico, nomeadamente de uma luta entre os sistemas do aparelho psíquico (sejam sistemas da primeira tópica ou sistemas da segunda tópica), o que pressupõe a existência de um espaço interno constituído, diferenciado em relação à realidade externa e interno, espaço essencial para o desencadear e a dramatização dos conflitos das histórias.

A série A caracteriza-se pela utilização da realidade objetiva como evitamento do aparecimento de representações e afetos da realidade interna reativadas pelo cartão. Os mecanismos de defesa neuróticos poderão ser vistos, por exemplos, em mecanismos obsessivos, como precauções verbais, formação reativa, etc. A dimensão neurótica será justificada caso se possa detetar elementos que garantam a existência de capacidades de interiorização por parte do sujeito.

Os procedimentos da série B destacam a utilização de afetos ou de fantasias com fins defensivos. No caso do recalçamento, serão procedimentos como a erotização das relações, temáticas sexuais, etc. Na série B, poderemos também analisar a qualidade das identificações, pois conseguiremos aceder não só aos processos identificatórios do sujeito como verificar falhas narcísicas.

Os procedimentos da série C relevam mais especificamente mecanismos do tipo fóbico (fuga e evitamento) que revelam um tipo de condutas e efeitos característicos de uma inibição neurótica. Caso exista uma associação com procedimentos das séries anteriormente abordadas estamos perante a natureza neurótica do conflito. Por outro lado quando o manifesto do cartão aparece no sentido de esconder ressonâncias fantasmáticas através de histórias com conteúdo banal excessivo, a inibição está a ser utilizada excluindo a referência ao imaginário. Ou seja, quando a realidade externa é sobreinvestida, ocupa o espaço do mundo interno. Ainda na série C, podemos observar mecanismos relativos a traços narcísicos, em que o corpo não é utilizado para seduzir, como no registo histérico, mas sim o corpo é uma forma de comunicação e produz sentido. Podem ser utilizados como um retraimento libidinal narcísico que toma o lugar do conflito pulsional.

A série E valoriza os processos que podem originar uma alteração da produção da história, denunciando a fraqueza das condutas percetivas, as dificuldades na representação de si, a invasão de representações e da impossibilidade da contenção de afetos. Há um sobreinvestimento de fantasmas arcaicos, ou seja, a irrupção e a circulação de fantasmas e/ou de afetos mais maciços, sem que por isso o sujeito se desorganize caso o uso não seja excessivo. Na série E, podemos encontrar procedimentos que traduzam faltas das condutas percetivas e de ancoragem na realidade externa, perturbações profundas ligadas à invasão do fantasma, perturbações ligadas à relação de objeto ou mesmo à identidade, e perturbações ligadas à desorganização do pensamento e do discurso.

Após a análise dos procedimentos, será possível analisar a legibilidade dos protocolos, cada uma delas correspondendo a um certo tipo de funcionamento mental:

- (1) A legibilidade tipo 1 ou tipo + caracteriza-se por uma mistura de A's (rigidez) com B's (labilidade), principalmente A1, A2, B1, B2. A história é estruturada, não existem mecanismos de defesa e estão presente afetos moderados. Há uma ressonância fantasmática, ou seja, o sujeito teve em conta o conteúdo latente da história. A legibilidade tipo 1 é característica de um funcionamento neurótico ou normativo;
- (2) Na legibilidade tipo 2 ou +/-, predomina os procedimentos A3 (controle obsessivo) ou B3 (labilidade histórica). A história está menos estrutura porque já há mecanismos de defesa. Existem afetos exagerados ou muito controlados. Há um impacto fantasmático, em que o sujeito começa a contar a história de acordo com o tema, mas sente-se em perigo e tende a defender-se. Estamos ainda perante um funcionamento neurótico;
- (3) Quando domina a série C, estamos perante uma legibilidade tipo 3 ou -+ na qual a história é menos estruturada pois há ausência de afetos ou afetos massivos. Há invasão fantasmática, porque o sujeito descreve o que sente. Esta legibilidade é característica nos sujeitos *borderline*;
- (4) No tipo 3 ou -, domina a série E. A história é de difícil compreensão. É uma história na qual existe um vazio de afetos ou pelo contrário os afetos são "brutais". Há uma invasão ainda mais intensa. Este tipo de legibilidade é característico do funcionamento psicótico.

4.2. Entrevista. Ao solicitar ao sujeito que elabore um discurso de forma verbal e livre com a apenas uma pergunta, a Free Association Narrative apresenta uma maior sensibilidade à componente intra e interpessoal do mundo representacional do sujeito num contexto mais ou menos estruturado. Uma solicitação produz uma narrativa do sujeito no mundo e da forma como ele o representa, mediada livremente e verbalmente, permite conceber o modo como o sujeito elabora, organiza, constrói e reconstrói, transforma e comunica um processo de simbolização e significação do eu e da presença do outro no eu elaborado.

A base da análise da entrevista consiste na desconstrução através das elaborações, movimentos e transformações que o sujeito faz de si e da relação com o outro, não esquecendo das características organizadas em cada invocação. Este método é utilizado para explorar questões emocionalmente carregadas e assentes na identidade (Hollway & Jefferson, 2000), não esquecendo os processos de transferência e contratransferência de forma a complementar a compreensão do sujeito com a própria reflexão do investigador.

IV. RESULTADOS

Os resultados foram analisados segundo o que está descrito na metodologia. Neste capítulo, apenas iremos apresentar o que de mais saliente se observou nas duas entrevistas e no T.A.T. segundo os nossos objetivos e dimensões relativos ao sujeito, à mãe, à relação entre si, à relação com o objeto de amor, e às identificações. Mas foi feita uma análise detalhada de cada entrevista (ver em anexo H-Q). Os protocolos do T.A.T. (ver em anexo C, D, E, F e G) foram analisados da mesma forma retirando apenas os dados relevantes para o nosso estudo (ver em anexo R-V).

- David (25 anos)

Primeira entrevista

O **sujeito** acredita não ser bom o suficiente acabando ao longo da entrevista por se desvalorizar (e.g. (...) *ou não encontro qualquer coisa que possa acrescentar, que seja útil à conversa.*). Possui uma enorme ferida narcísica que tenta ocultar através de racionalizações e banalizações. Confunde timidez com introversão: estar em grupo é como estar perante uma “plateia”, estar a ser avaliado. Por essa razão, para o sujeito, é mais confortável uma relação dual. Acredita que o que os outros valorizam é o que ele já alcançou e não o que tem para dizer e tão pouco quem é – estatuto (ter e não ser). Tornou-se fechado em si mesmo por acreditar que o seu pessimismo invade os outros.

É dependente dos pais, não só em termos económicos, o que nos leva a pensar que é um sujeito passivo, embora auto-crítico relativamente a essa falta de independência e passividade. A **mãe** é vista como uma figura contraditória, tanto carinhosa como agressiva. É uma mãe fálica que rejeita o feminino sendo mais continente com os rapazes (e.g. *tinha uma prepotência a gerar ligações com a figura masculina do que com as figuras femininas*).

O David vê as mulheres como poderosas e temíveis pelas características que a mãe possui. No entanto, ao longo da entrevista, procura sempre abafar a sua agressividade ao falar da mãe, pois culpabiliza-se e repara o que disse. A agressividade do sujeito surge como defesa contra a dependência que a mãe promove. É uma mãe que procura que o filho seja dependente dela, sendo sufocante, invasiva, controladora, persecutória, “protetora, possessiva”. O David culpa-se a si próprio por esta relação devido aos impulsos agressivos face à mãe. Mas contratransferencialmente, sinto que o David quer que eu fique do lado dele, por muito que defenda a mãe. Relativamente às **identificações**, ao idealizar a mãe como uma figura poderosa, o David quer ser como o

pai. Ao identificar-se com o pai, o David consegue fazer face a esta mãe. Mas esta identificação com o pai é superficial e apenas episódica quando se vê numa situação de fragilidade face à mãe. Superficialmente, o David tem uma identidade masculina, mas nas suas relações mais íntimas nomeadamente com a mãe o sujeito tem uma identidade feminina.

Para o sujeito, estar em relação com um **objeto de amor** é apenas estar presente. A relação aparece como um pano de fundo que dá ilusão de estar acompanhado. É superficial. Para além de que estar em relação é estar quando o outro quer. Mas o seu objeto de amor é narcísico ou objeto semelhante ao ideal do ego (e.g. *Acho que às vezes consigo imaginar uma pessoa que é uma evolução de mim, aquilo que eu gostava de chegar*) – uma formação narcísica.

Segunda entrevista

O **sujeito** mantém a mesma instabilidade pulsional em relação à figura materna que vai desde a agressividade, a culpa e a defesa contra essa agressividade (e.g. *Não se conseguir posicionar na pele dos outros para poder entender os seus atos. Mas é uma pessoa carinhosa*). O David não consegue explicar o que é o feminino sem falar do masculino. Tem necessidade da dicotomia e defende o seu ponto de vista com banalizações. O feminino é associado à **mãe** e o David não quer fazer uma **identificação** feminina porque não quer ser igual à mãe. Mas, nesta entrevista, podemos ver que esta mãe apesar de ser uma mulher que se identifica com o masculino para poder competir com o irmão mais velho e para tentar ultrapassar a inveja do pénis, quando está na relação com o objeto de amor assume uma posição feminina.

Na relação com o **objeto de amor**, o David assume uma posição dependente. Com medo da perda do amor, adquire características possessivas, o que faz com que o David não só tenha ciúmes do pai (inconsciente), mas também compreenda o pai e fique do lado dele. O pai para o David oscila entre o objeto de amor e um objeto semelhante a ele. A mãe procura que os objetos de amor se tornem dependentes para que não se sintam tão desvalorizada. Porém, acaba por escolher objetos narcísicos já que falamos duma mulher com uma identificação masculina (e.g. *Ela era muito maria-rapaz ou ela diz que foi das primeiras mulheres a usar calças e a andar de bicicleta*), que adquiriu ao identificar-se com a sua mãe (e.g. *A minha avó é quem faz a gestão de vendas (...) era aquela que organizava o negócio da família. Quem liderava e organizava era a minha avó*).

T.A.T

O **sujeito** evita a ferida narcísica desencadeada pela impotência. Não suporta o vazio porque o vazio é sinal de inferioridade e necessita de utilizar defesas maníacas para lidar com ele. Porém, o vazio não é preenchido nem investido através da construção duma relação, pois também não faz diferenciação duma relação verdadeira de uma relação superficial. Estar em proximidade é um elemento ansiogénico. Os mecanismos de reparação não funcionam e a violência desaparece “por artes mágicas”. As pulsões agressivas são negadas, mas a pulsão sexual é admitida. No Édipo, não é ele o culpado nem o assassino, mas a morte do pai é desejada. Por outro lado, ao identificar-se com o feminino, o sujeito não tem razão para matar o pai. A identificação ao feminino é uma defesa ao parricídio eliminando assim também a agressividade. Erotiza a relação pai-filho, mas nega-a. O objeto de amor do sujeito é um homem controlado, que não diz tudo o que pensa, que tem conhecimentos, que nota-se que sabe do que fala.

Existe uma necessidade do sujeito de estabelecer uma igualdade entre o feminino e o masculino. O feminino é associado à sedução, enquanto o masculino é aquele que é tentado e quando mencionado possui uma componente sexual. O sujeito faz falsas perceções através das quais o homem se torna feminino.

Na **relação com a mãe**, ela é vista como uma mãe superegóica, que espia, que controla, mas ao mesmo tempo é defendida e perdoada pelo filho – há uma desordem nos afetos e nas pulsões. A mãe é vista como sedutora, porém como mulher é comparada com uma criança: fraca, frágil e vítima. A **relação da mãe com o objeto de amor** é dessexualizada pelo David e negada quando apresenta uma relação conflituosa. O objeto de amor da mãe é um homem instável, ao contrário do objeto de amor do filho.

- Carlos (22 anos)

Primeira Entrevista

O **sujeito** aparenta demonstrar uma boa auto-estima e valorizando-se ao longo da entrevista. Sentia-se encurralado e dependente num ambiente confortável sem riscos gerado pela mãe no seio familiar, ambiente que acabou por ser sufocante e que condicionava o potencial Carlos, um Carlos que abra os seus horizontes, independente (e.g. *Não me sinto tão sufocado como me senti até aos 18 anos*).

O sujeito é o último duma fratria de quatro (o irmão tem 38 anos e as irmãs gémeas têm 36 anos) e a mãe 60 anos e o pai 62 anos. A família parou no tempo. Os

irmãos vivem com os pais e a mãe promove uma certa normalidade no seio familiar. O irmão foi desidealizado na entrada da adolescência. O irmão começou a ser visto como um rival ao amor da mãe e o Carlos não consegue competir com o favorito da mãe (e.g. *Nunca fui um filho problemático (...). Só me baldei duas ou três vezes e só uma delas é que fui apanhado. (...) A minha mãe não falou comigo durante dois dias. Ficou mesmo muito chateada porque o meu irmão já tinha pregado dessas coisas*). Ele tenta compensar a mãe sendo ele o filho ideal ao corrigir as coisas onde o irmão erra, mas nem por isso consegue superá-lo. O irmão é visto como o primeiro filho, aquele ao qual foi dado o amor, aquele que foi planeado e desejado.

A **mãe** é vista como uma mãe atenta, dedicada aos filhos (especialmente aos rapazes), ativa, feliz, forte, mas que é facilmente magoada pelos filhos quando a desiludem. É uma mãe que é fortemente idealizada, tanto como figura materna, mas também pelo que contribui para a sociedade. É a mãe que fez com que os filhos ficassem a viver com ela, exceto o Carlos que não se contenta apenas com o que é confortável e estável. É uma mulher bem organizada, tolerante, compreensiva, continente, interessada sem ser demasiado invasiva, cuidadora, confidente, amiga, dedicada à família e que desenvolve estratégias para não se sentir sozinha nem triste. Por outro lado, a mãe não tolera bem a rivalidade com as irmãs, mas é apoiada pelos homens da família. A relação que a mãe mantém com o irmão mais velho do sujeito e o seu “favoritismo” promove a rivalidade com o Carlos, apesar de ele já ser um sujeito que se tornou independente. A relação do Carlos com a mãe não é comparável com a relação que a mãe tem com as irmãs porque elas são vistas como rivais. Com os filhos, a mãe promove uma relação semelhante à amorosa dessexualizada, mas sedutora.

O sujeito tem um discurso indeterminado quando fala do pai. O pai ou é excluído da família ou é apenas um pano de fundo que completa a imagem idealizada da mãe. Tenta não ver o pai como parte da família porque não quer partilhar a mãe. Não consegue falar positivamente do **objeto de amor da mãe**. Descreve-o como frio, pouco continente, sem vontade de investir, castrador, distante e ausente. O sujeito tem um discurso cru em assuntos de temática agressiva e ao falar do pai que por vezes demonstra pulsões agressivas das quais podemos concluir que a relação com o pai é vista como uma obrigação (e.g. *Falamos, não estamos zangados nem nos odiamos, por assim dizer. Apenas não temos uma relação tão próxima*) por este ser um rival. O pai é visto como um falso activo (i.e. *Eu acho que ele põe mais uma postura de ser durão e*

de nos dificultar um pouco a vida, por assim dizer, porque ele depois é manso). O pai não existe se não for a mãe.

Relativamente ao seu **parceiro**, existe uma necessidade de mencionar a duração da relação como para demonstrar o quão forte e estável é. Falamos duma relação “madura” em que os sujeitos já vivem os dois juntos há cerca de dois anos. O Carlos demonstra ser o mais independente da relação e o mais frio. É ele que decide o rumo da relação. O objeto de amor é inseguro e dependente. É um objeto de amor não narcísico e por isso não é conhecido. É “manso” (sic) como o pai. Na dinâmica da relação, o sujeito acredita que as coisas ficaram melhor depois de dois momentos críticos dos quais fala cruamente. Não tinha medo da perda do amor do objeto, tinha-o como garantido, como a mãe que garante que não fica só. Desenvolveu estratégias para combater este medo, mas prevê que a relação não irá ter futuro apesar de não o querer aceitar devido ao que já foi investido. O objeto de amor é dedicado em tudo o que o torna frágil. O Carlos apesar de já não acreditar na relação, gosta muito do namorado sendo carinhoso quando fala dele. Podemos dizer que o Carlos é um sujeito que gosta do desconhecido, do diferente, gosta do que não é confortável por vezes provocando mesmo inconscientemente a instabilidade. O sujeito não suporta que o objeto de amor seja melhor que ele e sente necessidade de ser idealizado por ele. O objeto de amor não pode ser idealizado porque idealizar desvaloriza-se e isso ele não suporta. Sendo o parceiro parecido com o pai, o Carlos repete ou encena o casamento dos pais na sua relação amorosa em que o Carlos ocupa o lugar da mãe e o parceiro ocupa o lugar do pai.

Segunda Entrevista

O **sujeito** não parece compreender a dinâmica da relação dos pais ou opta por ignorá-la. Despreza completamente a história do casal e utiliza o humor como defesa porque não quer erotizar a relação do pai com a mãe. O sujeito diz ser “um bocadinho mistura dos dois” (sic) pais, mas ao definir em que aspetos não corresponde ao o que já disse anteriormente sobre a mãe. Na relação com o objeto de amor, o Carlos identifica-se com o pai, a nível manifesto, apesar de ser auto-crítico e sentir que não faz o suficiente (e.g. *Acho que é um bocado egoísta da minha parte, confesso, para poupar preocupações para o meu lado*). Por vezes, fala do namorado como se estivesse a falar apenas dum amigo.

Acrescenta que para além da mãe ver as irmãs como rivais, não suporta o confronto com elas. Prefere ficar com os homens da casa para ela.

Relativamente às **identificações** com o feminino e com o masculino, contratransferencialmente e pela forma como se posiciona na relação amorosa, o sujeito identifica-se com o masculino. Mas define o masculino baseando-se no homem com orientação heterossexual.

T.A.T.

No **sujeito**, não aparece a castração. A componente agressiva é escassa e quando aparece está sempre associada à culpa. Possui características consideradas “heterossexuais” como a camaradagem entre homens. A identificação ao masculino é observada relação amorosa.

No complexo de Édipo, aborda uma triangulação sem caráter edipiano e dessexualiza a relação amorosa. Não faz recalçamento quando rejeita o **pai** e ocupa o lugar dele com a mãe.

A **mãe** é uma mãe superegoica que tem como objeto de amor o pai e não suporta a perda do objeto. A mãe é considerada o bom objeto enquanto o pai é considerado o mau objeto pela sua instabilidade, influência e pressão.

- Vitor (27 anos)

Primeira Entrevista

O Vitor é um **sujeito** que se contradiz com facilidade, apesar aparentar ter uma boa-auto estima e convicção em cada palavra que verbaliza. É um sujeito agressivo, principalmente, quando falamos dos pais que o rejeitaram ou abandonaram, como refere. Para ultrapassar esta falha narcísica, utiliza defesas maníacas que envolvem essencialmente a onipotência. Não tem capacidade para tolerar a frustração. Não a suporta. É impulsivo, instável e inconstante, sendo assim uma entrevista difícil de conduzir pela necessidade de ter cuidado na forma como fazia a pergunta. Porém, é um sujeito que apesar de ter sido rejeitado pelos pais foi investido pelos avós paternos, mais precisamente a avó. Este investimento permitiu que o sujeito desenvolvesse uma estrutura organizada, mas frágil. É um sujeito responsável, sociável, simpático, mimado, infantil, com boa disposição, fácil de gostar e gosta muito de si próprio. Gosta de ser cuidado, provavelmente, porque não o foi como deveria ter sido enquanto bebé. Gosta de contar a sua história, gosta de ser ouvido, utiliza a dramatização e o teatralismo enquanto conta a história. É um sujeito interessante, divertido e sedutor, sabe o que os outros querem ouvir – tem características históricas. Não faz nada ao acaso, tendo por

vezes atitudes excêntricas, para chocar, para marcar, para que não se esqueçam dele. Gosta de seduzir o outro, de o fascinar, o seu tipo de manipulação. Aparenta ser um grande narcísico. Sente que o mundo exterior não é seguro e apenas pode contar consigo e com o que já conhece. Há uma grande necessidade de estar tudo definido, com contornos e limites, se não desorganiza-se. Valoriza-se a si próprio, mas reage mal quando o valorizam, como se não acreditasse que é sincero.

Outro mecanismo de defesa que utiliza é a recusa da agressividade face à homossexualidade. Ao falar da homossexualidade, aborda sempre a temática sexual, erotizando tudo. Caracteriza-se como “promíscuo”, “impulsivo” e “carnal” (sic). Aceita a sua homossexualidade, mas por vezes é auto-agressivo. Não suporta que seja desvalorizado pelos outros face a comportamentos da comunidade homossexual. Não suporta ficar mal visto e não lida bem com a crítica. Ele é único e não gosta de ser confundido. Através de defesas maníacas, o sujeito valoriza-se ao criticar o outro. Faz identificações projetivas em que o que ele pensa é o que a sociedade pensa (e.g. *É o que a sociedade pensa, de que quem é gay é um homem disfarçado de mulher. Porquê? Por causa das bichas. Porque os gestos, a malinha à tira colo, o sapatinho alto, a excessiva maquilhagem, a roupa*).

O **feminino** não é suportável nem aceitável, pois soa a falso e superficial. As mulheres são fracas, incapazes de competir com o homem. Ridiculariza o feminino. Não toleraria ser confundido com uma mulher. Face aos pensamentos agressivos, utiliza a recusa, mas nunca aparece a culpa nem o recalçamento face à agressividade expressa.

A **figura materna** é clivada. O bom objeto é a avó que cuidou e investiu nele (boa mãe) e o mau objeto é a mãe (má mãe) que o rejeitou e abandonou. Racionaliza o abandono como defesa. A avó é idealizada e caracterizada como amiga, prestável, cuidadora, compreensiva, mulher lutadora, apesar de frágil. A avó não veio substituir a mãe, a avó é a mãe. Passou pela fase edipiana só com a avó, sem relação com os pais, sem a rivalidade do objeto de amor da avó, o que lhe deu poder. É o par parental ideal para o Vitor. A avó sempre foi vista como não sendo do avô, porque até o pai do Vitor é adotado e desta forma não existe nenhum indício da sexualidade entre os avós. O Vitor identifica-se com o pai, pois ele também foi adotado pela mesma pessoa, ambos tiveram a mesma mãe. O pai é visto como um igual. A má mãe não tem influência na sua vida. É caracterizada como dramática e coitada. O avô era protetor e idealizou este neto para que ele sentisse desejado, investido e cuidado.

O sujeito, como não tolera a rejeição nem o abandono, escolhe o **parceiro** de maneira a não ter que lidar com a falta de investimento. Acredita que todos os objetos de amor são carnis e capazes de trair e por essa razão nada é certo numa relação. Não se identifica aos objetos de amor. Neste momento, o parceiro é alguém que investe sem ter necessidade de ser investido, um objeto dependente. O parceiro é o que cede, o que faz com que não haja discussões. O Vitor afirma o seu narcisismo e está segur de não ser abandonado. Ele molda-se ao sujeito e às suas necessidades, impedindo a frustração. O parceiro só quer ser amado. O parceiro sabe que o confronto não é possível com o sujeito, por essa razão, desenvolve estratégias para que haja harmonia entre o casal. O sujeito está muito apaixonado, é idealizado pelo parceiro, é investido e investe, mas nunca dependente, valorizando o seu parceiro que é o seu porto seguro. É tão valorizado e idealizado que o parceiro é visto só com virtudes: apaixonado por si, inteligente, educado, carinhoso, simples, justo, honesto, profissional, responsável e genuíno. Este objeto tornou-se numa mãe.

Segunda Entrevista

Para o sujeito, as **identificações** com o feminino e masculino só são toleradas se forem de acordo com o sexo biológico – necessidade de dicotomizar. Caso contrário, quem se identifica com o que não é pretende mostrar-se, defende uma posição que está errada e está a iludir-se. O indefinido desorganiza-o tanto como o mal definido. Não consegue suportar a exposição daquilo que não concorda e reage através da agressividade sem recalçamento, sendo pouco tolerante à frustração. Apesar de recusar o feminino, admite que possa possuir algumas características femininas, mas não se sente confortável com tal afirmação. O homem é visto como um símbolo de poder e domínio. Ser homem é ser independente e poderoso. O sujeito identifica-se com o masculino fálico. Estamos perante um narcisismo fálico (mais falos que masculino).

O mau objeto, a **mãe**, é alvo de pulsões agressivas, sem recalçamento, sem culpa, e o discurso sofre falhas de sintaxe, ruminções, etc. O objeto de amor da mãe, o pai, é passivo e dependente. O pai faz parte deste mau objeto. Ao rejeitar os filhos entregando-os aos avós apenas por serem rapazes, podemos concluir que a mãe odeia o masculino. O sujeito culpa o pai por gostar da mãe. Se o pai faz tudo pela mãe, é possível que a decisão de rejeitar o sujeito tenha partido da mãe. A mãe é a prova que o feminino é mau e deve ser rejeitado. Ele quer ser mais forte que a mãe. Agora é o sujeito a rejeitar a mãe porque a mãe não lhe acrescenta nada ao vazio que possui

relativamente ao abandono. Há uma ferida narcísica perante a qual as defesas não funcionam. A mãe é sempre o mau objeto, a culpada de tudo o que é mau, porque as mães não abandonam os filhos. Apesar da agressividade, não obtém nenhuma reação da mãe. É como na teoria de Bion: quando a função α não age perante os elementos β , o sujeito volta a introjectá-los. A agressividade juntamente com a frustração relativamente à mãe é sempre introjectada e o sujeito não se consegue ver livre deste ciclo. Para não se desorganizar, o sujeito isola o que é mau evitando-o e sente-se onipotente ao fazê-lo (e.g. *Há uma coisa que sou eu e há outra coisa que são os outros e eu estou acima de qualquer um deles. Aprendi a criar uma barreira. Eu estou acima de qualquer pessoa*).

T.A.T.

O **sujeito** demonstra uma necessidade de cuidar. Utiliza como mecanismo de defesa a identificação projetiva para que não apareça a impotência nem o conflito. Ou seja, retira o que lhe traz dificuldade. Não consegue precisar bem os conflitos, fazendo muitos evitamentos. Não há recalçamento nem na temática sexual nem na temática agressiva. Aliás, utiliza mais o isolamento que o recalçamento. Tem um funcionamento pouco neurótico, pois a sua organização defensiva é muito fraca. Na temática agressiva, a violência desaparece por uma reparação mágica do desejo, sem existir desorganização porque se agarra a referências sociais e culturais. Perturba-se com a falta de limites e para se organizar utiliza defesas maníacas.

A **figura materna** aparece alargada à sociedade, assim, deixa de ser uma acusação à mãe. O feminino é desvalorizado porque é visto como tudo o que há de mal na sociedade. A mulher é posta numa posição de fragilidade e menoridade. Apenas é valorizada quando aborda a avó, definindo-a como segura de si mesma e uma mulher apaixonada pelo objeto de amor. Relativamente à mãe mau objeto e ao seu parceiro, o pai, o Vitor insiste em cortar os laços para que não haja triangulação. O parceiro da figura materna é visto como trabalhador, alguém que não é feliz, que protege, mas ao mesmo tempo rejeita.

- Nuno (25 anos)

Primeira Entrevista

O Nuno é um **sujeito** muito sociável, respeitador, educado (e.g. *Gosto de trabalhar com pessoas; Considero-me uma pessoa educada, um pessoa que não anda para aí a dizer palavrões a torto e a direito e respeite as outras pessoas*,

principalmente), ativo, cidadão e instável. Acredita que é sociável por parte do pai. É pouco flexível e gosta de saber com o que pode contar, gosta de segurança, apesar de ser independente.

Quando aborda a **dinâmica mãe-filho** fala sempre de si no plural, nos irmãos, não se distinguindo dos outros, ficando mais forte. Considera que é igual à mãe apenas na educação porque foi forçado a isso. Não quer ser uma figura parental como a mãe foi para ele, pois culpa a mãe por ter sido fria na relação com ele e os irmãos. A mãe é uma mulher rígida e pouco flexível. É uma boa mãe que entende a frustração dos filhos, pois deu-lhes mecanismos para a combater. Os filhos são a sua prioridade. É uma mãe castradora. Não é uma mãe que investe com amor, nem que dá colo. Como objeto, a mãe é caracterizada como “reservada” (sic), muito fechada. É uma mulher que aparenta ser simpática, mas apenas o é por educação. A mãe tem uma “capa” (sic), não é o que parece, não se sabe o que esperar, sendo inconstante. Não é invasiva, porque não gosta da invasão dos outros. E fecha-se no seu mundo para ter mais facilidade em controlar as coisas. A mãe não suporta o abandono dos filhos por ficar sem os seus objetos de amor. Neste momento, apenas tem dependente de si, o filho mais novo, com o qual promove uma relação anaclítica. É um objeto fiel que foi moldado para não a deixar (e.g. *Ele sempre foi um menino da mamã. Também uma das razões para que ele nunca tenha feito nada é porque anda sempre de trás da minha mãe. Ele não consegue ficar longe da minha mãe. Eles têm uma ligação diferente*). O irmão e a mãe são alvos de pulsões agressivas devido à inveja do amor da figura materna.

Relativamente ao **parceiro**, o sujeito conta uma história muito idealizada, onde é ele que arrisca e manipula o objeto, mas rapidamente se transforma no objeto dependente. O Nuno é um falso ativo. Não vê relação quando não há presença e por isso frustra-se, como os bebés com as mães quando ainda não adquiriram a noção de permanência do objeto. Por essa razão, o sujeito torna-se inseguro porque sente que perdeu o amor do objeto. A incerteza gera ansiedade. Não suporta a falta de investimento e gosta de ser cuidado e de cuidar. Procura um objeto de amor narcísico: romântico e atencioso (e.g. *Achei que ele fosse como eu, não me importo de ter uma pessoa romântica como eu*). Mas o sujeito, neste momento, encontra-se com uma pessoa que vive “uma vida dupla” (sic) porque “ele está no armário” (sic). Para o Nuno, o sujeito, ao fingir que é o que não é, está a negar ao mesmo tempo a existência da pessoa com quem está.

Segunda Entrevista

A **mãe** projeta os desejos de ter tido uma menina nos filhos (e.g. *A minha mãe tentou três vezes ter uma filha e nunca conseguiu. (...) Ela ainda este ano, quer adotar uma menina*). O Nuno verbaliza que enquanto criança tinha brincadeiras que normalmente estão associadas às meninas. É provável que tenha introjetado os desejos da mãe e quis satisfazê-los. Mas o Nuno não se identifica com o feminino. Se fosse menina, ele teria sido investido de forma diferente. Acredita que por essa razão, nenhuma das gravidezes foi planeada (ou desejada). Faz identificações projetivas que demonstram como ele gostaria que a mãe fosse. Não acredita que a mãe trate todos os filhos por igual. Face à agressividade agregada com a culpa, o sujeito faz uma fantasia do que é ser pai e identifica-se com ele. O **pai** não fantasiado é considerado um mau objeto devido à agressividade da mãe face ao pai (e.g. *O meu pai teve um casal com outra mulher*). A mãe não tentou substituir este pai, ela rejeitou o pai e assimilou o seu papel.

T.A.T.

O **sujeito** apresenta-se como muito restritivo e omissivo. Isola afetos e relações. Falta-lhe recalçamento nas pulsões agressivas. A **mãe** é superegoica e crítica. Mas, no mundo do sujeito, só existe a mãe. E o sujeito não consegue rivalizar o objeto que mãe escolha. A mãe aparece tutelar e fértil, mas infeliz por estar grávida. O **pai** é desvalorizado. Se houver um triângulo edipiano, o sujeito arruína a relação da figura desejada.

No entanto, não existe diferença entre a relação pai-filho e um casal de namorados. A relação pai-filho é erotizada, sendo a **escolha objetal** masculina e a figura erotizada é paterna.

- Pedro (24 anos)

Primeira Entrevista

O **sujeito** necessita de estar em relação. Mas criou defesas para evitar magoar-se. “Não muito extrovertido” (sic) porque não quer mostrar muito de si, não se expõe e desta forma não sofre, mas também o outro não tem a capacidade de entrar no seu mundo. É como se tivesse uma capa, uma barreira para se proteger das suas inseguranças.

Considera-se um sujeito ativo e não suporta a passividade da mãe. A **mãe** não é continente, não apara as suas frustrações, mas porque ele assim o decidiu. Face a ataques agressivos do Pedro à mãe segue-se sentimentos de culpa. A mãe aparece como uma figura controladora. O Pedro tem uma falsa independência e considera que é porque assim o deseja (e.g. *Não, moro com a mãe. Mas porque neste momento não considero que é uma coisa que seja necessária, o ir morar sozinho. Não tenho um projeto atual que peça para isso acontecer*). Descreve a mãe como “mãe galinha”, que ficou mais intensificada com um episódio: o sujeito era dependente dela e vivia com ela, depois decidiu ir viver para fora do país, quando voltou a mãe “ficou extremamente galinha” (sic). É uma mãe que não quer voltar a perder o filho, que não quer que o filho volte a ser independente. Tende a fazer identificações projetivas sobre a mãe quando aconselha a mãe (e.g. *Não podes ser assim. Tens que seguir. Não podes prender-te a essas pessoas. Isto não te está a fazer bem. Não te preocupes com essa pessoa porque ela não se vai preocupar contigo da mesma maneira e só estás a maçar-te*). Por vezes, adquire o papel de pai também identificando-se com o **pai** (e.g. *Agora ficava um bocadinho mais de pé atrás, tentava ficar mais alerta a coisas que ela podia não estar alerta. Talvez também para detetar qualquer coisa que não tivesse a bater certo. Verificar alguma coisa menos boa*). Deserotiza as relações amorosas da mãe. O pai é pouco tolerante e agressivo. Provoca grande sofrimento no sujeito por falta de investimento, mais investimento no irmão mais novo. O pai é um falso ativo.

Relativamente ao **parceiro**, é uma relação de dependência, mas entre iguais. Persiste uma pouca capacidade de se impor, de se separar do outro. Mas não gosta de ser dependente. Face à impotência, não surge a reparação e surgem impulsos agressivos. Tem uma tendência para escolher objetos de amor com idade superior à sua com os quais também se identifica (e.g. *Apreciava os princípios, a forma de pensar, a maneira de encarar a vida. Era com quem identificava bastante e acho que daquela maneira é difícil de encontrar*). Mas o parceiro não parece identificar-se com o sujeito. Desta forma, o sujeito fica numa posição vulnerável, na qual a relação irá depender do que outro desejar dele.

Segunda Entrevista

O **sujeito** refere que é introvertido porque se estiver exposto alguém pode atacar. A **mãe** não promove a independência do filho no qual vê companheiro. Mas a **escolha** **objetal** do sujeito para além de narcísica é igual à do **pai**, que escolheu uma mulher dez

anos mais velha que ele. O pai é um sujeito pouco seguro que investe e depois desinveste. É um pai contraditório que tenta controlar o filho.

Demonstra pulsões agressivas ao falar da falta de compromisso na relação amorosa. O sujeito valoriza a estabilidade. Tem pouca tolerância à frustração na relação com o objeto de amor tornando-se agressivo, não havendo culpa nem evitando o confronto. Por outro lado, o sujeito tem dificuldade em separar-se, apesar de pretender uma relação em que ele seja independente.

Na perspectiva que tem do género, os rapazes são vistos como independentes e as meninas são caracterizadas como delicadas, mas agressivas (e.g. *Há raparigas que até batem nos rapazes*). O sujeito acredita que a mãe teria preferido uma menina.

T.A.T.

O sujeito evolui da impotência (revolta, recusa, identificação projetiva porque o defeito não é dele) para a agressividade (a culpa fá-lo retornar). Ele não reconhece a depressão, não reconhece o conteúdo, rebaixando ao objeto. Alude às coisas, mas não diz o que são.

A mãe é vista como bondosa, um superego protetor que adquire depois uma atitude castradora.

No parricídio, promove uma cena agressiva, mas de reparação. Sente culpa. O sujeito é auto-agressivo, mas nega-o e repara as consequências da agressividade. Oscila entre a valorização ou desvalorização do feminino. Inicialmente, idealiza a figura feminina no confronto com o masculino. Mas no final demonstra um ódio ao feminino, estando farto da mulher, surgindo mesmo a agressividade.

O conflito é fora do casal. Faz uma projeção da agressividade e acrescenta uma personagem para ser o suporte. O objeto de amor é o pai. Mas o sujeito demonstra pensamentos agressivos em relação ao pai, mas a culpa impede-o de o confrontar. Ele rejeita a relação pai-filho, condena o pai.

5. DISCUSSÃO

Mãe enquanto sujeito

As mães dos sujeitos da nossa amostra são promotoras de dependência não apenas na relação mãe-bebê, mas igualmente na relação que mantêm com os outros significativos, nomeadamente homens, adotando um papel sedutor com os filhos e com os objetos de amor – que podem por vezes ser o mesmo. São mulheres que não querem que os filhos se separem delas, como já vimos anteriormente com Socarides (1968) tentando gerir a dependência através de sentimentos de unicidade para que se identifiquem com elas e logo se tornem mais femininos. Na maioria da amostra, podemos observar o mesmo que Benjamin (1988): mães que procuram a regressão do filho, a irracionalidade, e atenuam a frustração para adquirirem também a sua submissão. Os sujeitos da nossa amostra recebem de mais das mães de forma a não se tornarem autónomos. Segundo Stoller (1993), normalmente, as mães que promovem esta dependência são mães que foram menos investidas e que precisam de manter os filhos para não se sentirem vazias, como se eles fossem parte do seu corpo, a cura para uma ferida narcísica, a cura de não ter valor enquanto mulher. Por esse motivo, podemos observar que os sujeitos da nossa amostra tiveram e têm medo de danificar a mãe na sua separação e ficam num impasse entre a luta com esta ligação de unicidade e a identificação com a figura materna.

As mães dos sujeitos na nossa amostra são, essencialmente, protetoras, cuidadoras, controladoras, invasivas, poderosas e castradoras, chegando a ser agressivas e temíveis (no caso das mães fálicas) – descritas também por Bieber et al (1962), Bieber (1965), Stoller (1985), Corbett (1996). Na nossa amostra, as mães que se identificam com o masculino são vistas como intolerantes e incompreensivas. Por outro lado, as mães que se identificam com o feminino são descritas como “amigas” e confidentes por parte dos filhos que fizeram uma identificação ao pai e ao masculino. Observámos que as mães mais poderosas e mais protetoras são também as mais hostis na relação com os filhos – observado também por Stoller (1985).

Os sujeitos da nossa amostra percebem as suas mães como mulheres que adquiriram na sua maioria a função ativa do masculino, sem necessariamente terem uma identidade masculina. Apesar do seu papel de poder, estas mulheres apresentam uma angústia intensa de perda do objeto, precisam do outro realmente presente. A relação com o outro torna-se particularmente complexa – ora querem o objeto a seu lado e investem na sua dependência, ora a angústia de o perder é tão intensa que chegam a ser

agressivas. A agressividade manifestada pela mãe é resultado da rejeição dessa angústia – uma atitude contrafóbica – permitindo-lhe contornar o medo ao submeter o impulso oposto dando a ilusão de que está em controlo da situação. Trata-se de uma agressividade característica da perversão narcísica, uma agressividade que é negada pela mãe da qual o filho se sente culpado (Martins, 2009). Observamos uma mãe que procura uma imagem todo-poderosa, uma imagem de onnipotência, uma imagem sem falhas, uma imagem sem mínimo reflexo do vazio, como foi referido por Eiguer (1996). As mães dos sujeitos da nossa amostra dependem do outro porque sem o outro não têm sobre quem exercer o seu poder. Possuem uma fraca tolerância à rivalidade com objetos do mesmo sexo, evitando o confronto sempre que possível. Tal facto acontece porque o seu poder não têm impacto nas mulheres: o poder da sedução.

Relação mãe-filho

A maioria das mães ambiciona conceber filhas em vez de filhos, como uma continuação de si próprias ou como uma recriação do seu próprio eu. Apesar de Spurling (1959) afirmar que são os desejos inconscientes das mães que nos fazem ser quem somos, no presente estudo, para as três mães cujo desejo seria o de ter uma filha, os resultados relativos aos filhos foram diferentes: tanto o Vítor como o Pedro não se tornaram numa parte da mãe ao tentarem identificar-se com o masculino, diferenciando-se, mas o Nuno parece assumir uma posição feminina aquando na presença da mãe e na relação amorosa. A mãe de Nuno surge como rígida, poderosa e temível. Se o seu desejo passaria por ter uma menina, Nuno assumiu essa posição – inconscientemente – com o intuito de não contrariar a mãe por medo da perda do amor do objeto. Poderá também surgir a feminilidade neste participante por gratificação excessiva, como foi referido por Stoller (1993), na qual o pai não tem um papel ativo na triangulação. Mas, em síntese, as mães desejarem filhas em vez de filhos não é determinante para adquirir uma identidade feminina desde que a simbiose seja interrompida.

As mães dos sujeitos da nossa amostra, apesar de constituírem um alvo de impulsos agressivos excessivos por parte dos filhos que as desvalorizam na relação, são fortemente idealizadas. Não é possível observar o recalçamento da agressividade manifesta nem sentimento de culpa, como se houvesse uma atitude regressiva aquando da relação com a mãe. Inversamente, os filhos parecem ter conhecimento do quão poderosas são as suas mães, mas tendem a tratá-las como um objeto frágil que necessita de proteção e de ser cuidada, identificando-se com o pai para poderem adquirir esse papel na relação mãe-filho. Ao ver a mãe como um objeto frágil que não deve ser alvo

de ataques agressivos por parte dos filhos, os sujeitos conseguem atenuar a agressividade da mãe face a eles próprios, não serem eles o alvo da mãe. A mãe frágil, que procura uma imagem de superpoderosa, tem na verdade fragilidades inconscientes que podem ser perceptíveis pelo filho, como a angústia da perda de objeto, a enorme falha narcísica, a incapacidade de existir sozinha sem ser invadida pelo vazio tentando impedir a individuação do filho. Para Corbett (1996), estamos perante uma mãe arcaica que para além de não querer que o objeto se separe dela também é promotora de regressão.

Identificação ao masculino e ao feminino

Na nossa amostra, quando a identidade de género da mãe é feminina, o sujeito homossexual faz uma identificação ao masculino, sendo que quando a identidade de género da mãe é masculina não acontece o contrário. Nesse caso, há uma identificação intensa ao masculino e estamos perante uma mãe fálica. As mães fálicas do nosso estudo possuem uma severa inveja do pénis do pai ou de irmãos mais velhos. Stoller (1984) acrescenta ainda a esta inveja está agregada a raiva que as tornou mulheres que possuem um vazio, cujo objeto de amor é vazio e não investe. A mãe do menino é uma mulher que na infância desenvolveu um forte traço de masculinidade que é misturado com a sua feminilidade (Stoller, 1982). Junto com esse tipo de bissexualidade, existe uma outra característica essencial na personalidade dessa mãe: ela é cronicamente deprimida. Isto porque terá tido uma mãe distante, vazia, que não investiu mas que mesmo assim é poderosa. Estes dois fatores levam esse tipo de mãe, forçosa e continuamente, a “inundar” o seu filho com a sua presença, como vimos nos sujeitos da nossa amostra, provocando distúrbios no desenvolvimento da masculinidade do filho. Os filhos das mães fálicas da nossa amostra são vistos como cura da solidão, da tristeza e da falta de esperança instaladas nas mães pelas suas próprias mães que eram frias e poderosas e pelos seus próprios pais que eram rejeitantes (Stoller, 1984).

Nos filhos homossexuais de mães fálicas da nossa amostra, existe uma labilidade no processo identificatório relativo ao género. Como anteriormente referido, Nuno apenas adquire uma identidade feminina na presença da mãe e na relação amorosa. Por sua vez, David, apresenta uma identificação ao feminino, embora a nível manifesto, a identidade do sujeito seja masculina. Ao fazer uma identificação ao pai que integra também o masculino, David consegue ser diferente da sua mãe que é alvo de impulsos agressivos por parte deste, por ser tão poderosa e invasiva e, para além disso, esta

identificação permite-lhe aliar-se ao pai no confronto com a mãe de forma a não serem consumidos pelo poder da mãe fálica.

A maioria dos sujeitos da nossa amostra introjetou a função ativa do masculino, sendo que existem dois sujeitos que na relação com a mãe são invadidos por esta e não a demonstram por medo de serem punidos.

Identificação com as figuras parentais e dinâmica relacional

Dos sujeitos da nossa amostra que possuem uma mãe fálica, observa-se que um se identifica com esta enquanto o outro se identifica com o pai no “combater” à mãe, mas o David apenas se identifica com o masculino, com o pai numa situação de fragilidade com a mãe, sendo que superficialmente se identifica com o masculino mas nas relações mais íntimas inconscientemente tem uma identidade feminina. Quando a mãe tem uma identidade masculina, não existe triangulação. O pai não tem um papel no desenvolvimento psicosexual da criança. O Vitor, apesar de não ter uma mãe com uma identidade de género masculina, faz uma identificação ao masculino a nível manifesto, mas uma identificação ao feminino a nível latente.

Nos restantes sujeitos da nossa amostra, o processo identificatório com as figuras parentais é o tradicional segundo o Complexo de Édipo: os sujeitos identificam-se com pai e por conseguinte fazem uma identificação ao masculino, sendo que a mãe destes três sujeitos tem uma identidade de género feminina.

Maioritariamente da nossa amostra, os sujeitos descrevem as suas mães como instáveis e contraditórias, mulheres que não transmitem segurança. Por sua vez, os sujeitos destas mães também introjetaram a falta de estabilidade, não só na relação com o outro, mas também na sua própria personalidade persiste uma intensa inconstância. Os sujeitos descrevem as mães como contraditórias porque são boas e más – observado também por Corbett (1996). São boas quando lhes dão afeto, são criativas, cuidadoras, continentas e empáticas. São más quando são agressivas, ameaçadoras, protegem demasiado (sufocantes), que não está em sintonia com o crescimento do filho, que reprime, que censura, que ele teme se a danificar devido à sua separação durante o desenvolvimento sexual, lutas na fase fálica. Não se consegue compreender através da nossa investigação porque é que os sujeitos da nossa amostra aparentemente não conseguem fazer uma síntese da figura materna.

Os sujeitos homossexuais da nossa amostra apresentam uma necessidade de dicotomizar o género, sendo que nenhuma das mães o faz. As características consonantes entre mãe e filho são superficiais como a necessidade do estatuto, a

educação, o respeito pelo outro. As características mais intrínsecas parecem ser causa-efeito da dinâmica mãe-filho, sendo muitas vezes características opostas em que o sujeito se tornou submisso às características da mãe (exemplo: mãe possessiva, filho dependente) e outras refletem uma vontade de fazer frente à mãe ao serem diferentes, ao não quererem ser como ela ou como ela desejaria que eles fossem (por exemplo: a mãe que odeia o masculino, o sujeito que odeia o feminino – ou seja, mãe que odeia o filho, filho que odeia a mãe). Esta submissão ou confronto face à figura materna depende da passividade ou atividade do sujeito, respetivamente. Sendo que os sujeitos que são submissos às características da mãe são Nuno e David que, como já vimos, são mais passivos e os sujeitos que confrontam as características da mãe são sujeitos mais ativos, como o Carlos, Vítor e Pedro.

Escolha do objeto de amor

Na maioria da nossa amostra, quando as mães suscitam dependência através da possessão, castração e controlo, os sujeitos dependem dos parceiros, pois são passivos na relação amorosa, para além de que têm uma escolha de objeto narcísica. A maioria da escolha de objeto dos sujeitos homossexuais (David, Carlos, Vitor e Nuno) são objetos de amor com características femininas, nomeadamente a passividade. Para além disso, os parceiros da mãe são considerados falsos ativos, na medida em que se esforçam para não serem passivos, mas na verdade a função ativa pertence à mãe na relação amorosa. As características mais marcantes vistas pelos sujeitos homossexuais dos parceiros das mães, os pais, são: trabalhadores, cultos, distantes e ausentes.

Para além das mães e dos sujeitos homossexuais, os objetos de amor das mães também são considerados contraditórios e instáveis, mas os objetos de amor dos sujeitos homossexuais na sua maioria promovem estabilidade e segurança, como o do Vitor. Todos os sujeitos optam por um objeto de amor passivo nunca admitindo a sua própria passividade. Os sujeitos considerados passivos na relação amorosa são sujeitos que se submeteram a uma passividade que as mães lhe impuseram e, por essa razão, os sujeitos optaram por uma escolha de objeto narcísica, submetendo-se à igualdade. Relativamente aos ativos na relação amorosa, aqueles que lutaram contra a passividade que a mãe lhes impôs optam por um objeto passivo. Podemos observar que não há passivos que escolham ativos e por isso assumam uma posição de “vulnerabilidade” e dependência como na relação mãe-bebé. Também não encontramos ativos que escolhessem ctivos como objetos de amor possivelmente por intolerância à rivalidade. Não existem na nossa amostra, sujeitos que assumam uma posição de “inferioridade”, de passividade,

de feminilidade, face ao objeto de amor, ou a relação é entre iguais ou a escolha é de um objeto de amor passivo enquanto o sujeito é ativo. O que nos pode levar a pensar que em alguns sujeitos ativos poderá existir defesas face a algumas falhas narcísicas que nos impossibilitaram de observar a sua verdadeira função na relação amorosa, na medida que não aceitam a sua própria passividade na relação face a um objeto de amor activo. Mas por outro lado o sujeito pode passar de ativo para passivo e vice-versa. Um sujeito na sua generalidade da relação com o objeto de amor pode desempenhar uma função passiva, mas para se defender face a ansiedade aquando situações de impotência e vulnerabilidade desempenhar uma função activa (Corradi, 2007). Este mecanismo de defesa porém apenas se desenvolve na primeira infância. Os sujeitos que não desenvolveram mecanismos face à impotência e face à castração são sujeitos cujas mães são tão poderosas que fizeram com que eles não os desenvolvessem apenas por submissão e idealização da mãe. Pudemos também verificar que todos os sujeitos considerados ativos são sujeitos mais agressivos que os considerados passivos (Pustel, Sternlight & Deutsch, 1971). Os sujeitos mais agressivos são sujeitos cujas mães têm uma identidade feminina e desempenham a função ativa na relação. A agressividade destes sujeitos pode surgir no sentido de combater a rivalidade entre eles e as suas mães.

Apesar do Complexo de Édipo tradicional se confirmar no processo identificatório em termos de identidade de género na maioria dos casos, tal não se confirma na escolha de objeto de amor, como nos fez crer Chodorow (1995) que acreditava que o escolheria o seu parceiro conforme a sua identidade de género.

Segundo os resultados da nossa amostra, relativamente ao objeto de amor, existe uma enorme angústia de perda de amor do objeto tanto na mãe como no filho. Mãe e filho tornam-se vulneráveis quando rejeitados pelo objeto de amor. Ao perder o amor do objeto, o sujeito perde também a capacidade de investir no outro porque acredita que a culpa é sua. Na perda do amor, o sujeito por muito que desvalorize o objeto, ele continua idealizado e por essa razão é um objeto insatisfatório porque não lhe permite investir noutras relações como se estivesse preso. Na sua maioria, há uma grande dependência do objeto de amor que mãe e filho não assumem mas que se pode observar por atitudes possessivas e pela ansiedade face à incerteza. Para combaterem esta instabilidade e impotência, fantasiam que o objeto é depende deles baseando essa fantasia no facto de o objeto de amor os idealizar. Mãe e filho procuram objetos de amor que sejam inteligentes, trabalhadores e dedicados a eles, características que os fascinam e lhes dão segurança. Apesar de valorizarem a estabilidade e procurarem todas

estas características positivas no objeto de amor, tendem a escolher objetos distantes e imprevisíveis, como iguais às suas figuras paternas. Por muito que os sujeitos fantasiem com o seu ideal de objeto de amor, depois acabam por acreditar que não o merecem e a sua escolha objetual é influenciada tendo como objetos de amor contraditórios que confirmam aquilo em que acreditam.

6. CONCLUSÃO

O nosso estudo desenvolveu-se no sentido de ajudar a compreender a mãe do sujeito homossexual, completar a crescente literatura que até agora foi desenvolvida para compreender a dinâmica entre mãe e filho sem antes conhecer a mãe para além da relação. No estudo, a mãe é uma mulher que promove a dependência dos objetos do sexo oposto, sejam os seus filhos, sejam os seus parceiros. Esta dependência é inicialmente desenvolvida através das suas características sedutoras, mas também é desenvolvida através do poder que insiste em exercer sobre os objetos. É uma mulher que tanto pode ser cuidadora e protetora, como depois controla, invade e castra. Promove-se perante o filho enquanto objeto de desejo, mas também apresenta características de agente de proibição.

Na dinâmica mãe-filho, há uma grande tendência para as mães apresentarem uma perversão narcísica, possuindo uma intensa angústia de perda do objeto o que as torna vulneráveis, mas para combaterem esse medo exercem poder sobre o objeto tornando-o dependente delas e assim controlam a sua angústia ao controlarem o objeto.

Ao longo do estudo, podemos observar dois tipos de mães com características bem distintas: mães cuja identidade de género é feminina e mães cuja identidade de género é masculina. As mulheres que fizeram uma identificação vincada ao masculino tornaram-se mães fálicas. São vistas como agressivas, temíveis, intolerantes e incompreensivas e por isso são alvo de impulsos agressivos por parte do filho. Apesar de todas as mães do nosso estudo terem assimilado a função ativa do masculino, apenas os filhos das mães fálicas não desenvolveram essa função. As mães fálicas influenciam a identidade de género do filho havendo uma labilidade no processo identificatório, não se podendo observar nestes casos uma triangulação. Por outro lado, as mães com uma identidade de género feminina têm filhos com uma identidade de género masculina - complexo de Édipo tradicional.

Nos sujeitos com a função ativa do masculino adquirida, podemos observar que as características pessoais dos próprios e das mães diferem, porque os sujeitos combatem e confrontam a mãe - têm por assim dizer características contrárias. Os sujeitos passivos submetem-se ao poder das mães e conseqüentemente às suas características, i.e. submetem-se aos desejos da mãe. À parte da função passiva e ativa, os sujeitos homossexuais da presente amostra e as suas mães mantêm características comuns: umas mais importantes, e.g. contraditórios, inseguros, instáveis; e outras mais superficiais, como a educação ou a importância do estatuto.

Ao tornarem-se dependentes da mãe, os sujeitos homossexuais tornam-se também dependentes do objeto de amor e fazem uma escolha narcísica, um objeto igualmente passivo. Por outro lado, os sujeitos que não dependem da mãe têm uma escolha objetal semelhante à da mãe e posicionam-se na relação amorosa como a mãe se posiciona na relação com o pai. Porém, todos os objetos de amor dos sujeitos homossexuais do ponto de vista dos mesmos, dependentes ou independentes, aparentam possuir características passivas, características femininas.

Tanto mãe como filho apresentam uma intensa angústia de perda do amor do objeto, mas a mãe escolhe objetos de amor que não lhe dão segurança e o filho adapta a sua escolha conforme o que pensa que merece.

O presente estudo permitiu encontrar diferentes tipos de identificação: a identificação com o pai e a mãe, com o feminino e o masculino e com o poder da mãe. É o processo identificatório promovido na sua maioria pela figura materna que desencadeia a forma como o sujeito é, como sujeito se relaciona com a mãe e como o sujeito se relaciona com o parceiro. Dentro deste processo, os três tipos de identificação estão interligados e todos são influenciados pela mãe, pela sua identidade e pela forma como se relaciona com o filho e o parceiro.

Deve-se ressaltar que o presente estudo não tem como objetivo categorizar, catalogar, rotular e/ou estereotipar as mães dos sujeitos homossexuais. Para além de ter como objetivo responder às questões de investigação, permite-nos ter uma compreensão aprofundada de quem são estas mães apesar da amostra ser diminuta. O facto da compreensão das mães dos sujeitos homossexuais ser feita através do ponto de vista dos sujeitos homossexuais pode constituir igualmente uma limitação. Como estudo futuro, seria interessante fazer um contraste dos pontos de vista dos filhos e dos pontos de vista das mães de forma a completar o presente estudo.

Como objetivo principal, procurou-se compreender de que forma as mães dos sujeitos homossexuais influenciam o processo identificatório do filho e as suas escolhas de objeto. Contudo existem outros elementos a considerar que não foram aqui considerados, nomeadamente, o ambiente familiar ao qual a criança teve exposta e a sua estrutura familiar. Porém, seria importante realizar um estudo semelhante em termos metodológicos e com os mesmos objetivos, mas entre irmãos, o sujeito homossexual e o sujeito heterossexual.

É relevante referir que a literatura relativamente a este tema continua a crescer exponencialmente e é importante promover estudos que nos façam compreender melhor

o sujeito. Na nossa prática clínica, o que surge mais relativamente a sujeitos homossexuais são os conflitos edipianos, a ansiedade de castração e a agressividade da libido quando estamos perante cenários edipianos (Schwartz, 1999). A presente investigação permite-nos melhorar a prática clínica e ajudar os sujeitos a compreender a sua identidade e aceitá-la, os seus desejos conscientes e inconscientes, passivos ou ativos, etc. Com prática clínica, ao promover o alargamento das barreiras do ego do sujeito iremos também reformular consequentemente a teoria do desenvolvimento psicosexual e a teoria da identidade de género, nas quais existe um *continuum* entre o que é ser feminino e o ser masculino e a forma como sujeito se coloca nesse *continuum*.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Angelerques, J., Karnel, F. (2003), Argument. *Revue Française de Psychanalyse*, 67 (3). Paris: PUF.
- Balsam, R. (2010), Where Has Oedipus Gone? A Turn of the Century Contemplation. *Psychoanalytic Inquiry*, 30, 511-519.
- Barden, N. (2011), Disrupting Oedipus: the Legacy of the Sphinx. *Psychoanalytic Psychotherapy*, 25 (4), 324-345.
- Benjamin, J. (1988), *The Bonds of Love*. Pantheon Books: New York.
- Benjamin, J. (1991), Father and Daughter: Identification with Difference – a Contribution to Gender Heterodoxy. *Psychoanalytic Dialogues*, 1, 277-299.
- Bergeret, J. (1997), *A personalidade normal e patológica*. Lisboa: Climepsi.
- Bieber, I., Dain, H., Dince, P., Drellich, M., Grand, H., Gundlach, R., Kremer, M., Rifkin, A., Wilbur, C., & Bieber, T. (1962), *Homosexuality: an analytic study of male homosexuality*. New York: Basic Books.
- Britton, R. (1989), The Missing Link: Parental Sexuality in the Oedipus Complex. *The Gender Conundrum: Contemporary Psychoanalytic Perspectives on Femininity and Masculinity*, 82-94. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Butler, J. (1993), Critically Queer. *GLQ*, 1 (1). 17-32.
- Butler, J. (1999), *Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1976), Freud and Female Sexuality: the Consideration of Some Blind Spots in the Exploration of the “Dark Continent”. *International Journal of Psycho-analysis*, 57.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1985), *The Ego Ideal: a Psychoanalytic Essay on the Malady of the Ideal*. New York: Norton.
- Chodorow, N. (1995), Individuality and Difference in how Women and Men Love, *Psychoanalysis in Contexts. Paths between Theory and Modern Culture*. London and New York: Routledge.
- Chodorow, N. (2001), Family Structure and Feminine Personality. *Feminism in the Study of Religion*. New York and London: Continuum.
- Corbett, K. (1993), The Mystery of Homosexuality. *Psychoanalytic Psychology*, 10 (3).
- Corbett, K. (1996), Homosexual Boyhood: Notes on Girlyboys. *Gender and Psychoanalysis*, 1 (4).

- Corradi, R. (2007), Turning passive into active: a building block of ego and fundamental mechanism. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 35 (3), 392-417.
- Delgado, L. (2011), *T.A.T. e Criatividade: estudo psicodinâmico*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Eiguer, A. (1995), *Le Cynisme Pervers*. Paris: L'Harmattan.
- Eiguer, A. (1996), *Le Pervers Narcissique et son complice*. Paris: Dunod.
- Eiguer, A. (2001), *Des Perversions Sexuelles aux Perversions Morales*. Paris: Odile Jacob.
- Freud, S. (1900), *The Interpretation of dreams*. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1905), Fragment of analysis of a case of hysteria. *Case of Hysteria three essays on sexuality and other works*, 7, 1-122. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1909), Analysis of a phobia in a five-year-old boy. *Two case histories – little Hans and the rat man*, 10, 1-149. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1910), Leonardo Da Vinci and a memory of his childhood. *Five lectures on psycho-analysis. Leonardo da Vinci and other works*, 11, 57-137. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1910), The special type of choice of object made by men (contributions to the psychology of love I). *Five lectures on psycho-analysis. Leonardo da Vinci and other works*, 11, 163-175. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1911), Psycho-analytic notes on an autobiographical account of a case of paranoia (dementia paranoides). *The case of Schreber. Papers on Technique and other works*, 12, 9-11. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1913), Totem and taboo. *Totem and taboo and other works*, 13, 8-162.
- Freud, S. (1918), From the history of an infantile neurosis. *An infantile neuroses and other works*, 17, 1-123. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1921), Group psychology and the analysis of the ego. *Beyond the pleasure principle, group psychology and other works*, 18, 65-143.
- Freud, S. (1923), The infantile genital organization: an interpolation into the theory of sexuality. *The ego and the ID and other works*, 19, 139-145. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1923), The ego and the ID. *The ego and the ID and other works*, 19, 1-66. London: Hogarth Press.

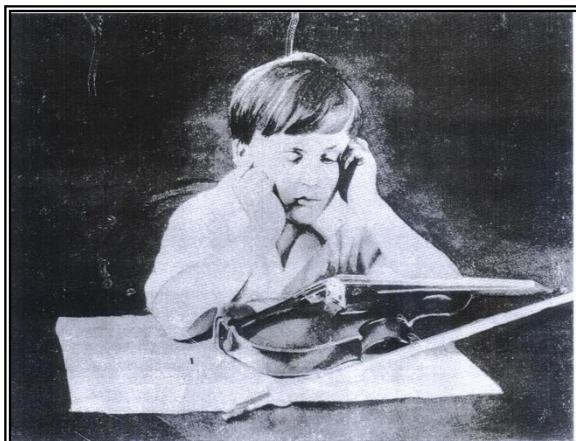
- Freud, S. (1924), The dissolution of the Oedipus Complex. *The ego and the ID and other works*, 19, 193-199. London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1924), *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Friedman, R. (1988) *Male Homosexuality*. New Haven: Yale University Press.
- Girard, R. (2004). *Oedipus Unbound: Selected Writings on Rivalry and Desire*. Stanford University Press: Stanford, California.
- Goldsmith, S. (2001). Oedipus or Orestes? Homosexual men, their mothers, and other Revisited. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 49 (4), 1269-1287.
- Green, A. (2004), Thirdness and Psychoanalytic Concepts. *Psychoanalytic Quarterly*, 73 (1).
- Green, A. (2005), *Key Ideas for a Contemporary Psychoanalysis – Misrecognition and Recognition of the Unconscious*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Green, R. (1987), *The “Sissy Boy Syndrome” and the Development of Homosexuality*. Yale University Press.
- Greenacre, P. (1958). Early Physical Determinants in the Development of the Sense of Identity. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 6, 612-628.
- Harris, A. (2005), *Gender as Soft Assembly*. Hillsdale: The Analytic Press.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000), *Doing Qualitative Research Differently: Free Association, Narrative and the Interview Method*. London: SAGE.
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2013), *Doing Qualitative Research Differently: a Psychosocial Approach*. London: SAGE.
- Kancyper, L. (2006), The Role of Pre-oedipal and Oedipal Factors in Psychic Life. *International Journal of Psycho-Analysis*, 87 (1).
- Klein, M. (1945), The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties. *The Oedipus Complex Today; Clinical Implications*, 11-82. Londres: Karnac Books.
- Lacan, J. (1956), La Relation d’Objet et les Structures Freudiennes. *Bulletin de Psychologie*, 516, 503-518.
- Laplanche, J. & Pontalis, J (1967), *Vocabulário da Psicanálise*. 7ª ed. (1990). Lisboa: Moraes.
- Lewes, K. (1998), A Special Oedipal Mechanism in the Development of Male Homosexuality. *Psychoanalytic Psychology*, 15 (3), 341-360.
- Loewald, H. (1979), The Waning of the Oedipus Complex. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 27.

- MacKinnon, C. (1979), *Sexual Harassment of Working Women: a Case of Sex Discrimination*. New Haven: Yale University Press.
- Mahler, C. (1982), *O Processo de Separação-Individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Martins, A. (2009), Uma Violência Silenciosa: Considerações sobre a Perversão Narcísica. *Caderno de Psicanálise Rio de Janeiro*, 22, 37-56.
- Masson, J. (1985), *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess, 1887-1904*. Cambridge: Harvard University Press.
- Matos, A. (1996), Percursos da Identidade: Processos Transformadores. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 11, 32.
- Money, J. (1977), *Handbook of Sexuality*. Amsterdam: Elsevier.
- Quinodoz, J. (2007), *Ler Freud*. Porto Alegre: Artmed.
- Pustel, G., Sternlight, M., Deutsch, M. (1971), Feminine Tendencies in Figure Drawings by Male Homosexual Retarded Dyads. *Journal of Clinical Psychology*, 27 (2), 260-261.
- Rado, S. (1940), A Critical Examination of Concept of Bisexuality. *Psychosomatic Medicine*, 2 (4), 459-467.
- Sachs, H. (1991), On the Genesis of Perversion. *American Imago*, 48 (3), 283-293.
- Schwartz, D. (1999), Is Gay Oedipus a Trojan Horse?: Commentary on Lewes's "A Special Oedipal Mechanism in the Development of Male Homosexuality". *Psychanalytic Psychology*, 16 (1), 88-94.
- Shentoub, V. (1983), Teste de Apercepção Temática (T.A.T.): Teoria e Método. *Análise Psicológica*, 1 (4), 23-30.
- Shentoub, V. et al (1999), *Manual de Utilização do TAT (Interpretação Psicanalítica)*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Socarides, C. (1968), A Provisional Theory of Aetiology in Male Homosexuality: a Case of Preodipal Origin. *The International Journal of Psychoanalysis*, 49 (1), 27-37. Reino Unido: Institute of Psycho-Analysis.
- Sperling, M. (1959). A Study of Deviate Sexual Behavior in Children by the Method of Simultaneous Analysis of Mother and Child. *Dynamic Psychopathology in Childhood*. 221-242. New York: Grune & Stratton.
- Steiner, J. (1985), Turning a Blind Eye: the Cover up for Oedipus. *International Review of Psycho-Analysis*, 12.
- Stoller, R. (1982), *Experiência Transexual*. Rio de Janeiro: Imago.

- Stoller, R. (1984), *Sex and Gender: the Development of Masculinity and Feminity*. London: Karnac.
- Stoller, R. (1993), *Masculinidade e Feminilidade: Apresentação do gênero*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- O'Shaughnessy, E. (1989). The Invisible Oedipus. *The Oedipus Complex Today: Clinical Implications*. Londres: Karnac Books.
- Wittig, M. (1979). Paradigm. *Homosexualities and French Literature*. Eds. Elaine Marks ad Geoge Stambolian: Ithaca, NY: Cornell University Press. 114-121.
- Winnicott, D. (1964). *The Child, the Family and the Outside World*. London: Penguin Books.

ANEXO A: Conteúdos latentes dos cartões do T.A.T.

Cartão 1



O cartão remete para a identificação com um indivíduo jovem numa situação de imaturidade funcional, que se encontra confrontado com um objeto que pode ser considerado objeto de adulto, cujas significações simbólicas são transparentes.

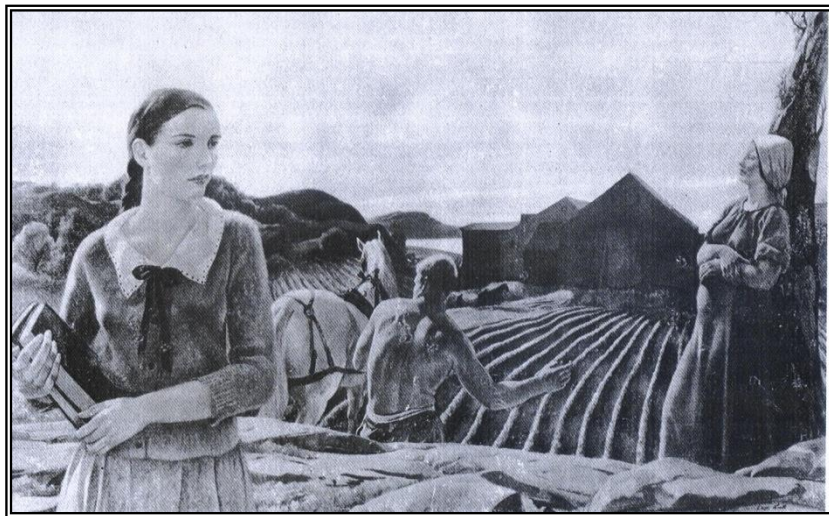
Para que a criança imatura possa ser representada como “capaz de utilizar o instrumento” é necessário que veja a sua integridade e a do violino: a percepção da criança deve remeter para uma representação humana inteira, não defeituosa; o violino deve ser identificado como um objeto não atingido na sua identidade, não partido e não estragado. Isto atesta a **capacidade do sujeito se situar inteiro face a um objeto inteiro.**

O sujeito pode reconhecer que o rapazinho, no presente, é incapaz e se servir do objeto “violino”, interpretação que remete para a impotência atual da criança, mas impotência que poderá ser ultrapassada no futuro. Isto implica o reconhecimento da angústia de castração, problemática essencial colocada por este cartão, isto é, o **reconhecimento da imaturidade atual da criança e a possibilidade de dela se distanciar num projeto identificatório** (o que corresponde ao tema banal) com um jogo possível entre posições ativas e/ou passivas.

A problemática de castração não deve ser apenas entendida em termos de potência/impotência mas como possibilidade de aceder à fruição e ao prazer: o objeto “violino” pode ser investido como objeto de desejo, suscetível de aportar satisfações e, portanto, suficientemente investido.

Quando domina a problemática narcísica e a luta antidepressiva, há um evitamento da angústia de castração na afirmação de uma posição de onnipotência. O princípio do prazer afirma-se de um modo megalomaniaco, que nega a imaturidade funcional da criança e a sua impotência atual. (*“É uma criança prodígio, está a ver-se a tocar, numa sala, aclamado por um público fascinado pelas suas capacidades”*). Pode aparecer a posição inversa a esta, em que há insuficiências do investimento de si com afetos depressivos (*“É uma criança desesperada, nunca conseguirá livrar-se, não pode, é incapaz de...”*).

Cartão 2



A **relação triangular** figurada é suscetível de **reativar o conflito edipiano**. Quando a identidade é estável, existe uma diferenciação entre as três personagens, podendo cada uma delas ser apreendida como munida de qualquer coisa.

Há casos em que o conflito não se desenrola numa relação triangular mas sim dual, em que a rapariga está numa situação de dependência em relação ao casal de camponeses que figuram o casal parental. Quando, pelo contrário, os processos identitários são pouco estáveis, aparece uma pseudotriangulação que vem substituir-se à diferença de sexos.

O reconhecimento do laço que une o casal do segundo plano é sustentado por fantasmas da cena primitiva mais ou menos elaborados: o conflito vai tecer-se entre desejos e defesas, sendo a rapariga portadora de desejos libidinais em relação ao homem

e de movimentos agressivos em relação à mulher. Isto é acompanhado por evocações de nostalgia e tristeza em ter de renunciar aos seus objetos de amor.

Quando predomina a problemática narcísica ou antidepressiva, o cartão pode reavivar outros registos de problemática: numa problemática de perda, a elaboração do conflito edipiano é particularmente difícil (fragilidade de manejo pulsional, precaridade dos investimentos libidinais e manuseamento da agressividade mal gerida).

Em contextos psicóticos, os laços entre as personagens são maciçamente atacados, o que está associado a fantasmas destrutivos e mortíferos da cena primitiva.

Cartão 3BM



Reenvia para a **problemática de perda de objeto** e põe a questão da **elaboração da posição depressiva** (depressão). O material, ao pôr à prova a representação narcísica de si próprio, mobiliza também processos identificatórios, na medida em que a personagem é representada de modo relativamente vago quanto à sua identidade sexual.

A elaboração da posição depressiva é possível quando os afetos depressivos são reconhecidos e associados a uma representação de perda do objeto. Pelo contrário, há uma recusa da depressão quando há uma defesa maior de tipo maníaco. Deste modo, é preciso perceber se, num primeiro momento, o sujeito “mergulha” na depressão e depois se liberta, projetando no futuro um possível trabalho de luto.

Nas organizações neuróticas, os afetos depressivos são reconhecidos e a representação de perda do objeto é associada à ambivalência face ao objeto. Aqui o conflito posiciona-se entre o desejo e os interditos superegóticos que ameaçam o laço de amor com as figuras parentais. A depressão é então dominada pelo sentimento de culpabilidade e pelo medo inconsciente de um castigo.

Nas modalidades de tipo narcísico, o conflito refere-se a um ideal do Ego exigente. O fantasma narcísico é posto em primeiro plano e a perda é sentida em termos de ferida narcísica. Aqui, a depressão é dominada por sentimentos de vergonha e de inferioridade. O objecto não é investido num movimento relacional objetal, mas com uma procura permanente de ganhos para o narcisismo próprio do sujeito.

Nas organizações de tipo psicótico, os afetos depressivos podem eventualmente ser evocados. Aqui é a representação unitária da imagem de si que falha, o que se traduz pela percepção de deformações corporais na personagem. Neste caso, podem aparecer temas de destruição (a agressividade é maciçamente voltada contra si num movimento destrutivo, o que não permite a manutenção da identidade na sua integridade) ou ainda temas paranoicos (há projeções da agressividade para o exterior, tornando-se o objeto externo persecutório). Os movimentos destrutivos atacam o pensamento, o discurso fica desorganizado, o relato torna-se caótico, bem como a representação que o sujeito tem de si e do seu corpo.

Cartão 4



Remete para o **conflito pulsional no seio de uma relação heterossexual** visto que cada um dos protagonistas pode ser portador de movimentos pulsionais diferentes, agressividade e/ou libido (o dualismo pulsional está aqui fortemente representado).

Tal como os cartões 6BM, 6GF e 7BM, este cartão está estruturado pela diferença de sexos, prestando-se com menos facilidade a associações regressivas.

Encontra-se com muita frequência instabilidade nas identificações, o que se traduz pelas tomadas de posições alternativas masculinas ou femininas: por vezes é o homem que é percebido como potente e forte e a mulher frágil e dependente, enquanto noutros casos a situação inverte-se e é uma mulher dominadora e castradora que se confronta com um homem fraco e submisso. Este duplo movimento pulsional é esperado mas é importante que haja uma ligação possível entre a libido e a agressividade.

O investimento e a presença de uma terceira personagem podem acentuar o impacto edipiano da fantasmática. O cartão é estruturado no sentido do Édipo positivo: o homem e a mulher amam-se e o homem deseja ir bater-se com o seu rival para guardar aquela que ama. A valência feminina da problemática edipiana está também presente: ao alto à esquerda, num pormenor pouco figurado, há uma personagem feminina, muitas vezes percebida como parcialmente desnudada, que reativa a rivalidade das duas mulheres pelo homem. O movimento de saída pelo homem pode ser, então, interpretado como significativo do desejo de encontrar esta outra mulher.

A dupla conflitualidade da problemática edipiana é a atração pela personagem do sexo oposto e a rivalidade com a personagem do mesmo sexo.

Cartão 5



Reenvia para uma imagem materna que penetra e olha, que não pré-julga sobre o registo conflitual no qual o sujeito se vai situar, pois as modalidades de relação à imagem materna são múltiplas.

A mãe pode ser vivenciada como uma instância superegóica que vem surpreender uma cena transgressiva (o cartão reativa a curiosidade sexual e os fantasmas da cena primitiva e a culpabilidade ligada à masturbação).

Por outro lado, podem surgir fantasmas incestuosos ligados a uma imagem materna sedutora: mulher que mostra a perna nua por entre a racha da saia.

No registo de uma problemática edipiana relativamente elaborada, diferenciam-se os conflitos expressos em termos de agressividade e de interditos, de desejo e culpabilidade, daqueles que remetem para uma cena de sedução reativada no aqui e agora da aplicação.

Num registo mais arcaico, em que não há suficiente interiorização do Superego, pode haver referência a uma imago materna que penetra e olha de um modo persecutório. As quantidades de energia pulsional agressiva permitem evocar uma vivência de intrusão, ou mesmo persecutória, na relação com a imagem materna. O olhar da mulher não será então integrado num sistema conflitual interno e as moções pulsionais agressivas, projetadas sobre a personagem figurada, arrastarão uma irrupção de representações maciças e uma deformação do material (“ela tem um olhar rancoroso”).

Cartão 6BM



Reenvia para as relações com as imagens materna e paterna no seio de uma problemática edipiana.

A sua estruturação de diferença de sexos e gerações facilita pouco as associações regressivas. A aproximação dual que elas privilegiam pode dar lugar a manifestações de intensa angústia, quando o sujeito te dificuldade em se situar em relação a uma imagem parental sentida como perigosa, pela sua potência ou proximidade.

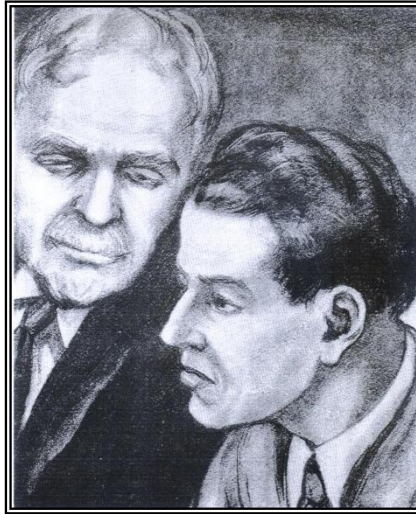
Remete para a **proximidade mãe-filho num contexto de mal-estar**. A diferença de gerações reenvia para o interdito da aproximação edipiana, devido ao facto das duas personagens não estarem frente a frente, dado que a mulher tem as costas viradas para o jovem.

Num contexto edipiano é acentuado o interdito da proximidade: "o rapaz deve deixar a mãe". Os afetos e a tristeza (quando é reconhecida) remetem para um tema de luto, luto do pai com muita frequência, podendo esta evocação ser sustentada por um fantasma de parricídio.

Se no cartão 5, no mesmo contexto edipiano, a relação com a imagem materna pode ser erotizada e interdita, o cartão 6BM é mais estruturado no sentido do interdito: a diferença de gerações é muito acentuada, a mulher afasta-se do homem e vem inscrever-se na proximidade mãe e filho uma representação de perda de objeto.

Quando a problemática edipiana é suficientemente estruturante, a evocação de morte não engendra uma desorganização evidente uma vez que a ligação entre a agressividade e os afetos ternos é possível. É a tristeza do luto que eles partilham que aproxima os dois parceiros.

Num registo mais arcaico de relação com a imagem materna, podem observar-se fantasmas de realização incestuosa que se traduzem pela ausência da percepção da diferença de geração, por estados de grande excitação ou de desorganização parcial através de temas de destruição ou de morte que dão conta do perigo de aproximação mãe-filho.

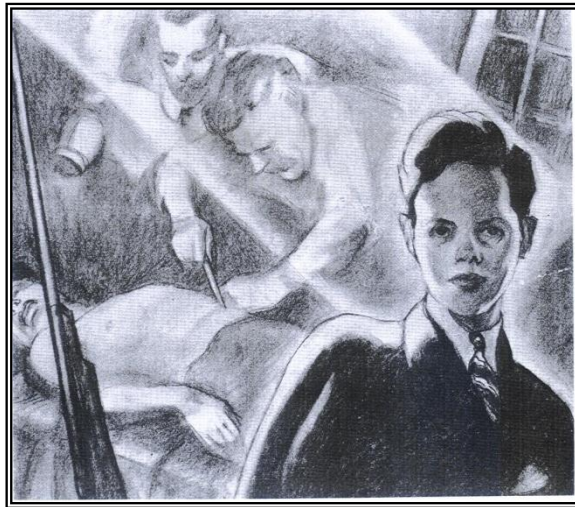


Reenvia para as relações com as imagens materna e paterna no seio de uma problemática edipiana.

A sua estruturação de diferença de sexos e gerações facilita pouco as associações regressivas. A aproximação dual que elas privilegiam pode dar lugar a manifestações de intensa angústia, quando o sujeito te dificuldade em se situar em relação a uma imagem parental sentida como perigosa, pela sua potência ou proximidade.

Reenvia para a **proximidade pai-filho** num contexto de reticência do filho; os corpos estão excluídos. O conflito deverá desenvolver-se em torno de uma proximidade entre estas duas personagens, em termos de ternura e de oposição. A energia pulsional é mobilizada tanto no seio de movimentos agressivos como libidinais (a agressividade e a rivalidade predominam quase sempre). Contudo, quando uma proximidade mais terna é evocada, ela não remete só para a erotização da relação, mas pode testemunhar um apoio possível num “bom pai”, o que revela a resolução do conflito edipiano e do acesso à ambivalência: o pai pode ser um rival mas o amor de que ele é objeto permite ligar a agressividade sentida por ele. Por vezes, a ambivalência é difícil de elaborar: ou o confronto conflitual é evitado pelo recurso a uma relação especular (problemática narcísica dominante) ou então desencadeia o surgimento de fantasmas destrutivos.

Cartão 8BM



Reativa as **representações suscetíveis de serem relacionadas com a angústia de castração e/ou agressividade para com a imagem paterna.**

A personagem central possui, simultaneamente, atributos da infância e da idade adulta: o rapaz parece muito jovem mas está vestido como um homem, o que pode ser compreendido como uma condensação das identificações na adolescência.

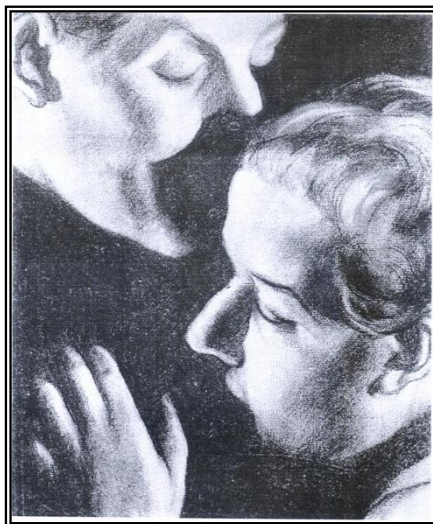
Colocam-se aqui duas questões importantes. Uma é a de perceber se, no registo dos **processos identificatórios**, o sujeito vai optar por uma **posição ativa** através do tema de acidente de caça (utilizar a espingarda é, de facto, numa talvez demasiado breve síntese, mostrar-se capaz de tomar o lugar do pai por identificação) ou, pelo contrário, uma **posição passiva**, homossexual, figurada pela posição do homem estendido. A outra questão é perceber se no registo da **problemática edipiana a agressividade e o amor permitem ou não a reparação da imagem paterna.**

A cena da operação condensa, ao mesmo tempo, os desejos parricidas e os fantasmas de castração que os engendram, no seio de uma culpabilidade edipiana. No entanto, pode ser também interpretada como cena de sedução homossexual (fantasma de penetração).

Num contexto edipiano, é o desejo de tomar o lugar do pai, e o desejo concomitante de o matar, que domina a cena. Mas para além disso, aparece um outro aspecto da relação ao pai na dimensão reparadora para com este pai ferido e não morto. É a

ambivalência que é fortemente solicitada na relação com a imagem paterna: o manejo da agressividade e da libido, ligação possível do amor e do ódio.

Cartão 10



Reenvia para a proximidade e expressão libidinal num casal.

As personagens são representadas com uma parte dos rostos na sombra. Para que possa haver reconstrução da integridade destes rostos, é necessário que o sujeito seja capaz de os perceber e que tenha à sua disposição uma **representação íntegra da imagem do corpo. As partes do rosto na sombra não podem ser reconstruídas e integradas numa representação completa por sujeitos que sofrem de angústia de fragmentação ou de desintegração.** A ausência de uma figuração interna de um objecto total, torna possível a sua reconstrução a partir de um estímulo parcial.

O material é ambíguo para que possa haver diferentes interpretações quanto ao sexo das personagens, que determina a identificação do sujeito a um casal heterossexual ou homossexual. A problemática pode remeter para uma aproximação libidinal numa relação heterossexual, onde pode haver reconhecimento da ligação sexual entre os dois parceiros ou defesas para lutar contra essa representação. O conflito pode aparecer na evocação da curiosidade sexual, sustentada por fantasmas da cena primitiva ou ligada às relações do casal parental. Quando o conflito edipiano não é estruturante, pode

observar-se uma reativação de fantasmas incestuosos, que se traduzem pela evocação de uma aproximação entre pai e filho.

Num contexto de problemática narcísica, a diferença de sexos não é tida em conta e dá lugar a relações especulares: relação homossexual, busca de uma imagem de si ideal, negação da diferença.

Podem também encontrar-se relações de suporte que evacuam para a dimensão sexual da proximidade e na qual o outro é investido como apoio indispensável.

No caso das problemáticas psicóticas, há uma incapacidade do sujeito em distinguir personagens na sua integridade corporal. As qualidades particulares de sombra e de luz favorecem a confusão e a telescopagem dos papéis nos sujeitos com identidade frágil.

Cartão 11

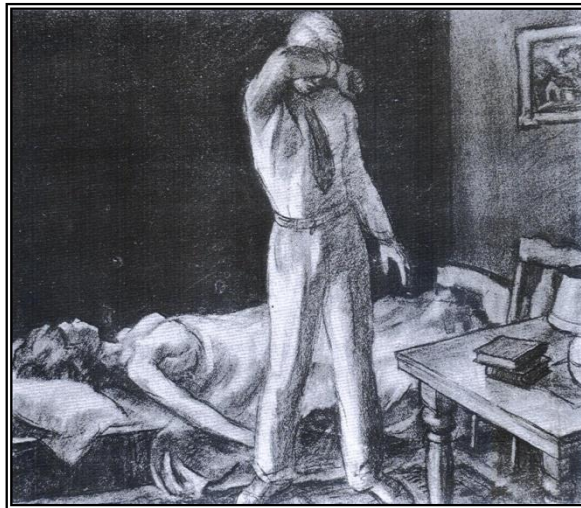


O cartão é angustiante, a angústia deve ser sentida como tal, e o seu não reconhecimento constitui um índice patológico em todos os casos. Evoca o combate contra a natureza, representada nos seus aspetos perigosos, o que remete para a evocação das relações com a mãe natureza, isto é, com a mãe arcaica. O cartão reactiva materiais psíquicos de ordem pré-genital, pelo que se espera encontrar relatos de fantasmas arcaicos, mesmo que as representações que deles dêem conta possam aparecer em termos elaborados.

O cartão põe à prova a **capacidade do sujeito elaborar a angústia pré-genital**. Interessa perceber a capacidade do sujeito “mergulhar no material regressivo”, compor esse “mergulho regressivo”, emergir e construir uma paisagem relativamente organizada a partir de um material caótico, ao apegar-se apenas aos elementos mais estruturantes do material manifesto.

Num contexto de funcionamento neurótico, o sujeito pode situar-se num sistema de secundarização efetiva dos fantasmas arcaicos: o deslocamento, a condensação e a simbolização permitem a construção de um relato que se assemelha ao relato do sonho.

Cartão 13MF



Remete para a expressão da sexualidade e agressividade no casal. Interessa perceber em que medida a dimensão passional da relação heterossexual é percebida e pode ser traduzida através de um cenário “legível”. A sexualidade aparece na evocação da ligação do casal e a agressividade surge na eventual evocação de um crime passional.

Do ponto de vista económico, são esperadas grandes quantidades de energia pulsional (representações e afetos maciços). Os temas de culpabilidade e remorso, relacionados com a expressão da sexualidade e da agressividade, mostram a oscilação entre o desejo, a libertação pulsional e a defesa em termos de interdito e de culpabilidade.

O material pode ainda suscitar uma reativação pulsional e fantasmática, que determina movimentos de inibição maciços e histórias restritivas. Noutros casos ainda, só a agressividade é desenvolvida, ou só os aspetos sexuais da relação são privilegiados.

São aqui postas à prova as **capacidades de ligação dos movimentos pulsionais agressivos pelos movimentos libidinais**.

Cartão 19



Tanto o mar como a neve são referências à natureza que remetem para a imago materna. **Reativa uma problemática pré-genital** na evocação de um continente e de um meio, que permitem a projeção do bom e do mau objeto. **Incita ainda à regressão e à evocação de fantasmas fobogénicos**.

Pretende-se aqui perceber se o sujeito é capaz de organizar a separação entre o dentro e o fora e evocar um continente e um meio que permitam a projeção do bom e do mau objeto. Se ele consegue evocar as experiências positivas e negativas e assegurar a clivagem entre o bom e o mau objeto: guardar o bom no interior e expulsar o mau para o exterior.

Quando os limites entre o dentro e o fora não são fiáveis, as representações de relações põem a tónica na intrusão, no persecutório, na destruição, na morte, o que remete para modalidades de funcionamento arcaico.

Põem-se aqui à prova as capacidades de delimitação entre dentro e fora, pela introjeção do bom objeto e expulsão do mau objeto (Freud, 1925).

Cartão 16



Reenvia para a forma como o sujeito estrutura os seus objectos privilegiados e às relações que com eles estabelece. A sua dimensão transferencial é intensificada uma vez que o material não é figurativo e se trata do último cartão a ser proposto. Este cartão é muito importante devido às dificuldades em o interpretar e à variedade de solicitações que implica.

ANEXO B: Cartão 9BM



ANEXO C: Protocolo do T.A.T. do David (25 anos) – Análise qualitativa, procedimentos e legibilidade.

PRANCHA 1

Imagino que este miúdo esteja numa aula de violino e parece estar a fazer birra porque não quer tocar ou já está farto de tocar. Está pensativo e pela posição das mãos dele não quer mesmo é tocar. Ou está chateado porque não quer tocar ou não sabe.

A3-1 PRECAUÇÃO VERBAL

A2-4 CONFLITO INTRA-PESSOAL

A1-1 DESCRIÇÃO COM LIGAÇÃO AOS DETALHES COM INTERPRETAÇÃO

Se não sabe é a castração, se não quer é oposição. Para ele, não há diferença. Não saber é a mesma coisa que não querer. Evitar a ferida narcísica. As mãos remetem para questões identitárias – uma aparência identitária, as mãos.

PRANCHA 2

Mas isto são pinturas? Daquilo que eu vejo, é uma cena muito encenada, as pessoas não estão em relação, estão em pose. Não consigo encontrar uma história. Eles quase que parece que não estão em companhia. A rapariga é estudante e parece que vai para a aula. A outra figura feminina está a fazer uma pausa do trabalho de campo. O homem tal como ela está prestes a iniciar o trabalho. Não percebo o que ele vai fazer, porque a pose dele é mais fotográfica, não é de quem vá trabalhar. A figura ao fundo com o cavalo também é um homem... Eles devem estar a lavrar o chão, ele e o outro homem.

CM-1 APELO AO CLÍNICO

A2-1 RECURSO AO FICTÍCIO

CI-1 RECUSA

A1-1 DESCRIÇÃO

E1-3 FALSAS PERCEPÇÕES

CF-1 ACENTO POSTO NO QUOTIDIANO

Nada é real, é encenado. Falta-lhe o substrato. Fotográfico é uma maneira de distanciar – evitamento. Nada está acontecer. Pôr em quadro. Espalhamento narcísico, outro homem. Duas mulheres dois homens para estabelecer igualdades.

PRANCHA 3

Estou a tentar perceber se é uma criança ou uma mulher, mas pelo traje e pelo sapato é uma mulher que está estafada. Uma hipótese seria um caso de violência doméstica pela posição de fraqueza, parece que está a chorar. Ao pé da perna dela, parece ser umas chaves. Numa situação de telenovela, luta pela residência entre a esposa e o marido (silêncio). AI NÃO, É UMA ARMA!!! Não consigo descrever o objeto, é uma pista para o que possa ter acontecido. Sim, é uma arma, pode até ter sido um suicídio e a arma caiu da mão direita.

A3-1 HESITAÇÕES ENTRE INTERPRETAÇÕES DIFERENTES

A2-1 RECURSO AO FICTICIO

E3-2 INSTABILIDADE DOS OBJETOS

CN-3AFETOS NA CORPORALIDADE

E1-3 FALSAS PERCEÇÕES

B1-2 INTRODUÇÃO DE PERSONAGENS NÃO FIGURADOS NA IMAGEM

E2-1 FABULAÇÃO FORA DA IMAGEM

A3-2 ANULAÇÃO

A3-1 DÚVIDA

E2-3 EXPRESSÃO CRUA LIGADA A UMA TEMÁTICA AGRESSIVA

A criança e a mulher são a mesma coisa. Uma mulher que pode ser criança porque é fraca, frágil, é vítima. Tenta recusar, o que ele imagina é mais violento. Ele não fala dum conflito interno, é um conflito com o agressor. Ela é sempre vítima, a história agrava-se. A depressão não tem saída, os mecanismos de reparação não funcionam. Faz afastamento.

PRANCHA 4

Parece uma cena de café ou de bar (ri-se). Não acho que eles estejam chateados um com o outro, mas há uma distração por parte do homem. Mas a mulher pede que ele fique mais tempo ali com ela. Ele encontrou algo que o motive a ficar ali. Outra imagem mais ao fundo com a senhora da liga, sugere que isto poderia ser um bordel onde há mulher que seduz, uma sedutora. É uma situação onde o homem tem demasiados estímulos e não sabe para onde se há-de virar.

CM-3 HUMOR

A2-3 DENEGAÇÃO

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

B1-3 EXPRESSÃO DE AFECTOS

B3-2 EROTISAÇÃO DAS RELAÇÕES

CN-5 RELAÇÃO ESPECULAR

É um homem que está entre várias mulheres, muito edipiano, rivalidade (mas ele não diz isso claramente). A que seduz é a que está no quadro ao mesmo nível do outro. Ele tem necessidade de acrescentar. A componente sexual pesa mais no fim da história, fica mais saturado o ambiente erótico.

PRANCHA 5

No cenário, alguém que encontra uma pessoa no quarto (silêncio, ri-se). Ou pode não estar outra pessoa, pode ser só um sítio desarrumado ou algo que ela não estava a contar. Não consigo entender a expressão facial dela, se está admirada ou assustada. Mas pela posição, digo que ela estava incerta quando entrou. Ela ouviu um barulho vindo de dentro e tentou entrar sem dar muito nas vistas.

A2-1 RECURSO AO FICTICIO

CI-2 ANONIMATO DAS PERSONAGENS

CI-1 SILÊNCIO

CM-3 HUMOR

CL-4 CLIVAGEM

B3-2 SIMBOLISMO TRANSPARENTE

CN-3 AFETOS NA CORPORALIDADE

B1-2 INTRODUÇÃO DE PERSONAGENS NÃO FIGURADOS NA IMAGEM

Ela está a espiar. Cenário – afastamento, isolamento. Mãe que vigia ou a desarrumação/desordem não pertence a ninguém. É como se ele separasse o desarrumador e a desarrumação = desordem nos afectos, nas pulsões. Algo que ele não estava a contar = o que os filhos fazem no quarto quando os pais não estão a ver.

PRANCHA 6BM

Aqui o senhor parece estar a sentir-se culpado. Dizendo disparates, ele pode ter contado qualquer coisa à senhora que ela tenha ficado apreensiva. Ele tem alguma insegurança. Ou então é um mensageiro que vem dizer que o marido acabou de morrer. Ai que horror. Ou então é só uma notícia que não é positiva. Não é positivo.

B1-3 EXPRESSÃO DE AFETOS

A3-1 PRECAUÇÕES VERBAIS

CI-2 MOTIVOS DOS CONFLITOS NÃO PRECISADOS, ANONIMATO DAS PERSONAGENS

E2-3 EXPRESSÃO CRUA LIGADA A UMA TEMÁTICA AGRESSIVA

CM-3 REVIRAVOLTA

Angústia de culpabilidade, ele acabou de matar o pai. O mensageiro é que matou o pai. O crime foi dele. Culpado, assassino e mensageiro. Ele não se refere a senhora como mãe. Não estabelece relações entre as personagens, nem gerações. Não tem ligações a ninguém.

PRANCHA 7BM

Pai e filho pela diferença de idades. Podiam estar a ver televisão ou pelo menos o personagem novo está preso noutra assunto e o mais velho está prestes a falar, mas não chega a dizer nada. Estão muito sérios. Parecem estar a prestes a interagir sem grande

euforia. Agora que vejo melhor pelos trajes que têm, trajes formais, gravata, eles podem ser colegas de trabalho e isto é um close-up numa cena onde estão mais pessoas numa reunião de trabalho. O mais velho pode estar a dar ao outro dicas do que apresentar ao grupo. É mais uma reunião do que uma cena familiar. Retiro a hipótese pai e filho.

CF-1 ACENTO POSTO NO FACTUAL, NO QUOTIDIANO

A3-3 RECUSA

B3-2 EROTIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

A2-2 INTELECTUALIZAÇÃO

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

CI-3 ELEMENTOS ANSIOGÉNICOS

A3-2 ANULAÇÃO

C3-3 LABILIDADE DAS IDENTIFICAÇÕES

B3-1 MOBILIZAÇÃO DE AFETOS AO SERVIÇO DAS REPRESENTAÇÕES

Erotiza a relação pai e filho. “Sem grande euforia” – negação, parece uma cena de sedução. Corta as ligações afectivas, relações.

PRANCHA 8 BM

Parece uma cena de filme, uma montagem. Há uma pessoa em primeiro plano. No segundo plano, é uma aula de anatomia, ou melhor uma pessoa a ser operada, não, tem de ser uma cena de autópsia porque a pessoa não está entubada! A primeira pessoa... Isto é uma memória de algo que ele sabe. Algo sério, não diria que é um crime, é uma aula de anatomia porque as pessoas têm bigode e estão arrançadas. Esta pessoa tem um ar feminino. Esta até parece que é uma mulher vestida de homem, lábios carnudos e o penteado.

A2-1 RECURSO AO FICTÍCIO

A1-1 DESCRIÇÃO

A2-2 INTELECTUALIZAÇÃO

A3-1 HESITAÇÕES ENTRE INTERPRETAÇÕES DIFERENTES

E1-4 PERCEPÇÃO DE PERSONAGENS DOENTES

A2-3 DENEGAÇÃO

CN-2 DETALHES NARCÍSICO

E1-2 PERCEPÇÃO DE DETALHES RAROS SEM JUSTIFICAÇÃO ARBITRÁRIA

E1-1 ESCOTOMIA DE OBJETO MANIFESTO

Balanceamento entre a pulsão e a defesa. Desaparece a violência por artes mágicas, uma pirueta, não aconteceu nada para que ele ressuscite. Oscila entre a libido e a agressividade, entre a vida e a morte. Distancia quando fala que é uma memória. Apêndices corporais, pormenor e componentes narcísicas e masculinas. Alguém que finge que é homem, é um trans. Será que ele se sente vestido de homem? A violência que ele vê em segundo plano que ele não se quer ligar. Se for uma mulher, não há razão para matar o pai. A mulher tem menos força. Ele não vê a arma. Ele imagina uma fantasia de parricídio, do Édipo masculino. Mas se tiver uma mulher, não tem razões para matar o pai. Recusa da agressividade identificação com o feminino como defesa ao parricídio.

PRANCHA 9BM

Momento de sesta, de descanso. Pessoas a dormir a sesta. É a pausa dos trabalhadores, após o almoço. Se bem que eles estão demasiado próximos, são pessoas com quem estão demasiado próximas, com quem estão muito à vontade.

A1-1 DESCRIÇÃO COM LIGAÇÃO AOS DETALHES

CI-3 ELEMENTOS ANSIOGÉNICOS

CN-5 RELAÇÕES ESPECULARES

Descreve, mas depois fala da proximidade ansiogénica.

PRANCHA 10

Parece mãe e filho. Demonstra-se afecto de uma figura feminina pela pessoa mais nova. (vira o cartão) É uma situação positiva de afecto e de consolo pela cara da senhora. Não vou dizer mais.

B3-1 MOBILIZAÇÃO DE AFECTOS AO SERVIÇO DO RECALCAMENTO DAS REPRESENTAÇÕES

B1-3 EXPRESSÃO DE AFETOS

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

CI-1 RECUSA

Dessexualiza. Evita a cena primária. É suposto ver-se a relação entre os pais. Recusa. Relação de protecção (relação anaclítica – apoio), mãe e filho.

PRANCHA 11

Parece uma ilustração de um livro de aventura ou duma lenda. Demasiado dramáticos... (silêncio). Na ponte, está o herói desta história, a personagem principal que está a fugir das pessoas más. Isto é fantasia porque está aqui um dragão que eu nem consigo perceber se isto é a cabeça ou se é a cauda. O rapazinho e as outras pessoas estão fugir do dragão que acabou de acordar. As pessoas aqui, não sei se são outra criatura. A personagem principal está a fugir e as outras parecem ter cavalos.

A2-1 RECURSO AO FICTÍCIO

CI-1 SILÊNCIO

CN-2 IDEALIZAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DE SI E/OU DA REORREPRESENTAÇÃO DO OBJETO

E2-2 EVOCAÇÃO DO MAU OBJETO, TEMA DE PERSEGUIÇÃO

E1-4 PERCEPÇÃO DE OBJETOS MALFORMADOS

E3-2 INSTABILIDADE DOS OBJETOS

E1-3 FALSAS PERCEPÇÕES

Distancia-se. Clivagem (boas e más). Confunde os contornos do objecto, falta de noção dos limites. A diferenciação não se mantem. Instabilidade do objecto.

PRANCHA 13BM

(ri-se)

Esta gente teve um caso, houve aqui cena. O senhor dormiu com a senhora, isto é uma imagem de quando acabou de se vestir. (silêncio, pensativo) O senhor tem traços femininos, parece ter seios. Como tem gravata deve estar a preparar-se para ir para o trabalho. A senhora está viva, de boa saúde. Não parece estar morta, não é uma cena de crime, apesar de ele estar de pé. Bom, divertiram-se, foi uma coisa casual. Uma coisa que estou a pensar agora é de quem é que é a casa porque parece ser um casal que não tem a vida estável. A forma como senhora está parece que foi um encontro casual, mas pela disposição da casa parecem pessoas de bem. Mas o senhor que está a tapar a cara parece que... está a espreguiçar-se.

CM-3 HUMOR

B3-2 EROTISAÇÃO DAS RELAÇÕES

C1-1 RECUSA

E2-2 PROCURA ARBITRÁRIA DA INTENCIONALIDADE DA IMAGEM

A3-1 DÚVIDA

CN-3 PÔR EM QUADRO

CN-5 RELAÇÕES ESPECULARES

Falsas percepções homem torna-se feminino. Negação. Ambivalente sexo casual ou se há relação entre eles. Pulsão agressiva nega, pulsão sexual ainda admite.

PRANCHA 19

Tenho muitas dúvidas sobre o que isto é. É uma pintura abstracta. É uma casa com duas janelas tipo um cenário à Sponge Bob. Também vejo vários elementos fálicos. Isto é a minha taradice já a falar (em tom mais baixo). O pintor que pintou isto baseou-se na figura humana para pintar isto, vejo seios e pénis. (ri-se). Mas agora com inocência,

vejo uma casa com cortinas, isto não são cortinas. Está aqui um monstro, mas é um monstro com um ar simpático. Se calhar não é um monstro. As nuvens é que têm mais a cena de erotismo. Mas isto é uma casa tipo uma gruta no inverno.

A2-1 RECURSO AO FICTICIO

CF- ACENTO POSTO NO QUOTIDIANO

E2-3 EXPRESSÕES CRUAS LIGADAS À TEMÁTICA SEXUAL

E2-2 EVOCAÇÃO DO MAU OBJETO, PROCURA ARBITRÁRIA DA INTENCIONALIDADE DA IMAGEM

CM-3 HUMOR

A3-2 ANULAÇÃO

E3-2 INSTABILIDADE DOS OBJETOS

CL-1 POROSIDADE DOS LIMITES

Pintor – Distancia-se. Não consegue emocionar-se tem que pôr à distância, se não suporta. Anulação. Muito angustiado. Ele vê partes sexuais e identitárias do masculino e do feminino.

PRANCHA 16

História do papel final que tem a história dos outros cartões. Vou ver se consigo ver alguma coisa no papel por onde me guiar para contar a história. Dá para ver o tempo que ele tem. Não há história. Este é um papel especial porque não tem nada para contar, mas tem o seu protagonismo por ser o último. Não tem nada.

CL-2 APOIO NO PERCEPTO E/OU SENSORIAL

E1-2 PERCEÇÃO DE DETALHES RAROS

CM-1 ACENTO POSTO NA FUNÇÃO DE APOIO DO OBJETO

CI-1 RECUSA

CN-2 IDEALIZAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DO OBJETO

E4-2 INDETERMINAÇÃO

Ele não suporta o vazio. O vazio é mais inferioridade. Defesa maníaca. Não constrói relação.

LEGIBILIDADE GERAL DO PROTOCOLO DO DAVID: tipo 3 (- +) – Domina a série C, história ainda menos estruturada; ausência de afectos ou afectos massivos; há invasão fantasmática, em que o sujeito sente o que descreve; funcionamento *borderline*.

ANEXO D: Protocolo do T.A.T. do Carlos (22 anos) – Análise qualitativa, procedimentos e legibilidade.

PRANCHA 1

Isto parece uma criança, uma criança que não gosta de tocar violino, está a ser contrariada. Até pode estar a ser forçada pelos pais. Não sei.

A2-4 ACENTO POSTO NOS CONFLITOS INTRA-PESSOAIS

A3-1 PRECAUÇÃO VERBAL

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

B1-2 INTRODUÇÃO DE PERSONAGENS NÃO FIGURADOS NA IMAGEM

Oposição. Não aparece a castração. Não é não saber, é não querer.

PRANCHA 2

Aqui... Tenho que contar uma história, não é? Vejo se calhar um trio amoroso entre estas duas senhoras e o senhor. A senhora da direita está grávida e senhora dos livros não está contente com isso.

CI-1 NECESSIDADE DE COLOCAR QUESTÕES

B3-2 EROTISAÇÃO DAS RELAÇÕES

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

B2-3 REPRESENTAÇÕES E/OU AFFECTOS CONTRASTADOS

Não há relações familiares. Há uma triangulação que não tem o carácter edipiano. Não distingue gerações. Rivalidade.

PRANCHA 3BM

Parece uma pessoa deprimida ou bêbada. Não consigo ver outros objectos, mas é uma pessoa que parece não estar bem.

CI-2 MOTIVOS DOS CONFLITOS NÃO PRECISADOS

CI-3 RECUSA

A2-4 ACENTO POSTO NOS CONFLITOS INTRA-PESSOAIS

E1-1 ESCOTOMIA DE OBJECTO MANIFESTO

Tristeza e defesa (bebedeira). Não aparece a reparação.

PRANCHA 4

Aqui vejo um casal em que o senhor tem um olhar um pouco estranho, parece estar possuído e a senhora está preocupada.

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

B3-2 EROTIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

CI-2 MOTIVOS DOS CONFLITOS NÃO PRECISADOS

B1-3 EXPRESSÃO DE AFETOS

E2-2 EVOCAÇÃO DO MAU OBJETO

Mau objecto. Ele não termina a história. Aparece os afectos. Ela é o bom objecto. Apenas o que cada um sente.

PRANCHA 5

Esta senhora veio (silêncio) veio chamar alguém a sala. Suponho que é uma sala. Veio chamar alguém à sala para ir para a cama, parece ser de noite, o candeeiro está aceso.

CI-1 SILÊNCIO

A3-1 PRECAUÇÃO VERBAL

B1-2 INTRODUÇÃO DE PERSONAGENS NÃO FIGURADOS NA IMAGEM

CI-2 ANONIMATO DOS PERSONAGENS

CF-1 REFERÊNCIA PLACADA À REALIDADE EXTERNA

A2-2 INTELECTUALIZAÇÃO

CN-4 INSISTÊNCIA NOS LIMITES, CONTORNOS E QUALIDADES SENSORIAIS

A mãe ordena, referências e limites.

PRANCHA 6BM

Aqui parece que este senhor está a esconder alguma coisa da senhora. Parece ser mãe dele. Ou então veio dar uma notícia. Ou então já deu e a senhora está em choque a olhar para a janela.

A3-1 PRECAUÇÃO VERBAL

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

B2-2 AFECTOS FORTES

B3-1 MOBILIZAÇÃO DE AFECTOS AO SERVIÇO DO RECALCAMENTO DAS REPRESENTAÇÕES

Relações familiares. A senhora está em choque (ele não é capaz de dizer – morte do pai). A culpa não o deixa terminar a história. A componente agressiva não aparece.

PRANCHA 7BM

Aqui vejo dois homens a conjugar um plano. O senhor mais idoso parece estar a exercer mais influência sob o outro porque este está a olhar para ele e este está a olhar para o infinito.

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

E3-3 DESORGANIZAÇÃO CAUSALIDADE LÓGICA

E4-2 INDETERMINAÇÃO

Acção conjunta. Identificação entre eles, traçam o mesmo objectivo. Traços edipianos.

PRANCHA 8BM

Aqui vejo um jovem que se está a lembrar duma história de alguém que foi torturado, não consigo ver se é ele ou não. Possivelmente, um cenário de guerra porque está aqui uma espingarda. Pode ser filho deste senhor. Ou pode ser uma operação visto que a pessoa não está amarrada.

E3-1 CONFUSÃO DE IDENTIDADES

B3-3 LABILIDADE NAS IDENTIFICAÇÕES

CL-2 APOIO NO PERCEPTO

A3-1 PRECAUÇÃO VERBAL

A1-3 REFERÊNCIAS AO SENSO COMUM

A2-2 INTELECTUALIZAÇÃO

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

E2-3 EXPRESSÕES CRUAS LIGADAS A UMA TEMÁTICA AGRESSIVA

Passado – Distancia. O facto de ser filho desenvolve a culpa relativamente às componentes agressivas.

PRANCHA 9BM

Este parece soldados de guerra a dormir nas trincheiras. Estes três parecem estar a dormir, mas este da ponta não. Parece ir acordá-los.

A1-1 REFERÊNCIAS SOCIAIS

A1-1 DESCRIÇÃO COM LIGAÇÃO AOS DETALHES

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

A3-1 PRECAUÇÃO VERBAL

Camaradagem.

PRANCHA 10

Momento íntimo, talvez partilha de um desejo. Parece duas pessoas a dormirem juntos, provavelmente mãe e filho.

B2-2 AFECTOS FORTES

A3-1 PRECAUÇÃO VERBAL

B3-2 EROTIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

E4-3 ASSOCIAÇÕES CURTAS

Dessexualizar a cena de forma estranho. Não há recalçamento nenhum. Rejeição do pai, ele está a ocupar o lugar do pai.

PRANCHA 11

Parece um desfiladeiro. Um caminho um pouco difícil e há pessoas a tentar passar. Aqui uma ponte. Isto não sei se é um dragão. Alguém já está a atravessar a ponte para outro lado, parece estar a fugir.

A3-1 PRECAUÇÃO VERBAL

A1-1 DESCRIÇÃO COM LIGAÇÃO AOS DETALHES

E2-2 TEMA DE PERSEGUIÇÃO

Organizado. Persecutório.

PRANCHA 13BM

Este senhor provavelmente acabou de assassinar esta jovem que está deitada que tem os braços caídos da cama e ele ou está a chorar ou está a limpar o suor caído da cara.

E2-3 EXPRESSÃO CRUA LIGADA A UMA TEMÁTICA AGRESSIVA

B2-1 ENTRADA DIRECTA NA EXPRESSÃO

A3-1 PRECAUÇÃO VERBAL

A1-1 DESCRIÇÃO COM LIGAÇÃO AOS DETALHES

CN-3 PÔR EM QUADRO

B2-2 AFECTOS FORTES

Pulsão agressividade, ele não sabe se o homem chora a perda ou se está apenas cansado e preocupado em safar-se.

PRANCHA 19

Parece uma espécie de submarino que ou está a emergir ou a submergir porque está ao nível da água. Não consigo perceber se são tripulantes, imagino que sim.

CL-1 POROSIDADE DOS LIMITES

A3-1 PRECAUÇÕES VERBAIS

Não faz diferenciação entre o dentro e fora.

PRANCHA 16

Pode ser um rapaz a brincar com o seu cão. Um jardim duma casa onde também há uma piscina e nessa piscina estão os amigos todos. É uma festa de amigos e está lá o cão. E também há uma rede para balançar. E há uma toalha de piquenique com muita comida e bebida e o cão está sempre a tentar roubar a comida da toalha.

A3-1 PRECAUÇÕES VERBAIS

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

CF.1 ACENTO POSTO NO QUOTIDIANO

Alegre, libidinal. Não está sozinho, preenche o vazio. Componentes da relação primária, regressiva (oralidade, erogeneidade cutânea).

LEGIBILIDADE GERAL DO PROTOCOLO DO CARLOS: tipo 2 (+-) – Predomínio de A3 ou B3 (isto é, controlo obsessivo ou labilidade histérica); história tem que estar menos estruturada porque já há alguns mecanismos de defesa; têm que haver afectos exagerados ou muito controlados; tem que haver impacto fantasmático, em que o sujeito

comece a contar a história de acordo com o tema, mas comece a sentir perigo e a defender-se; funcionamento neurótico.

ANEXO E: Protocolo do T.A.T. do Vitor (27 anos) – Análise qualitativa, procedimentos e legibilidade

PRANCHA 1

Vejo um menino que está a estudar muito concentrado e a pensar “estava melhor a ver desenhos animados”. Isto sou eu. E que vai ser criativo porque estudar assim com as mãos vai ser criativo.

E1-1 ESCOTOMIA DE OBJECTO MANIFESTO

B1-1 PÔR EM DIÁLOGO

CN-1 REFERÊNCIAS PESSOAIS

CN-2 DETALHES NARCÍSICOS

CN-3 PÔR EM QUADRO

Pegar, cuidar, acariciar. Identificação projectiva. Escotomiza o violino. Termina com esperança no futuro, não aparece a impotência, ele retira o que é a fonte de conflito, aquilo que lhe traz dificuldades ele elimina.

PRANCHA 2

Vejo para mim duas senhoras sem dúvida. Uma com um ar extremamente cansada e grávida. Vejo também uma outra senhora com um ar muito púdico, calmo que teve uma relação com este senhor que está atrás da foto. Esta está grávida sem dúvida. O senhor da foto tem ar de quem trabalha na terra, quem cuida dos campos.

B2-3 REPRESENTAÇÕES CONTRASTADAS

A1-1 DESCRIÇÃO

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

B3-2 EROTIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

A1-3 REFERÊNCIAS SOCIAIS

A3-4 ISOLAMENTO ENTRE REPRESENTAÇÕES

Corta os laços para não haver triangulação. Tiveram uma relação mas ela é púdica. Há uma triangulação, mas ele isola as personagens. Só fala da foto quando se torna mais conflitual. Uma mulher que não se sente feliz por estar grávida. Ar púdico e calmo é um disfarce contrasta com a relação.

PRANCHA 3 BM

Só me vem uma palavra: tristeza. Uma pessoa que está triste por algo que a deixou sem perspectivas de vida. Descobriu recentemente que tinha uma doença muito grave e que agora está a pensar em como pôr termo à vida.

B2-2 AFECTO FORTE

E1-1 ESCOTOMIA DE OBJECTO

CN-1 ACENTO POSTO NA EXPERIÊNCIA SUBJECTIVA

B2-4 REPRESENTAÇÕES DE ACÇÕES ASSOCIADAS A ESTADOS EMOCIONAIS DE CATÁSTROFE

E1-4 PERCEPÇÃO DE PERSONAGENS DOENTES

Escotomiza a arma. Não fala da solidão nem da relação com o outro. Ordem narcísica: um poder sobre a vida e a morte, antes de morrer eu mato-me. História construída sobre um tema pessoal: melhor a avó morrer, se tivesse no lugar dele já me tinha matado.

PRANCHA 4

Que giro. Isto faz-me lembrar uma fotografia dos meus avós. Vejo uma mulher muito apaixonada, muito segura de si mesma e o homem muito... Como é que eu hei-de dizer? Com raiva. Alguém que não está feliz...

CN-1 REFERÊNCIAS PESSOAIS

B3-2 EROTIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

CN-2 IDEALIZAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DO OBJETO

CI-1 NECESSIDADE DE COLOCAR QUESTÕES

B2-2 AFECTOS FORTES E EXAGERADOS

CI-2 MOTIVOS DOS CONFLITOS NÃO PRECISADOS

Distancia, mas sobre os avós. Imagens dos avôs. Ele não da imagem da mulher que quer que fique, mas sim uma mulher forte. Ele não precisa bem as coisas, os conflitos – funcionamento fóbico. Valorização do feminino.

PRANCHA 5

A esta foto dá-se o nome de coscuvilhice. Representa a sociedade, dos bairrinhos típicos, as pessoas que se metem na vida dos outros a coscuvilhar. Ela entrou para ver algo que não era da conta dela. E a expressão na sua cara é de surpresa. O filho que andava com a vizinha.

CF-1 REFERÊNCIA PLACADA À REALIDADE EXTERNA

CN-1 ACENTO POSTO NA EXPERIÊNCIA SUBJECTIVA

CN-3 POSTURA SIGNIFICANTE DE AFECTOS

CI-2 ANONIMATO DAS PERSONAGENS

B3-2 EROTIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

B1-2 INTRODUÇÃO DE PERSONAGENS NÃO FIGURADOS NA IMAGEM

A3-4 ISOLAMENTO ENTRE REPRESENTAÇÕES

E2-3 EXPRESSÕES CRUAS LIGADAS A UMA TEMÁTICA SEXUAL OU AGRESSIVA

E2-2 EVOCAÇÃO DO MAU OBJETO

Alarga a figura da mãe para a sociedade. Assim, deixa de ser uma acusação à mãe. É muito neurótico na mãe superegoica, deixa ser neurótico porque não há recalçamento na sexualidade. Foto – disvitaliza tudo. Usa mais o isolamento do que o recalçamento. Separa mais do que recalca – pouco neurótico. Diminui a mulher. Essa mulher representa tudo o que há de mau na sociedade.

PRANCHA 6 BM

Nesta imagem, vejo uma mãe que acabou de repreender o filho. E o ar, a expressão de tristeza, é porque fez algo de grave. E a mãe ao estar séria é porque é de mágoa. E o virar costas vê-se que ele fez mesmo algo.

CI-2 MOTIVOS DOS CONFLITOS NÃO PRECISADOS

B1-3 AFETOS FORTES OU EXAGERADOS

B3-1 MOBILIZAÇÃO DE AFETOS AO SERVIÇO DO RECALCAMENTO DAS REPRESENTAÇÕES

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

Culpa e rejeição (punição da mãe). A culpa é do filho. Relação dual. Não há a perda. Corte relacional. Crime foi grande porque a punição foi grande. Mãe rejeitante.

PRANCHA 7 BM

Duas gerações, pai e filho. Vejo o pai com um olhar muito carinhoso para o seu filho. Filho esse que vai ser pai e deu essa notícia. A expressão do avô é muito querida perante o filho.

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

B1-3 EXPRESSÃO DE AFETOS

Distingue as gerações. Com isto ele elimina a homossexualidade. A primeira que aparece a relação entre pai e filho.

PRANCHA 8 BM

Uma coisa mórbida. É na morgue. Vejo morte. Maldade. Este homem ou mulher, não consigo perceber. Não tem a expressão de arrependimento por ter morto o outro. Depois aqui carnificina, a torturar as pessoas, a retirar os membros. Esta imagem representa a maldade, não há dó. Representa a fase mais fria do ser humano.

B3-3 LABILIDADE NAS IDENTIFICAÇÕES

E2-3 EXPRESSÕES CRUAS LIGADAS A UMA TEMÁTICA AGRESSIVA

E1-4 PERCEÇÃO DE OBJETOS DETERIORADOS

E1-1 ESCOTOMIA DO OBJECTO MANIFESTO

Esse ou essa matou o outro como não define o sexo defende-se com isso. Mantem-se a agressividade. Não há defesas. O anterior é defensivo a esta agressividade. Escotomiza a arma. A violência é muito grande. A organização defensiva é muito fraca. Estoira com facilidade.

PRANCHA 9 BM

Faz-me lembrar a malta nos festivais de Verão, tudo deitadinho a curar a ressaca, a apanhar sol, depois do festival ali na Zambujeira do Mar. Pessoal jovem entre os 16 e os 20 anos.

CN-1 ACENTO POSTO NA EXPERIÊNCIA SUBJECTIVA

A1-2 PRECISÕES ESPACIAIS

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

Afastou-se. Tudo libidinal.

PRANCHA 10

Isto é um casal, sem sombra de dúvida. Enquanto dormem. Ela dorme sobre o peito dele. Ela acaricia o peito dele e ele dá-lhe proteção enquanto vira a cara para o lado. Imagem que transmite proteção. É uma bela história de amor.

B3-2 EROTIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

B1-3 EXPRESSÃO DE AFETOS

A2-4 ACENTO POSTO NOS CONFLITOS INTRA-PESSOAIS

Contradizem aquilo que ele está a dizer. Para quem olhará ele? Aquilo que interessa a ele está fora do casal. Proteção e rejeita-se. Paradoxal, protege mas olha para o outro lado.

PRANCHA 11

Complicou-se. Mas isto faz-me lembrar os cenários de Harry Potter com um dragão a sair da gruta. Homens a arrastar uma pedra que esconde uma preciosidade onde o dragão é guardião. Esta história passa-se num sítio muito profundo. Faz-me também lembrar história dos vikings. Aqui forma-se uma fénix... Como algo que pode acontecer a estas pessoas, que irão renascer numa outra forma, numa outra missão.

A1-4 REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

CI-2 ANONIMATO DOS PERSONAGENS

E1-2 PERCEÇÃO DE DETALHES RAROS

A2-1 RECURSO AO FICTÍCIO

Mata, mas repara-as magicamente. Violência e reparação mágica do desejo mas ele não desorganizou. Ele agarra-se a referências culturais para não se desorganizar, uma defesa.

PRANCHA 13 MF

Isto faz-me lembrar uma cena do “Sexo e a Cidade”, um filme que vi ontem. Há uma cena parecida em que depois de estarem juntos, o casal no acto sexual, ele arrepende-se porque apercebe-se que ela é menor. O homem sente arrependimento. A rapariga descontracção. Tiveram um acto de loucura.

A1-4 REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

B3-2 EROTIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

E2-3 EXPRESSÃO CRUA LIGADA A UMA TEMÁTICA SEXUAL

Relação fortuita. Distanciar. A mulher é posta numa posição de fragilidade, menoridade. Homem culpado por ter usado – problemática do adulto que abusa da criança, uma coisa um bocado incestuosa.

PRANCHA 19

Esta imagem conta uma história infantil. Aqueles canais de programas para os bebés, muito colorido, muito vivo, muito expressivo. Tem características que pertencem à parte infantil, à ingenuidade. Mas cá atrás transmite uma mensagem. Há alguém a observar mesmo dentro de casa. É um pouco conto de fada. Tem uma fada, um duende. Dá asas à imaginação.

CL-2 APOIO NO PERCEPTO

E2.2 TEMA DE PERSEGUIÇÃO

Componente persecutório. Perturbado com o cartão, visão dramático. Defesa maníaca. Aquilo que é idílico e depois há alguém a vigiar. As defesas dele precisam de ir ao ginásio.

PRANCHA 16

Dois rapazes que se conheceram, um acaso do destino. Tiveram inicialmente batalhas. É uma história que pode ser reescrita com os momentos bons que tivemos e os momentos maus que foram poucos. Moral: o objetivo é a felicidade. A mensagem da história é que as melhores coisas da vida são as coisas mais simples e um “bom dia” faz toda a diferença. Se este cartão tivesse uma cor seria o coral.

B3-2 EROTIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

CN-1 REFERÊNCIAS PESSOAIS

B2-1 ENTRADA DIRECTA NA EXPRESSÃO

Referências pessoais, não aparece o problema do vazio.

LEGIBILIDADE GERAL DO PROTOCOLO DO CARLOS: tipo 2 (+-) – Predomínio de A3 ou B3 (isto é, controlo obsessivo ou labilidade histérica); história tem que estar menos estruturada porque já há alguns mecanismos de defesa; têm que haver afectos exagerados ou muito controlados; tem que haver impacto fantasmático, em que o sujeito comece a contar a história de acordo com o tema, mas comece a sentir perigo e a defender-se; funcionamento neurótico.

ANEXO F: Protocolo do T.A.T. do Nuno (25 anos) – Análise qualitativa, procedimentos e legibilidade.

PRANCHA 1

Vejo aqui... Frustrado, por exemplo, porque o menino não consegue tocar e tenta, tenta e não consegue.

CI-1 SILÊNCIOS

A2-4 ACENTO POSTO NOS CONFLITOS INTRA-PESSOAIS

A3-1 RUMINAÇÃO

Impotência infantil, sem saída, angústia de castração.

PRANCHA 2

Uma família do campo onde trabalham. Felizmente, esta menina consegue ir para escola. Porque esta imagem transmite-me o antigamente onde só se trabalha. Aqui está o irmão a trabalhar e a mãe está espera doutro filho.

CF-1 ACENTO POSTO NO QUOTIDIANO

CL-1 POROSIDADE DOS LIMITES (ENTRE NARRADOR/SUJEITO DA HISTÓRIA)

A2-1 RECURSO AO FICTÍCIO

Não há conflito edipiano. Mãe que está grávida do espírito santo. No universo, só existisse mãe. Os dois aparecem ao mesmo nível, não há como rivalizar o objeto que a mãe possa ter escolhido. Não responde ao tema banal, não há afeto. A mãe é tutelar e é fértil. Pai da geração anterior – desvalorizado.

PRANCHA 3 BM

Não consigo perceber. Uma pessoa derrotada ou arrependida de algo que fez.

CI-1 TENDÊNCIA PARA A RECUSA

B2-2 AFECTOS FORTE OU EXAGERADOS

A3-1 HESITAÇÕES ENTRE INTERPRETAÇÕES DIFERENTES

Não usa uma terminologia afectiva. Não há sexo. Derrotada é mal sucedida (perdeu) – depressão narcísica. Culpa – mais neurótico e edipiana. Uma ou outra tanto faz. Não há agressividade mas também não há reparação.

PRANCHA 4

(Sorri)

Um casal onde notoriamente ela pede atenção.

CM-3 IRONIA, HUMOR

B3-2 EROTISAÇÃO DAS RELAÇÕES

B2-3 REPRESENTAÇÕES E/OU AFETOS CONTRASTADO –
BALANCEAMENTO ENTRE DESEJOS CONTRADITÓRIOS

B2-1 ENTRADA DIRECTA NA EXPRESSÃO

Crítica à relação heterossexual. A mulher é que deseja e o homem não deseja nada. Ou satisfação, identificação por não gostar de mulheres.

PRANCHA 5

Uma senhora vê algo que não... Onde não... Em que ficou surpreendida ou entrar num sítio onde não era suposto entrar.

A3-1 PRECAUÇÕES VERBAIS

CI-1 SILÊNCIO

CI-2 MOTIVOS DOS CONFLITOS NÃO PRECISADOS

Mãe superegoica, crítica e voyeirismo.

PRANCHA 6 BM

Posso dizer que é uma família onde acabaram de ver uma coisa má ou receberam uma má notícia.

CI-2 MOTIVOS DOS CONFLITOS NÃO PRECISADOS

A3-1 PRECAUÇÕES VERBAIS

CL-3 HETEROGENEIDADE DOS MODOS DE FUNCIONAMENTO.

PRANCHA 7 BM

Poderia dizer que era pai e filho a ter uma conversa, a trocar afetos ou então um casal de namorados.

A3-1 PRECAUÇÕES VERBAIS

B2-3 REPRESENTAÇÕES CONTRASTADAS

B3-2 EROTIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

B3-3 LABILIDADE NAS IDENTIFICAÇÕES

Não há diferença entre pai e filho e um casal de namorados. Relação erotizada, escolha objetual a masculina. Figura erotizada é a paterna.

PRANCHA 8 BM

Vão matar uma pessoa por ordem desta senhora.

B2-1 ENTRADA DIRETA NA EXPRESSÃO

E2-3 EXPRESSÕES MASSIVAS

C1-2 MOTIVOS DOS CONFLITOS NÃO PRECISADOS, ANONIMATO DOS PERSONAGENS

Não é ela que mata, mas mandou matar. É tudo vago, indefinido (pessoa). Aparece a violência.

PRANCHA 9 BM

Homens ou trabalhadores a descansarem no meio do campo.

B3-3 LABILIDADE NAS IDENTIFICAÇÕES

CF-1 ACENTO POSTO NO QUOTIDIANO

Se forem trabalhadores o aspeto sexual fica dissipado. Distancia-se muito. Isolamento do afeto e das relações. Estar presente ou receber uma má notícia (suavizou a morte do pai). Restritivo ou omissivo.

PRANCHA 10

Põe tudo no feminino. Os dois do mesmo sexo. Que não são da mesma geração retirando a sexualidade.

E1-3 FALSAS PERCEÇÕES

B2-1 ENTRADA DIRECTA NA EXPRESSÃO.

Mãe e filha a terem um momento de carinho.

PRANCHA 11

Acho que é algumas pessoa a lutarem pela... A fugirem pela vida, a fugirem deste dragão.

A3-1 HESITAÇÕES ENTRE INTERPRETAÇÕES DIFERENTES

CI-3 ELEMENTOS ANSIOGÉNICOS

B2-3 REPRESENTAÇÕES DE AÇÕES ASSOCIADAS A ESTADOS EMOCIONAIS DE MEDO.

A vida é angustiante assustadora e não faz nada pela vida. Salvam-se fugindo.

PRANCHA 13 BM

Um homem a chorar a morte da mulher.

CI-2 MOTIVOS DOS CONFLITOS NÃO PRECISADOS

E2-3 EXPRESSÕES DE AFECTO E DE REPRESENTAÇÕES MASSIVAS

B2-1 ENTRADA DIRECTA NA EXPRESSÃO

B3-2 EROTIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

Vago. Casal heterossexual. Agressividade, mas não está atribuída a ninguém. Este rapaz falta-lhe recalçamento.

PRANCHA 19

Não consigo dizer nada. Só me ocorrem duas palavras: submarino e fantasmas.

CI-2 RECUSA

CL-1 POROSIDADE DOS LIMITES

CL-3 ELEMENTOS ANSIOGÉNICOS

Não se vê a diferenciação entre o dentro fora. Alguma ansiedade mas não se sabe se é relativa ao mundo interno ou externo como se não houvesse pele.

PRANCHA 16

Era uma vez um menino que plantou uma semente que cresceu uma árvore. Essa árvore foi parar a fábrica de papel do pai. Resultado dessa árvore, o pai ofereceu um bloco ao menino que por sua vez deu à sua irmã mais velha que estava a fazer uma trabalho de psicologia e hoje dia 4 de Junho está nas minhas mãos e ainda vai conhecer muita gente.

CM-1 ACENTO POSTO NO CLÍNICO

CN-2 DETALHES NARCÍSICOS

CF-1 ACENTO POSTO NO QUOTIDIANO

Distanciou-se sempre, mas de mim não. De equivalência, ao mesmo nível, irmãos. O menino é ele. Aparente triangulação. Nunca há pai e mãe. Evita a sexualidade, pelo menos a heterossexual, evita. Se houver um triângulo edipiano estraga a relação com a figura desejada.

LEGIBILIDADE GERAL DO PROTOCOLO DO NUNO: tipo 3 (- +) – Domina a série C, história ainda menos estruturada; ausência de afectos ou afectos massivos; há invasão fantasmática, em que o sujeito sente o que descreve; funcionamento *borderline*.

ANEXO G: Protocolo do T.A.T. do Pedro (24 anos) – Análise qualitativa, procedimentos e legibilidade.

PRANCHA 1

Isto é um rapaz que está a olhar para um violino e eventualmente pode estar a pensar como tocar ou eventualmente o violino pode ter uma corda partida e está a pensar “como é que eu vou arranjar” ou pode ter sido ele a estragar o violino e está a pensar numa desculpa para dar aos pais.

A3-1 PRECAUÇÃO VERBAL

A2-4 CONFLITO INTRAPESSOAL

B1-2 INTRODUÇÃO DE PERSONAGENS

O sujeito evolui da impotência (revolta, recusa, identificação projetiva porque o defeito não é dele) para a agressividade (culpa fá-lo retornar).

PRANCHA 2

A principal é a Fernanda Serrano. A Fernanda Serrano estava aqui no local de trabalho a ler um pouco e não quer ter um trabalho árduo como o senhor que está a segurar o cavalo. Estava a instruir-se para ser um bocadinho mais que este. A senhora da esquerda já está completamente cansada de ter trabalhado o dia todo nisto.

CN-1 ACENTO POSTO NA EXPERIÊNCIA SUBJECTIVA

CN-2 DETALHES NARCÍSCOS – IDEALIZAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DO OBJETO

CF-1 ACENTO POSTO NO QUOTIDIANO

B2-3 AFECTOS CONTRASTADOS

E1-1 ESCOTOMIA DE OBJETO MANIFESTO

Não estabelece relação entre as personagens que apenas desempenham funções sociais. A FS é uma personagem idealizada, mas compara a FS com o homem. Não há uma triangulação. Ele confronta o feminino com o masculino. Ele devia ter comparado as duas mulheres, mas para ele não há sexos.

PRANCHA 3

Portanto, isto é a minha amiga quando está bêbada. Ela já não aguentava mais e teve que ser ali mesmo (...) Isto parece que tem aqui um objeto. Pronto, teve que ser ali.

E1-1 ESCOTOMIA DE OBJETO MANIFESTO

CN-1 ACENTO POSTO NA EXPERIÊNCIA SUBJETIVA

CM-3 HUMOR

CI-1 TENDÊNCIA GERAL À RESTRIÇÃO

CI-3 ELEMENTOS ANSIOGÊNICOS

Ele não reconhece a depressão. Distanciamento, não é ele, é a amiga, não reconhece o conteúdo. Rebaixamento do objeto. Alude às coisas, mas não diz o que são.

PRANCHA 4

Este senhor foi a uma loja e teve uma chatice com a senhora da loja, os ânimos exaltaram-se e a esposa estava a tentar acalmá-lo, se não ia haver desastre.

B2-3 BALANCEAMENTO ENTRE DESEJOS CONTRADITÓRIOS

E2-3 EXPRESSÃO LIGADA À AGRESSIVIDADE

B3-2 EROTIZAÇÃO DAS RELAÇÕES

B1-2 INTRODUÇÃO DE PERSONAGENS NÃO FIGURADOS NA IMAGEM

O conflito foi fora do casal. Projeta a agressividade. Acrescenta uma personagem para ser o suporte. Assim a mulher é bondosa.

PRANCHA 5

A avó chegou a casa e foi ver se o neto já tinha lanchado, por isso é que tem este ar muito preocupado. Ou então, estava a dizer ao neto “não fizeste os trabalhos de casa, então vais ficar aqui em casa fechado de castigo”.

A3-1 HESITAÇÕES ENTRE INTERPRETAÇÕES DIFERENTES.

CF-1 ACENTO POSTO NO QUOTIDIANO

B1-1 PÔE EM DIÁLOGO

B1-3 EXPRESSÃO DE AFECTOS

Mãe primeiramente é um superego protetor, mas depois é um superego castrador.

PRANCHA 6

Estes dois senhores têm um padrão muito rigoroso. Estavam a receber ordens e pronto tiveram que ficar com este ar muito sério se não eram despedidos. Nomeadamente, ele sente-se um pouco intimidado, está a olhar para o chão. Não o consegue encarar. Ele sente alguma culpa.

CI-2 ANONIMATO DOS PERSONAGENS

CN-3 PÔR EM QUADRO

B2-3 REPRESENTAÇÕES E/OU AFECTOS CONTRASTADOS

A1-3 REFERÊNCIAS A FUNÇÕES SOCIAIS

B2-2 AFECTOS FORTES OU EXAGERADOS

Igualar, não há discriminação nem entre sexos nem entre gerações. A autoridade está fora (pai?). Não o consegue encarar, por ter pensamentos agressivo e logo depois sente-se culpado. Mais uma vez as funções sociais.

PRANCHA 7

Típica foto, tal pai tal filho. O pai aqui está a olhar para o filho a aliciá-lo a fazer qualquer coisa. Está com o olhar cerrado, comprometido. O filho é que não parece muito convencido.

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

B2-3 REPRESENTAÇÕES E/OU AFECTOS CONTRASTADOS

CN-3 PÔR EM QUADRO

A2-4 ACENTO POSTO NOS CONFLITOS INTRA-PESSOAIS

1ª vez que fala duma relação pai-filho. Alguma coisa mal-feita, condenável. Ele rejeita. Conflito de gerações.

PRANCHA 8

Eu não conheço muito bem a espingarda, mas parece que isto é uma espingarda. O sujeito que está deitado foi baleado e está a ser submetido a uma cirurgia. E o rapazinho aqui da frente está, digamos, a imaginar aquilo que quer vir a ser +++ não o ferido, o médico-cirurgião.

CL-2 APOIO NO PERCEPTO E/OU NO SENSORIAL

CN-1 – ACENTO POSTO NA EXPERIÊNCIA SUBJETIVA

CI-3 ELEMENTOS ANSIOGÉNICOS

E2-3 EXPRESSÕES DE AFECTO E/OU DE REPRESENTAÇÕES MASSIVAS

A3-1 PRECAUÇÃO VERBAL

E3-1 CONFUSÃO DAS IDENTIDADES

Pôs-se no lugar do rapaz. Cena agressiva, mas de reparação. Ele desliga a arma do sujeito. Ele nem é vítima, de ser baliado, e por isso sente culpa. É como se desse um tiro nele próprio, que depois nega e repara.

PRANCHA 9

Isto é a hora da pausa ou pelo menos da sesta. Tudo a dormir na palha de erva. E o outro que foi chamá-los “bora lá, malta”.

A1-1 DESCRIÇÃO COM LIGAÇÃO AOS DETALHES

A31 RUMINAÇÃO

B1-1 PÔR EM DIÁLOGO

CI-2 ANONIMATO DOS PERSONAGENS

PRANCHA 10

Tão isto é um casal a abraçar-se. Têm um ar sereno. Pronto, é isso, um casal a abraçar-se com o olhar sereno.

A2-2 INTELECTUALIZAÇÃO

A3-1 RUMINAÇÃO

B1-1 ACENTO POSTO NAS RELAÇÕES INTER-PESSOAIS

E4-3 ASSOCIAÇÕES CURTAS

Casal: culpa – cena amorosa equivalente à cena primária, fica perturbado com o que está a ver.

PRANCHA 11

Há aqui um grupo a empurrar alguma coisa por uma rampa que vai dar a uma ponte. Há um dragão aqui saído pela parede com mãos de pato. Mas não lhes vai fazer mal, está só a ver. Pronto, e o grupo irá passar a ponte e irá ficar tudo bom.

A1-1 DESCRIÇÃO

A2-3 DENEGAÇÃO

CI-2 ANONIMATO DAS PERSONAGENS

Com a negação, ele consegue fazer maravilhas.

PRANCHA 13

Este aqui é o assassino desta senhora. Aproveitou o sono dela para asfixia-la. “Acabou” +++ Ficou assim “Acabou. Ufa que alívio”. E mais um caso para o inspetor Max.

E2-3 EXPRESSÕES CRUAS LIGADAS A UMA TEMÁTICA AGRESSIVA

B1-1 PÔR EM DIÁLOGO

CI-1 SILÊNCIO

CM-3 HUMOR

Farto da mulher, ódio ao feminino. Logo, a agressividade.

PRANCHA 19

Parece haver aqui um mar com uma espécie de submarino com duas janelas e um bocadinho de nuvens. Tinha que tirar as lentes.

CM-3 HUMOR

A3-1 PRECAUÇÕES VERBAIS

A1-1 DESCRIÇÃO COM LIGAÇÃO AOS DETALHES

Não se projeta, apenas descrição.

PRANCHA 16

É o sol. Isto é o universo antes do Big Bang. Não havia nada, mas pode haver tudo.

A1-4 REFERÊNCIAS CULTURAIS

CL-3 HETEROGENEIDADE DOS MODOS DE FUNCIONAMENTO (CONCRETO/ABSTRATO)

O sol é um símbolo masculino, símbolo da vida. Tudo pode acontecer a partir dali, origem.

LEGIBILIDADE GERAL DO PROTOCOLO DO NUNO: tipo 2 (+ -) – Predomínio de A3 ou B3 (isto é, controlo obsessivo ou labilidade histórica); história tem que estar menos estruturada porque já há alguns mecanismos de defesa; têm que haver afectos exagerados ou muito controlados; tem que haver impacto fantasmático, em que o sujeito comece a contar a história de acordo com o tema, mas comece a sentir perigo e a defender-se; funcionamento neurótico.

NO PROTOCOLO, NÃO APARECE O PAI, NEM O CONFRONTO HOMEM-MULHER.

ANEXO H: Análise da 1ª entrevista do David (25 anos)

Sujeito

<p>Sujeito</p>	<p>“Até para ter alguém a julgar o meu trabalho, para saber o quão bem eu estava a fazer meu trabalho”</p> <p>“A nível de personalidade não sou uma pessoa muito extrovertida, tento ser calmo ou manter-me calmo apesar de sentir que às vezes stresso facilmente com o tempo ou com os deadlines nos trabalhos, por exemplo entregas de trabalhos não sou a pessoa mais eficiente a gerir o tempo. Mas tenta ser pacífico.”</p> <p>“Ou não encontro qualquer coisa que possa acrescentar, que seja útil à conversa. Às vezes, também por timidez.”,</p> <p>“Eu acho que é uma arte muito nobre e até o estatuto de arquiteto acaba por ser um modo, uma maneira de dizer... Não que eu queira ser tratado como tal, mas acho que era... Chegas a um posto, não querendo ver o posto como algo que te define face aos outros. Também tens um certo conhecimento. Tens uma... Os arquitetos para mim</p>	<p>Querer ser melhor, perfeccionista. Não é bom o suficiente.</p> <p>Pouco extrovertido. Quer ser calmo, mas tem dificuldades. Pouco organizado.</p> <p>Desvaloriza-se, acredita que não é interessante ao ponto das pessoas não quererem saber o que tem para dizer. Tímido, introvertido.</p> <p>Ser importante por trás de um estatuto. Esse estatuto do qual ele não tem que mostrar que é interessante porque o próprio estatuto já o diz. Ele não se quer expor e procura algo que demonstre que vale a pena conhecê-lo não por quem</p>
----------------	--	--

	<p>são umas pessoas com a mente bastante aberta e que só pelo facto de estarem a propor-se a desenhar novos espaços é uma profissão, para mim, que me fascina. Se calhar, foi mais por fascínio do que sentir que era eu mesmo o arquiteto, a decisão que me fez ingressar naquele curso”</p> <p>“Não me sentir autónomo”</p> <p>“Como eu lido com a insatisfação é não comunicar ou tentar não partilhar coisas que eu sei que não são tão positivas ou não vou estar a espetar o meu pessimismo noutras pessoas”</p> <p>“Eu acabo por ser um bocado preguiçoso”</p> <p>”De me sentir o filho da professora me dava algum estatuto. Acabo por achar que sim. Quando era mais pequeno se calhar não era tão chateado... Chatear não! Ou os outros miúdos, se calhar, não é respeito. Não me batiam se calhar a pensar que “se eu lhe bato, não vou estar a meter-me com pessoas da autoridade e pode ser perigoso””</p> <p>”Sinto que isso pode condicionar o comportamento de outras pessoas”</p> <p>“Acho que me fui acostumando. Por</p>	<p>ele é, mas sim pelo que ele exerce, faz.</p> <p>Dependente, passivo</p> <p>Fechado em si mesmo com a ideia que pode afetar os outros negativamente ao projetar-se.</p> <p>Pouco ativo</p> <p>Protege-se novamente atrás de alguma coisa que ele acredita que é melhor do que ele próprio. Ser ele próprio ou ser outra pessoa condiciona o outro.</p> <p>Passivo, auto-crítico</p>
--	---	---

	<p>isso, é que eu agora estou naquele ponto em que acostumar já não dá. Tenho mesmo de fazer qualquer coisa e quando não estou... Se calhar agora é que eu estou a enfrentar as dificuldades. Está a ser mais complicado. Mas percebo que a dificuldade não é nenhuma.”</p> <p>“Eu acabo por ser pacífico de mais, ou se calhar não estou para me chatear”,</p> <p>“Eu não sou muito culto, nem nomes nem datas. Mas gosto de ver as coisas, gosto daquele momento. Posso não ter memória para decorar as coisas, mas gosto de descobrir diversas coisas”</p>	<p>Passivo</p> <p>Desvaloriza-se, enorme falha narcísica, que tenta a todo o custo ocultar.</p>
<p>Relação com o objeto de amor</p>	<p>“É um pouco rever a matéria e fazia-me perguntas e eu tentava responder. Isso era fixe. Era das boas memórias que eu tenho com o meu pai, por isso, eu gostava. Por isso, não estávamos a trocar mensagens pessoais ou não estávamos a ter conversas sobre a vida de cada um. Estávamos a trocar informação e era uma troca de afetos também.”</p> <p>“E eu agora vou ter de dizer que eu não tenho sido a pessoa que procura. É mais alguém chega e a coisa é engraçada e acaba por andar.”</p>	<p>Estar em relação é estar presente.</p> <p>Passivo, não acredita que possa escolher, apenas é escolhido e aceita quem o escolheu.</p>

	<p>“Eu noto que não tenho sido a pessoa que tem iniciativa. Ou quando gosto de alguém acabo por prolongar as conversas e fico a falar, e depois eu digo qualquer coisa e ele responde ou então acaba por morrer. Mas a maior parte das vezes tem acabado por morrer. Quando as pessoas vêm ter comigo é que a acção... Ou acaba por haver uma relação.”</p> <p>“Dos meus encontros mais fixes, acho que é quando se vai a exposições”</p>	<p>Dificuldade em afirmar-se, demonstrar o que sente, incapacidade de lutar pelo que quer com o medo. A relação é relação quando o outro quer que seja.</p> <p>A relação parece sempre uma coisa falsa, superficial.</p>
<p>Relação com a mãe</p>	<p>“Depois acabámos por... Foi decisão dos meus pais, não minha. Mas como Torres Vedras já não fazia sentido para nós, já ninguém estava a precisar da cidade como ponto de residência, decidimos mudar-nos para cá.”,</p> <p>“ Pelo menos agora, nunca iria querer que fosse minha professora.”,</p> <p>“Não tenho tido muitas dificuldades ou aquela altura de fazer má vida e de ter medo de fazer alguma coisa se não estou tramado, não, nunca aconteceu. Houve sempre alguém com uma almofada que evitou que isso acontecesse. Ou os meus pais acabam</p>	<p>Dependente da mãe, funde-se.</p> <p>Ao mesmo tempo, ela sufoca-o. É a mãe que cria esta dependência e suscita pensamentos agressivos.</p> <p>Não existe possibilidade de errar porque não há espaço para isso. Tem a ilusão que não há dificuldades e por essa razão é tão passivo. Tudo se resolverá por si só.</p>

	<p>por aparar-me as coisas para eu não ter grandes dificuldades.”</p> <p>“Para a minha mãe, custou, penso eu ou... Mas apoiou-me.”</p> <p>“Eu sou mais comer e calando”</p>	<p>Não se sente confiante em relação ao que a mãe sente por ele, mas logo repara porque se sente culpado só de pensar que me está dizer que ela não gosta dele.</p> <p>Passividade, para não arranjar conflito.</p>
<p>Relação com os outros</p>	<p>“Gosto de estar em grupos, mas nunca costumo participar ativamente nas conversas, sou mais ouvinte que participante”</p> <p>“(Tem medo de se expor?) Sim. Não costumo. Ou por mim, não o faço. Por exemplo, é mais fácil estar numa entrevista de um para um do que estar... (Num grupo?) Numa plateia.”</p> <p>“Acho piada em construir algo em grupo apesar de não ter de intervir a título individual”,</p> <p>“Eles são exigentes. Eu não estou no patamar deles, mas é bom envolvermo-nos com aquele grau de exigência”,</p>	<p>Se falar pode errar e todos irão reparar.</p> <p>Os outros são como uma plateia? Um pouco narcísico para quem tem baixa auto-estima</p> <p>Quer fazer parte do grupo pela companhia, para não estar só.</p> <p>Centra-se essencialmente nas suas incapacidades e nunca valoriza as suas capacidades.</p>

	<p>“O ensaio que tivemos era ensaio aberto e eu estou mais arrependido de não ter dito nada à minha irmã. Podia tê-la convidado para o ensaio. Mas acho que ainda sinto que são dois mundo muito... Não é muito distantes.”</p>	<p>É homossexual, mas em casa vive ainda num mundo heterossexual apesar de ser assumido. E faz essa distinção, do mundo que é em casa e do mundo que é fora de casa.</p>
<p>Identificações com os pais</p>	<p>“ O meu pai é uma pessoa também calma como eu. Se calhar, um pouco mais extrovertido do que eu.”, “O que nós dizemos é que o filho é menino da mãe e a filha é menino do pai”</p>	<p>Ele gostava de ser como o pai – identificação ao pai. Mas ele é da mãe.</p>
<p>Identificações com o masculino e com feminino</p>	<p>“Agora não tanto, mas antes tinha de gostar de figuras femininas”</p> <p>“Que eu me lembre agora não. Não tiveram um papel tão vincado como as meninas”</p> <p>“Passava muito tempo com a minha irmã”</p>	<p>O feminino teve um papel relevante na sua vida, principalmente enquanto criança, que pouco contacto tinha com o pai.</p> <p>Mundo feminino</p>
<p>Objeto de amor</p>	<p>“Como sou pessoa das artes, acho que gosto de pessoas que estejam nas mesmas áreas que eu, que acabem por me despertar também para outras coisas, que estejam informados.”</p> <p>“Agora quando me estava a perguntar isso, o que é que eu procuro numa pessoa, eu estava a pensar que o que procuro são coisas que eu queria em</p>	<p>Objeto de amor narcísico</p> <p>Objeto de amor semelhante ao ideal do ego</p>

	<p>mim, de alguma vez alcançar, de conseguir concretizar”,</p> <p>“Acho que às vezes consigo imaginar uma pessoa que é uma evolução de mim, aquilo que eu gostava de chegar.”,</p> <p>“Mas em termos personalidade não têm sido muito parecidas comigo. Algumas sim, mas todos não. Pessoas muito mais exageradas, muito mais sociáveis que eu.”,</p> <p>“Quando eu faço as coisas não é para procurar relações, é mais para procurar alguns momentos de companhia”</p>	<p>Porque não é ele que escolhe, são eles que o escolhem, porque se fosse ele a escolher seriam parecidos com ele ou com o que ele aspira ser.</p> <p>A relação não é real, é um pano de fundo, uma ilusão à solidão.</p>
--	---	---

Mãe

<p>Sujeito</p>	<p>“Aquela que nós contamos foi quando a minha irmã levou uma bofetada da minha mãe na aula e acho que...”,</p> <p>“Posso estar a dizer uma coisa um bocado injusta. Digo isso, porque ela também gostava das raparigas. Mas conheço... Sei de alguns casos de rapazes que não... que não eram tão acompanhados pelos pais. A minha mãe depois tinha uma atenção com eles e, por exemplo, dava-lhes comida no intervalo ou lembro-me até que</p>	<p>Impulsiva</p> <p>Carinhosa, atenciosa, mais continente com os rapazes.</p>
----------------	--	---

	<p>houve um rapazinho que tinha tido lá problemas com a família dele e depois a minha mãe até... Abraçava-o ou tentava compensá-lo com afetos.”</p> <p>“Ela quase que fica emocionada quando nós vamos embora ou em viagens ou assim, muito mais emotiva nesse aspeto”</p> <p>“A minha mãe simplesmente não aceita ou não”</p> <p>“Pela educação que teve. Se até para mim foi difícil, custoso ou se foi difícil aceitar-me, percebo que para ela não esteja nos planos.”</p>	<p>(Quase que fica)... Não fica. Ele quer acreditar que sim. Expressiva.</p> <p>Pouco tolerante? Educação? Aceitar o que não é normal, o filho, aceitar o desconhecido, aceitar uma pessoa nova, sem perspetiva de não vir aceitar.</p>
<p>Relação com o objeto de amor</p>		
<p>Relação com o filho</p>	<p>“A minha mãe não se sentia bem em estar lá na aldeia vinte e quatro horas, sete dias por semana e foi mais por ela, que decidiu vir cá. Também se calhar por alguma proteção”,</p>	<p>Desculpa sempre a mãe, gosta da fusão porque é a única coisa que conhece. A dependência é confortável. Aceita as suas decisões como suas. Sente necessidade para se tornar independente, mas apenas porque é o que os outros da sua idade estão a fazer. Não porque queira, e muito menos porque a mãe queira. O pai quer.</p>

	<p>“Passo de mudar para Lisboa era mais para prolongar esta coisa de estar a viver perto do filho”</p> <p>“Minha mãe com o meu pai e comigo de eu não ter sido guiado para trabalhar no campo com eles”</p> <p>“É um bocadinho mãe galinha ou muito mãe galinha”, “É muito mãe galinha porque tem-me seguido este tempo todo e o facto de ter vindo para Lisboa também me põe a pensar. E noto que a minha mãe tem essa necessidade de ter... Ela foi professora, não sei se isso justifica alguma coisa, mas de ter... Não é bem controlar. Pode, às vezes, não se interessar a fundo ou não pergunta assim tanta coisa, mas quer que eu esteja presente. Gosta de saber o que é que eu faço ou quais são as minhas ideias. É mais aquilo de me seguir. Mãe galinha tem imensos cuidados com a comida. Se calhar, não me tem deixado ser autónomo e eu desleixado deixo-me não ser autónomo. Mas de fazer as coisas... Fazer mais coisas como a comida, de procurar casa, vá, ou de garantir que eu consigo ter a vida facilitada ou de me preparar algumas coisas ao longo da minha vida”</p>	<p>Relação de dependência. O filho é uma prolongação de si.</p> <p>O trabalho dá uma ideia de independência, mas seria para trabalhar com eles.</p> <p>Sufocante, invasiva, controladora.</p> <p>Sente-se culpado por acusá-la, por ser agressivo.</p> <p>Não há espaço. Tudo tem que passar por ela (protege-a)</p> <p>Persecutória.</p> <p>Culpa, logo defende-se (comida e cuidados)</p> <p>Não se consegue ver livre dos pensamentos agressivos em relação à mãe devido à relação fusional que ela produz.</p> <p>Mas depois culpa-se a si próprio.</p>
--	---	---

	<p>“Mas depois também noto que a minha mãe é muito mais protectora/possessiva comigo do que com a minha irmã.”, “Se calhar, por ter algumas divergências acabou por não ser tão forte ou não sei. Como eu sou filho mais novo também pode ter tido alguma influência porque é o último bebé”,</p> <p>“Às vezes eu era convidado para ir a casa de outras pessoas, de outros amigos, lá ficar e às vezes a minha mãe não me deixava, não sei se queria que eu ficasse lá ao pé dela.”</p> <p>“Não me dava tanta liberdade assim como era espectável. Como as mães galinhas fazem, acabam por tirar alguma liberdade”,</p> <p>“Oíço algumas bocas ou há algumas chatices”, “Alguns insultos, aqueles que toda gente... Aqueles nomes. Ou chamar maricas ou coisa assim do género. Mas também depende. A coisa às vezes fica feia, mas agora tem sido um bocado evitado o assunto que é para não levantar problemas.”</p>	<p>O filho é não só a sua prolongação, como o seu objeto de amor???</p> <p>Desorganiza-se e não consegue justificar as diferenças entre a relação que a mãe tem com a irmã e a relação que ele próprio tem.</p> <p>Falta de dependência. (Contratransferência: sinto que ele quer que eu pense mal da mãe, ou que está dar respostas que me agradem, que fazem com que ele seja mais interessante).</p> <p>Ou muito agressivo, já sem culpa. A agressividade tanto relativo à falta de independência como há uma revolta, no sentido, que ele sempre foi o seu menino e agora que se assumiu para além de continuar dependente também vive com alguém que quer o menino que pensava ter, mas que não</p>
--	--	--

	<p>“Mas agora acho que estamos a evitar assuntos porque se dá em discórdia, não sei se vale a pena.”,</p> <p>“Ou ser gay é uma coisa para ser gozado, ser mal vista e ela também acha que tudo se expande perante mim e se eu apesar de não perceber até percebo. Até percebo porque... Ou não percebo porque eu... Por ser uma relação tão próxima, mãe-filho, acho que devia haver abertura para tal. Mas como sei que há outros casos idênticos também é espectável não ser aceite. Tento não armar conflito por esta situação, como estou a viver com eles, acho que estar a alimentar discussões não vale a pena e como eu também percebi que está a ser demasiado difícil eu fazer abrir-lhe os olhos...”</p> <p>“se me perguntarem se os meus pais têm orgulho em mim, não sei, acho</p>	<p>existe. Mãe sádica?</p> <p>Desenvolve-se estratégias para se puder viver em conjunto e não para se puder solucionar, até porque nunca é ele que seleciona nada. E se a mãe não quer ser mais a sua “almofada” ele vai continuar na expectativa que ela mude de ideias, tudo depende dela.</p> <p>Prolongamento dela</p> <p>Ou dependente ou igual aos outros – posições confortáveis.</p> <p>Evitamento</p> <p>Sente que falhou quanto filho, desvaloriza-se.</p>
--	---	--

	<p>que eles... Acho que eles iriam preferir... Pelo menos a minha mãe iria preferir que eu não fosse homossexual, isso acho que sem dúvida”</p> <p>“O ter contado fez com que a relação ficasse pior porque eu percebo por o lado da minha mãe houve aquela descoberta de perceber que aquela pessoa que ela pensava que eu era não era a realidade. Daí de facto que a relação fica abalada”</p>	<p>A relação ficasse pior, quer dizer, que na sua perspectiva a relação já era má na falta de dependência, sufoco.</p>
Relação com os outros	<p>“Na visão da minha mãe, isso acontece da filha ser a favorita do pai e o filho o favorito da mãe. Agora, por exemplo, com os alunos eu percebia que ela tinha mais afinidade com os rapazes ou dava-se melhor com os alunos dela do que com as raparigas.”, “é as turras que teve com o irmão e não sei se por falta de ter uma relação de irmão simpática acabe por ter alguma necessidade com os rapazes mais pequenos como há aquela facilidade em lidar com eles com essa idade.”</p>	<p>Relaciona-se mais com o sexo masculino, mas não se percebe se é realmente para compensar a relação com o irmão ou se é para compensar a relação que tem com o filho?</p>
Identificações com os pais	<p>“E ela também diz claramente que se dava melhor com o pai do que com a mãe. Por isso, na vida da minha mãe, tinha uma prepotência a gerar mais ligações com a figura masculina do que com as figuras femininas.”</p>	<p>Objeto de amor o pai</p>
Identificações	<p>“E na aldeia, noto que a população que</p>	<p>Mas a própria mãe o é.</p>

com o masculino e com o feminino	lá está é muito machista.”	
Objeto de amor	<p>“Um pouco mais extrovertido do que eu. Eu noto pelos amigos. Ele acaba por falar mais. É uma pessoa bastante culta e informada e trabalhadora, bastante trabalhadora.”,</p> <p>“É uma pessoa que também não procura grandes dramas, pacífico”,</p> <p>“A conversa estava a parecer um bocadinho monologa”,</p> <p>“Ou não é tão fechado como a minha mãe”</p>	<p>Ativo, sociável, bem investido, bom continente.</p> <p>O filho identifica-se com o pai e a mãe vê-o também como um objeto de amor e ao saber que não é o objeto de amor do filho torna-se mais possessiva e cria um filho dependente dela. É a maneira de o ter.</p> <p>O pai invade os outros?</p> <p>Mais continente, mais como o sujeito.</p>

ANEXO I: Análise da 1ª entrevista do Carlos (22 anos)

Sujeito

Sujeito	<p>“O Carlos actual é muito diferente. Eu durante o meu percurso escolar até ao secundário sempre fui... Ahhh eu posso contar pelos dedos de uma mão as vezes que me baldei a uma aula, por exemplo.”</p>	<p>O ambiente que o rodeava condicionava o potencial Carlos.</p> <p>Sem riscos.</p>
---------	---	---

	<p>“Eu sou o primeiro, sou o único dos meus irmãos, a ter ido para a Universidade, infelizmente.”</p> <p>“Mas eu queria muito sair de São Pedro do Sul porque sentia que era um meio demasiado pequeno para mim e precisava de vir para meios maiores e de conhecer mais pessoas e ter outras experiências e acho que resultou muito bem. Acho que sou uma pessoa muito maior nesse sentido das experiências, sou uma pessoa melhor por tudo o que passei, por todas as experiências que tive.”</p> <p>“Não me sinto tão sufocado como me senti até aos 18 anos, por assim dizer.”</p> <p>“Sufocado por ser um meio pequeno, por estar sempre junto da família, sufocado também por causa da minha orientação sexual também porque sendo um meio pequeno a única pessoa em toda aldeia que sabia era a minha melhor amiga.”</p>	<p>Valoriza-se, boa auto-estima, bem investido.</p> <p>Sentia-se encurralado, dependente daquele ambiente confortável que acabou por ser sufocante. Abrir novos horizontes, descobrir quem é fora dali, ser independente, arriscar.</p> <p>Rodeado pelo que é conhecido demasiado tempo.</p> <p>Jaula, prisão.</p>
<p>Relação com o objeto de amor</p>	<p>“Depois conheci o meu namorado com quem já estou há três anos e meio”</p>	<p>Necessidade de mencionar o tempo de relação como de demonstrar que é uma relação forte.</p>

	<p>Agora continuo a viver com o meu namorado e essa colega desde então. Portanto, fez em Novembro 2 anos”.</p> <p>“Eu primeiro ignorei-o da primeira vez que o conheci. Cumprimentei-o e virei logo a cara. Nem reparei bem nele. Ele depois é que começou a falar comigo, a mandar-me mensagens. Depois eu reparei que por acaso ele até era giro”</p> <p>“E depois quando voltámos decidimos começar a namorar e tem durado 3 anos e meio, vai fazer agora dia 10 de março 3 anos e meio”</p> <p>“E então houve alguns problemas até acertarmos as agulhas porque de que ele não se precisa de preocupar e pronto. Depois houve erros de ambas as partes, mas no geral tem corrido bem. Viver junto com uma pessoa também dá para muita discussão, mas coisas pequenas. Mas temos conseguido acertarmo-nos nesse sentido. E já tivemos as nossas crises, obviamente. Tivemos dois períodos mais críticos que foi quando eu traí ele uma vez e depois mais</p>	<p>Mas é uma relação madura no sentido em que conseguem conviver como casal e ser adultos e independentes, apesar da idade.</p> <p>Demonstra ser o mais independente da relação, mais frio. Ele é que decide, a relação vai conforme o que ele decidir – ativo.</p> <p>O sujeito não sabia estar numa relação por ser o seu primeiro namorado. Há razão para os ciúmes e inseguranças e dependência do objeto de amor?</p> <p>Cruamente, sem perguntas. Acredita que as coisas ficaram melhor depois do perdão das traições. Vive na ilusão, apesar de acreditar que está a aproveitar cada dia porque já sentiu o que é a possibilidade de perder o amor do objeto, aquele amor que é agora conhecido e não faz tensão</p>
--	---	---

	<p>recentemente ele me traiu a mim. Mas falámos sobre isso e conseguimos resolver as coisas e pronto e estamos juntos. Eu espero por mais algum tempo mas...”</p> <p>“Iguais, iguais não ficaram. Se calhar, ficaram mais fortes porque aprendemos a dar mais valor um ao outro e aprendemos a... Portanto, a... Como é que eu hei-de explicar isto? Aprendemos que isto já não é uma brincadeira porque nós também não estamos a namorar há dois meses. Estamos a namorar há três anos e se queremos manter esta relação e fazer disto um futuro, temos que ter posturas e responsabilidades um para com o outro, respeito e dedicação. E pelo menos da minha parte, não ficou igual numa situação que foi: ele foi o meu primeiro namorado, a primeira pessoa por quem me apaixonei e portanto eu ainda estava naquela fantasia do “isto é para sempre e vamos casar e ser felizes para sempre”. E depois destas... Destas partes menos boas que aconteceram, eu larguei um pouco esta fantasia do ter as coisas por garantidas e então fiquei um bocado “vamos aproveitar o presente porque nada é para sempre”. Já consegui perceber isso através das coisas que aconteceram. Portanto,</p>	<p>de arriscar noutra objeto de amor. A traição não foi arriscar, porque nunca estive em causa a perda do objeto.</p> <p>Menciona outra vez o tempo como se fosse significado de uma relação forte.</p> <p>Novos objetivos, nova relação? Mesmo objeto de amor, diferente dinâmica da relação.</p> <p>O medo de perda do amor do objeto produziu a ilusão das baixas expectativas para não se magoar se isso acontecer. Quase que já está a prever que a relação não irá dar certo, mas com o tempo e o amor investido isso não lhe faz sentido, é-lhe difícil aceitar, até</p>
--	---	---

	<p>vamos aproveitar o presente e ver o que é que acontece daqui para a frente”.</p> <p>“Normalmente, quando é festas a pagar, ele é assim um bocado forreta, então, não quer ir mas eu vou com outras pessoas e não há problema”</p>	<p>porque vive com ele.</p> <p>Mais ativo.</p>
Relação com a mãe	<p>“Nunca fui um filho problemático, por assim dizer. A minha mãe nunca me teve que ir buscar ao hospital nem à prisão ou algo assim do género”.</p> <p>“Só me baldei duas ou três vezes e só uma delas é que fui apanhado. Incrível. A minha mãe não falou comigo durante dois dias. Ficou mesmo muito chateada porque o meu irmão já tinha pregado dessas coisas e então ela agora já estava a ver a coisa descarrilar para o meu lado”.</p> <p>“A minha mãe foi percebendo certos sinais e então chegou ao pé de mim e perguntou-me e eu na altura confirmei e disse-lhe que sim.”</p> <p>“A minha mãe inicialmente não sabia que era com o meu namorado. Contei que vivia com o meu namorado depois. Mas ela sim, não levou a mal”.</p>	<p>Querer ser melhor que o irmão, já que o irmão mais velho é o objeto de amor da mãe, na sua visão.</p> <p>Aparente ser uma mulher feliz e forte, mas facilmente magoada quando os filhos a desiludem.</p> <p>Mãe atenta, mãe que aceita o filho, mãe que ama o filho.</p>
Relação com os outros	<p>“Eu tenho três irmãos, mas são todos mais velhos com bastante diferença de idades. Tenho duas irmãs gémeas, das</p>	<p>Seria de esperar menos investido, mas as condições externas</p>

	<p>quais tenho 14 anos de diferença e um irmão com 16 anos de diferença de mim. Portanto, nunca brinquei muito com os meus irmãos, porque eles já eram crescidos. Brincava muito com os meus primos. Vivíamos todos ali ao pé da casa dos meus avós portanto brincávamos todos juntos.”</p> <p>“Na escola, quase metade dos alunos da escola - eramos poucos alunos – quase metade era tudo família porque eramos uma família mas depois na escola eram poucas crianças. Portanto sempre fui rodeado de família nesse sentido.”</p> <p>“Pareço mais irmão das minhas sobrinhas do que propriamente dos meus irmãos. “</p> <p>“O meu irmão não quis, as minhas irmãs queriam só que na altura os meus pais não tinham possibilidades para suportar...”</p> <p>“Acho que desde que vim para Lisboa</p>	<p>permitiram um bom investimento.</p> <p>Os irmãos são os segundos pais. Idealizados quando pequeno. Quando começou a aperceber-se que queria ser diferente, não só em termos da orientação sexual, mas em termos do que queria para a vida dele desidealiza-os, provavelmente na entrada para a adolescência.</p> <p>Até os outros eram família. Ambiente enjaulado no seio familiar.</p> <p>Sente-se o irmão mais velho (objeto de amor da mãe) quando rodeado pelas sobrinhas.</p> <p>Sujeito investido. A família</p>
--	--	--

	<p>dou muito mais valor à minha família porque vejo-os muito menos vezes.”</p> <p>“E depois de estar em Lisboa é que me assumi perante a minha família. Só a minha mãe e os meus irmãos, o meu pai ainda não.”</p> <p>“Portanto, ele basicamente passa a semana fora e só vem ao fim-de-semana a casa. Portanto, vive lá em casa mas é como se não vivesse. Mas mesmo ele depois de ter tido as minhas sobrinhas continuou a viver lá em casa. As minhas sobrinhas viviam com a mãe delas e ele sempre continuou a viver lá em casa. As minhas irmãs nunca lhes conheci namorados, pretendentes sim, mas namorados não. São solteironas e felizes e também foram acabando por ficar lá por casa.”</p>	<p>“deu-lhe asas para que ele possa voar e quando quiser pode voltar ao ninho”.</p> <p>A distância impede o confronto.</p> <p>O pai é excluído, punido.</p> <p>A família gosta da jaula, é confortável e foi o que sempre conheceu. Para além que a mãe promove a normalidade deste ambiente familiar como se tivessem parado no tempo.</p>
Identificações com os pais		
Identificações com o feminino e o masculino		
Objeto de amor	<p>“No início da relação, houve alguns ciúmes da parte dele. Ele é bastante ciumeiro porque ele também tem alguns problemas de auto-estima e nervosismo”</p>	<p>Dependente, pouco investido, inseguro.</p> <p>Impulsivo?</p>

	<p>“Ele é tímido. Olhe, eu posso dizer-lhe que é quase o oposto tudo que eu sou. Ele é tímido, eu falo pelos cotovelos. Ele é... Não sei, ele é tímido. É muito amoroso, gosta sempre de miminhos e de beijinhos e de festinhas e essas coisas todas. Eu não tenho assim grande paciência para isso. Não é que não goste de fazer, claro que gosto de fazer. Mas também como ele está quase sempre a pedir isso, eu gosto de o contrariar. Então, gosto muito de fazer isso, gosto muito de o contrariar, de dizer “não, não dou beijinhos e vou ser mau para ti”. Mas tudo na brincadeira e ele sabe completamente que é na brincadeira. E funcionamos muito assim: ele gosta muito das coisas fofinhas e eu gosto muito do contrariar só para o chatear, mas depois acabamos por rir os dois e dar beijinhos e miminhos um ao outro. Ele é tímido, é muito mimoso. Sei lá, nos estudos, é uma pessoa muito aplicada. Também é dedicado na nossa relação. Lembra-se sempre dos dias. Aliás, nisso somos um bocado iguais: ou nos lembramos muito do nosso dia de aniversário ou às vezes até nos esquecemos os dois”</p>	<p>Objeto de amor não narcísico, aversão às características pessoais. Se não é narcísico, não é conhecido. É um sujeito que gosta do que é desconhecido, gosto do diferente, gosta do que não é confortável, apesar do tempo de relação que insiste em mencionar. É uma relação que tem altos e baixos não chegando ao ponto de se tornar confortável. Altos e baixos que são criados por ele de forma inconsciente para que a relação não seja um lugar conhecido, uma jaula, um sufoco.</p> <p>Por outro lado, contratransferencialmente o sujeito demonstra que ainda gosta muito do namorado e é muito carinhoso a falar dele, como se estivesse a falar com uma pessoa com quem já tivesse confiança. Não sei se foi para reforçar a ideia que a relação está</p>
--	---	--

	<p>“É que ele às vezes arma-se um bocado em chico-esperto, de senhor de toda a verdade e achar que é a enciclopédia do mundo”</p> <p>“Gosta muito de ser idolatrado, por assim dizer, muito sabichão, muito engraçadinho com as suas piadas. Não gosto disso, mas aprendi lidar com isso. É a maneira dele ser. É a maneira de ser dele. Eu próprio já lhe disse que não acho grande piada. Não o posso fazer mudar por mim”</p> <p>“Gosto menos nele que ele tenha pouca confiança própria, pouca auto-estima. Isso também vem um bocado na sequência dos ciúmes que agora já não são tantos. Eu acho ele, isso já não acontece tanto, mas ele até há pouco tempo se tinha ele próprio pouca consideração, achava que eu podia deixar de gostar dele de um dia para o outro e que as outras pessoas eram mais interessantes que ele. Mas eu tenho-me esforçado para o fazer sentir com valor”.</p>	<p>bem ou se de facto está.</p> <p>O objeto de amor é dedicado em tudo o que se coloca tornando-se frágil.</p> <p>O sujeito não suporta que o objeto seja melhor que ele. Ele tem de ser idealizado pelo objeto de amor.</p> <p>O objeto de amor não é idealizado porque se idealizar desvaloriza-se e isso ele não suporta.</p> <p>Mas gostava de ter esse poder.</p> <p>Gostava que fosse um objeto semelhante a si, mas depois não ia suportar, por isso, é que inconscientemente o escolheu.</p> <p>Não o idealiza, mas faz com que o objeto sinta que sim para que o possa</p>
--	---	---

	<p>“No exterior que seja assim gostoso, não é? É o que uma pessoa quer, não faz mal nenhum. No interior, gosto de uma pessoa confiante, uma pessoa extrovertida como eu. Gosto de uma pessoa divertida. Mais? Gosto dum pessoa também amorosa, claro. Gosto de uma pessoa de confiança. No fundo, o homem ideal é um bocado o homem que eu já tenho limando algumas arestas, lá está, por exemplo, essa parte da confiança, de ser menos tímido”</p>	<p>idealizar.</p> <p>Ilude-se que tem um objeto narcísico.</p>
--	--	--

Mãe

<p>Sujeito</p>	<p>“Os meus pais também são assim um bocado com idade, também já me tiveram assim um bocado tarde”</p> <p>“A minha mãe fez 60 na passada sexta-feira e o meu pai vai fazer 62 no final deste ano”</p> <p>“A minha mãe para além de já ter os seus 60 anos e ter sido criado numa aldeia ainda mais pequena do que aquela que eu nasci numa altura muito difícil, portanto, há 60 anos numa aldeia chamada X em Y em que só se comia</p>	<p>A mãe apesar da idade e do número de filhos, não deixou de investir nesse filho, como se fosse o primeiro.</p> <p>A alegria desta mulher é a família. Dedicada completamente aos filhos, nomeadamente os rapazes. Apesar de ser uma mulher ativa e forte, as suas</p>
----------------	---	--

	<p>batata e feijão porque não havia mais nada, não havia civilização, não havia eletricidade. Sempre foi criada num meio muito religioso. A minha mãe vai à missa todos os Domingos. É catequista. Canta no coro da igreja.”</p> <p>“A minha mãe é uma senhora muito simpática, gosta de toda gente. Acho também que toda gente gosta dela. Ela não tem paciência para se chatear, para ela está sempre tudo bem. Quando alguma coisa está mal, ela é a primeira a dizer “opa, deixa estar. Bota fora e vamos fazer de novo”. Acho que isso também vem muito da vertente espiritual dela. Portanto ela vai à missa todos os domingos. É uma pessoa muito religiosa. Canta no coro da igreja. Dá catequese às crianças. E ela é sempre a boa disposição lá de casa. Para ela também está sempre tudo bem. São raros os dias em que ela se zanga. Só</p>	<p>atividade rondam no que é socialmente aceite e bem visto. O facto de ter um filho homossexual e continuar feliz com o seu filho e aceitá-lo mostra que estamos perante uma mulher que apesar da educação e da religião foi bem investida capaz de aceitar o diferente, aceitar que é o filho e que o ama independentemente do filho ser homossexual, de querer viver fora do seio familiar, etc.</p> <p>Forte idealização.</p> <p>A mãe melhor do mundo, a mãe suficientemente boa, que fez com que todos os filhos ficassem a viver com ela exceto este que não se contenta com o que é confortável e estável.</p> <p>O ser boa é justificado pela religião.</p> <p>Choca com as rivais do seu</p>
--	--	--

	<p>mesmo quando as minhas irmãs... As minhas irmãs gostam de a chatear.”</p> <p>“A minha mãe é uma espécie de artista da Broadway que despertou agora aos 50 e tal anos.”</p> <p>“Os meus pais nunca os expulsaram de casa porque acho que também nunca houve razões para isso e são também uma companhia para a... Sobretudo para a minha mãe porque o meu pai passa o dia fora a trabalhar, o meu irmão passa a semana fora, eu estou a viver em Lisboa. Uma das minhas irmãs também passa o dia fora a trabalhar, só uma delas é que vai almoçar a casa na hora de almoço e se não fosse isso a minha mãe passava o dia em casa com a minha avó, mãe dela, de quem ela toma conta.”</p>	<p>mundo. Quando um conselho é dado pelo marido ou pelos filhos, acata. Quando dado pelas filhas, zanga-se.</p> <p>Muito activa, necessidade de acompanhar o que se está a passar, ser atual e assim ser boa mãe e boa pessoa.</p> <p>A mãe sente necessidade de fazer tantas atividades porque se sente sozinha. Prefere a família, mas quando “abandonada” tem estratégias para não ficar tristes.</p>
<p>Relação com o objeto de amor</p>	<p>“Mas sim as decisões são tomadas entre ele e a minha mãe de forma igual.”</p> <p>“A relação entre a minha mãe e o meu pai, acho que se pode dizer que é normal. A minha mãe e o meu pai não... Não... Não fazem aquilo das</p>	<p>Discurso muito indeterminado.</p> <p>O pai é apenas um pano de fundo que completa a imagem idealizada da mãe.</p>

	<p>demonstrações públicas de afecto, por exemplo, não estão sempre aos abraços nem aos beijinhos nem a dizer “amo-te” ou “gosto muito de ti” não sei quê. Mas têm os seus gestos de carinho”.</p> <p>“E valorizam-se um ao outro. Eu nunca os vi discutir, em 22 anos de vida”</p> <p>“Se calhar, houve também um evento que também os deixou a pensar doutra forma porque eu quando tinha 8 anos fui atacado por cães duma vizinha minha que eram dela. Eles eram selvagens, portanto ela não os tratava e nem os tinha presos e um deles atacou-me aqui esta parte da orelha. Isto foi reconstruído com partes do meu corpo e tenho várias cicatrizes nas pernas e isso foi muito chocante para os meus pais porque eu era apenas uma criança com 8 anos e eu noto que a partir daí que eles valorizam mais os filhos depois daquela tragédia e portanto se calhar isso teve algum efeito da maneira de eles se comportarem perante nós”</p>	<p>Acredita que não discutem por sua causa – megalomania??</p> <p>Fala cruamente quando são assuntos mais agressivos.</p>
<p>Relação com o filho</p>	<p>“Apesar de todos as crenças dela e da maneira como ela foi criada para pensar, ela ficou muito mais triste comigo porque não fui eu a dizer-lhe e por não ter tomado essa iniciativa de lhe dizer há mais tempo. Pelo menos, foi o</p>	<p>Tolerante, compreensiva, bom continente, boa função α.</p>

	<p>que ela me disse a mim. Disse que gostava de mim na mesma, mas que ficava triste porque eu não tinha confiado nela para dizer a verdade.”</p> <p>“Ela pergunta-me várias vezes pelo meu namorado.”</p> <p>“A minha relação com a minha mãe sempre foi muito... muito próxima não, bastante próxima, sim, porque lá está, as raparigas é que normalmente costumam ter esse tipo de relação, mas acho que sempre foi bastante próxima. Por exemplo, eu contei-lhe problemas que tinha, ela sempre me ajudou. Eu e o meu irmão somos também as primeiras pessoas a quem ela vem contar os seus problemas.”</p> <p>“As minhas irmãs são um bocadinho chatas, então, dizem-lhe coisas que ela não quer ouvir, então ela vai falar comigo e com o meu irmão, primeiro.”</p> <p>“Contamos os problemas um ao outro. Depois de eu me ter assumido a ela,</p>	<p>Interessada, sem ser demasiado invasiva.</p> <p>Quando está na presença da mãe adquire características femininas porque acredita que é o suposto já que a relação é próxima?</p> <p>Confidente, amiga</p> <p>Os filhos são o seu objetos de amor que podem fazer tudo que não a irão desiludir. São também o seu continente.</p> <p>A rivalidade não é bem tolerada. Foge das rivais e ganha ao fugir porque tem apoio dos restantes membros da família que ficam do lado dela porque ela desenvolve um clima familiar confortável e feliz.</p> <p>Amiga, mais próxima, relação amorosa</p>
--	---	--

	<p>sinto-me mais à vontade para falar sobre certas coisas, da minha vida com o meu namorado e assim”</p> <p>“Ao contrário do que se pense eu não sou o filho favorito. Lá em casa o filho favorito é o meu irmão mais velho porque é o filho favorito... É difícil explicar-lhe mas eu posso dar certos exemplos. Por exemplo, o meu irmão tem 40 anos, o meu irmão ainda vive lá em casa connosco.”</p> <p>“O meu irmão tem 40 anos, mas não faz a cama, a minha mãe ainda lhe prepara o pequeno-almoço e a minha mãe sempre faz... sempre tem... sempre faz coisas por ele e tem uma abordagem com ele que não tem comigo e com as minhas irmãs. E eu e as minhas irmãs sempre reparámos nisso, mas não é por isso que achamos que ela gosta menos de nós ou não. Posso dizer que se calhar sou o segundo favorito.”</p> <p>“Em relação à minha mãe, ela sempre depositou muita expectativa em mim porque o meu irmão, acho que nem concluiu o secundário.”</p>	<p>Ciúme. Ele próprio sabe que as irmãs nunca poderiam ser as favoritas.</p> <p>Mãe relaciona-se com os filhos como se relaciona ainda como quando eram crianças e eles vivem confortáveis com isso.</p> <p>Não tem com ele, porque ele já é independente. Não tem com as irmãs porque elas são rivais e são duas contra uma.</p> <p>Ser irmão é competir.</p> <p>Ele é o ideal do irmão, mas nem por isso consegue superar o irmão. O irmão é o primeiro filho, aquele ao qual foi dado o amor, aquele que foi planeado e</p>
--	---	--

	<p>“É um bocado aleatório, podemos falar numa semana podemos falar todos os dias, noutra semana seguinte podemos ficar a semana inteira sem falar. É um bocado quando nos apetece, ligamos um para o outro quando nos apetece e falamos. Às vezes nem temos nada para dizer, é só mesmo para saber se ela está bem. Ela diz que gosta de ligar para ouvir a minha voz e às vezes ligamos assim”</p>	<p>desejado.</p> <p>Ele parece ter-se separado bem da mãe e age como ser independente.</p> <p>A relação é parecida como uma relação amorosa que é promovida pela mãe. Seduz.</p>
Relação com os outros	<p>“Ela é doméstica, portanto, ela vai tomar o café com as amigas, mas depois tem muitas amigas velhotas e muitas amigas não sei quê e então... Por exemplo, quando alguma delas, alguma dessas velhotas, vai por exemplo para um lar ou para um hospital, ela é a primeira a oferecer-se para dar boleia, ela vai lá visitar nos aniversários, dá-lhes flores. A minha mãe também faz voluntariado no lar de idosos de Z. Vai com um amigo dela cantar músicas e tocar, porque ela também está na Universidade Sénior.”</p>	<p>Prestável, cuidadora, cria um ambiente confortável com os objetos que a rodeiam e por essa é uma pessoa fácil de gostar. Amiga. Como disse, tudo o que é socialmente muito bem visto. E traz-lhe felicidade ser assim.</p>
Identificações com os pais		
Identificações com o feminino e o masculino		

<p>Objeto de amor</p>	<p>“Portanto, só o meu pai é que não sabe, mas a relação com o meu pai sempre foi assim um bocado distante, por assim dizer. Nunca tivemos assim uma relação muito próxima. É mais, por exemplo, quando o vou visitar. São conversas mais ocasionais, como o que é que se passa, o que é que ele tem feito, o que é que eu tenho feito, se arranjei trabalho, se não arranjei. Mas por exemplo nunca tivemos aquele tipo de relação de chegarmos a casa e perguntar “como é que foi o teu dia?”, de perguntar como é que foi o meu dia, perguntar como é que eu estou a fazer na escola, perguntar como é que eu estou. Portanto sim. Falamos, não estamos zangados nem nos odiamos, por assim dizer. Apenas não temos uma relação tão próxima, por isso, eu também não sinto tanta necessidade de me assumir perante ele.”</p> <p>“E falamos das mesmas coisas e falamos muito bem, mas o meu pai tem um feitio assim um bocado difícil. E então eu e os meus irmãos preferimos não tocar na fera e deixá-lo estar assim um pouco...”</p> <p>“Usa muito esta frase “não me</p>	<p>O pai não é visto como parte da família porque não quer partilhar a mãe.</p> <p>Não consegue falar positivamente do objeto de amor da mãe.</p> <p>Frio, pouco continente, pouco investido, sem vontade investir. Provavelmente, a mãe é suficiente boa para compensar este pai ausente.</p> <p>Agressividade. Não relação com o pai. A relação com o pai é apenas por obrigação. Rival.</p> <p>Não existe relação.</p> <p>Mesmos interesses que o filho</p> <p>Pai castrador</p> <p>Pai ausente</p>
-----------------------	---	--

	<p>chateiem”. Mas é “não me chateiem” do género a brincar”</p> <p>“Portanto, temos uma relação distante, mas não deixamos de ter uma relação. Gostamos uns dos outros. Não nos odiamos, por assim dizer.”</p> <p>“Mas diz que é um feitio muito difícil que é o feitio de ter sempre razão, de ser... Não é tanto de ser a pessoa que manda lá em casa, mas não poder ser contrariado por exemplo em coisas simples.”</p> <p>“Ele também gosta de ver desenhos animados”</p> <p>“Para quê? Vão gastar dinheiro para quê? Ganham muito dinheiro. Devem ser muito ricos. A ganhar dinheiro para depois deitarem coisas fora, bla bla bla, não sei quê”, mas depois quando as coisas lá estão, ele não reclama”.</p> <p>“Eu acho que ele põe mais uma postura de ser durão e de nos dificultar um pouco a vida, por assim dizer, porque ele depois é manso.”</p> <p>“Mas ele não é totalmente rígido sobre “só fazemos isto se eu quiser”. Portanto, ele também cede em certas</p>	<p>Oponente, rival, não tem mau-perder porque não é só ele que manda lá em casa apesar de não gostar de ser contrariado</p> <p>Bom humor</p> <p>Poupado (fase anal?)</p> <p>Falso ativo.</p>
--	---	--

	partes.”	
--	----------	--

ANEXO J: Análise da 1ª entrevista do Vítor (27 anos)

Sujeito

<p>Sujeito</p>	<p>“É um bocado timidez também. Apesar de ser extrovertido e dado e simpático e por aí fora”</p> <p>“Porque os meus pais assim o entenderam e acharam que era melhor eu ficar com os meus avós e foi o que aconteceu. (Mas porque é que acharam que era melhor?) Para ser honesto, também não sei muito bem. E evito saber, não quero saber. É um assunto que para mim está encerrado há uns anos valentes e eu prefiro que continue assim, não tocar muito nele.”</p> <p>“Os meus pais moram aqui no fundo da rua onde eu moro e damo-nos bem.”</p> <p>“Devia ter para aí uns 22. Acordei um dia de manhã e disse “vou-me embora. Em Janeiro, vou-me embora”.”</p>	<p>Contradiz-se com muita facilidade. É muito aberto. E disponível.</p> <p>Sente que não foi desejado. Recusa-se a falar dos motivos dos pais para o deixarem com os avós.</p> <p>Os pais continuam a relacionar-se com ele, frequentemente. Pulsões agressivas face aos pais. Defende-se procurando iludir-se como se fosse uma situação ao qual já se acostumou, mas ainda guarda revolta</p> <p>Impulsivo, instável, inconstante.</p>
----------------	---	--

	<p>“É um rapaz extremamente simpático, extremamente sociável, doido, muito doido.”</p> <p>“Eu sou apaixonado pela vida, apaixonado pelo aquilo que faço. Quando faço algo é com muito amor. Por mais que as pessoas digam “ai eu não consigo me divertir”, eu arranjo maneira de me divertir a fazer qualquer coisa senão não ia fazer. Acho chato. Não faço coisas chatas. Tenho esse privilégio de não fazer... Porque arranjo sempre maneira, pronto. Por mais chato que seja o trabalho, arranjo sempre maneira de divertir e de arranjar diversão naquilo. Sou... Sociável, já disse. Como é que eu me caracterizo mais? Muito mau feitio.”</p> <p>“Eu sou insuportável. Pareço as criancinhas. É verdade. Pareço os bebês quando não tem comida e tem sono. Eu sou insopor... Eu tenho mesmo mau feitio nessa altura. Ou se tenho fome também tenho muito mau feitio. Ou então as duas juntas é caótico, é bombástico. Que mais? Epa, gosto imenso dos meus amigos. Divirto-me imenso. Não fumo, não bebo. Pratico desporto.”</p>	<p>Bom investimento dos avós. Dá muita ênfase às palavras que diz. Valoriza tudo o que tem e desenvolveu muitas estratégias (algumas defesas maníacas) para não ficar triste. Não pode estar parado.</p> <p>Infantil, humor, gosta de ser tratado como um bebé, como não foi tratado. Pouca capacidade de lidar com a frustração, por isso é que desenvolveu as defesas maníacas.</p> <p>Saudável, preocupa-se consigo, gosta de si mesmo.</p>
--	---	--

	<p>“Onde eu recebo os meus clientes - isto parece um bocado mau”</p> <p>“Eu super bem resolvido. Epa, não me importa o que as pessoas pensam, digam, quem está mal que se mude. Eu estou na minha, azar o dos outros.”</p> <p>“Fui lá gozar com eles. Saiu-me o tiro pela culatra”</p> <p>“Fomos conversando e conversando, e eu sempre dizia “não, não sou gay, não, não sou gay, não, não, não, não”. Mas sempre tive... Há sempre uma tendência. Há sempre um olhar mais atento para os rapazes ou uma atração mais acentuada do que os rapazes normais por outros rapazes. Há sempre uma curiosidade mais aguçada”</p> <p>“O meu primeiro namorado, a minha primeira experiência sexual, o meu primeiro beijo, a primeira vez que eu disse “ok, agora sim, isto está certo. Agora sim, sinto-me bem, sinto-me realizado, sinto-me feliz. Sou eu. Posso ser eu à vontade, sem problemas nenhuns”. Como contei à família? Hehe, é muito gira esta parte. O Vitor</p>	<p>Humor</p> <p>O mundo exterior não é seguro. Eu posso contar comigo e com o que já conheço. O ser sociável, simpático é apalpar terreno.</p> <p>Agressivo</p> <p>Faz muitas recusas ao longo da entrevista. Gosta de contar a sua história, gosta de ser ouvido, dramatização, teatralismo, é interessante, sabe o que os outros querem ouvir, ao mesmo divertido, sedutor, um pouco histérico, mas não manipulador.</p> <p>Excêntrico, não faz nada ao acaso, gosta de chocar, gosta de marcar.</p>
--	--	--

	<p>faz 18 anos. Não vai de modos, junta a família toda num restaurante na Encarnação, pais, avós, tios, tias, primos, tudo o que houver para juntar.”</p> <p>“... Se calhar não é bem tímido, é mais reservado. Gosto de estar no meu cantinho, mas depois quando conheço a pessoa é uma festa.”</p> <p>“Quando sou eu, o Vitor, cheio de energia e rio-me e por aí fora...”</p> <p>“Boa disposição”</p> <p>“Oçam Ivete Sangalo logo de manhã e vão ver a pica que aquilo vos dá para o resto do dia”</p> <p>“Se me elogiarem fico um bocado constrangido, se tiver um buraquinho eu escondo-me.”</p> <p>“ah tão querido e simpático”, “pronto, está bem”. Ou se começam a dizer “ah, ele é muita bom a fazer isto...”</p> <p>“E é mais um bocado por aí porque gosto muito de estar no meu cantinho, quentinho, sossegadinho e não me chateiem. E é assim que eu gosto de estar”</p>	<p>Quando é valorizado pelo que realmente é e não pela excentricidade que demonstra, reage mal.</p>
--	---	---

	<p>“Isto é muita giro porque tu tens as pegas – eu vou falar abertamente – as pegas, que são aqueles gajos que comem tudo e todos. Mexe, quer. Tem os promíscuos, que são aqueles que não assumem que o fazem, mas fazem. Está a ver? Depois tem os insetos, que são os que têm relações, mas se for preciso querem comer o teu melhor amigo porque ele é bueda giro e eu vou comê-lo e ficavam contigo por causa disso. Depois tens os certinhos, os normais. Ah e depois tens as bichas malucas. Pronto, eu ode... Eu vou-lhe ser muito honesto. Mesmo sendo gay e mesmo estando muito resolvido, não gosto de bichas, enervam-me solenemente. Tenho vontade de lhes dar uns abanões valentes e lhes pedir que eles se definam: ou és gajo ou és gaja. Porque é uma coisa que me chateia solenemente. Sou contra e falo de algum modo pela comunidade homossexual porque pensa-se que quem é gay anda disfarçado de mulher”</p> <p>“É o que a sociedade pensa. Eu não penso assim como é óbvio. É o que a sociedade pensa, de que quem é gay é um homem disfarçado de mulher. Porquê? Por causa das bichas. Porque os gestos, a malinha à tira colo, o sapatinho alto, a excessiva</p>	<p>A única homossexualidade que aceita é a sua. Os outros podem fazer com que ele seja desvalorizado, por isso, não suporta e é agressivo. Auto-agressivo porque ele não se considera nesse grupo, mas faz parte dele. Não aceita que pode também ter essas características ou ter tido. Admite algumas, mas recusa outras apesar também as ter. Levando sempre a temáticas sexuais. Com as suas defesas maníacas, este sujeito valoriza-se ao criticar o semelhante.</p> <p>Tem que estar tudo bem definido, com contornos e limites, se não desorganiza-se.</p> <p>Id. Projetiva na sociedade. Não ele que pensa assim, é sociedade.</p> <p>Não suporta o feminino, soa a superficial, soa a falso. Não é aceitável. Não</p>
--	--	--

	<p>maquilhagem, a roupa. Eu vou-lhe ser honesto. Eu, no outro dia, passei à porta do Moda Lisboa porque fui a um evento da agência com o David e a quantidade de gajos que estavam de saia e de sapato e de mala era assustadoramente... Era assustador. Era muita gente mesmo. E se for sair para o Trumps, se for para o bairro, você vê isso, vê essa realidade. E essa realidade que no dia-a-dia está contigo na rua no Chiado. Se vais ao Starbucks, está lá, anda na rua, está lá. E a sociedade olha para eles como olha para mim, está a ver? Por mais que eu tenha uma postura hétero, normal, não é? Não ando para aí com mala à tira colo nem nada do género, o que eu sinto e o que o David sente e muitos dos meus amigos que eu falo muitas vezes sentem isto, que é: vês um tipo de homossexual, gay que denigre a imagem da restante comunidade homossexual”</p> <p>“Acho que é um bocado por aí, sim, porque... Eu não sou contra, atenção, eu não sou contra. Cada um faz o quer e anda como quer, liberdade total. Eu acho que é um bocado por aí, que a homossexualidade fica com a imagem denigrada com esse tipo de atitudes porque, repare, não digo para serem todos normais, não é? Mas se houvesse</p>	<p>quer ser confundido com uma mulher.</p> <p>Recusa os pensamentos agressivos, mas não aparece a culpa.</p>
--	---	--

	<p>um bocadinho de consciência do género: “eu a fazer isto na rua, as outras pessoas vão associar toda a comunidade homossexual é igual”. É um bocado por aí. E isto acaba por prejudicar. Eu não tenho problemas nenhuns em andar de mão dada com o David. Nós vamos jantar fora. Nós temos atos de carinho em público. Vamos ao cinema. Tudo normal, como um casal normal, sem problemas nenhuns. Mas tive uma relação à pouco, antes da relação que tive com o David, que durou um ano, um ano e pouco, em que a pessoa com quem eu estava tinha medo de andar na rua e que já tinha sido agredida fisicamente por estar a beijar um ex-namorado na rua, percebe? E eu não estou a dizer um beijo daqueles à novela, pronto, porque esses também acho que não se deve fazer seja gay ou seja hétero. Pronto e depois tens os casais gays normais, como eu e o David, que podem ter assim um bocadinho ter uns tiques, uns jeitos um bocadinho mais efeminados, que acho que acaba por fazer parte, como tens o que não têm, que é impossível distinguir, apesar do meu radar apitar, que são pessoas normais e que vivem normalmente, percebe? Mas eu não tenho nada contra as bichas, nem nada do género, nada mesmo. Mas apenas</p>	<p>Não suporta ficar mal visto, não lida bem com a crítica.</p> <p>Não gosta de dar nas vistas, mas gosta de seduzir o outro, de o fascinar.</p> <p>O feminino é aceitável quanto baste, desde que não se esqueça é homem e deve se comportar como tal, não sendo mulher.</p> <p>Recusa da agressividade.</p>
--	--	---

	<p>me faz um bocadinho de confusão. É a percepção que eu tenho, é a percepção que muita gente tem, infelizmente, que a sociedade, não é toda gente, põe-nos todos dentro do mesmo saco.”</p> <p>“Impulsivo, mais carnal, mais carneiro mesmo”.</p>	<p>Impulsivo, erotiza tudo, promíscuo, carnal.</p>
<p>Relação com o objeto de amor</p>	<p>“Trocámos número de telefone com ele. Ele mudou para Vodafone por minha causa.”</p> <p>“Marquei café com ele e conhecemo-nos. Fomos conversando, saindo, indo ao cinema, jantar fora, estando sempre pedacinhos aqui, pedacinho ali juntos, sem grande cumplicidade nem nada disso, tanto que eu demorei dois meses e meio a dar-lhe o primeiro beijo.”</p> <p>“E eu disse-lhe “olha, já que nós nos damos tão bem. Ambos sabemos aquilo que queremos e já que a coisa entre nós está a correr tão bem, não queres ir viver lá para casa?”. E ele não pensou</p>	<p>A relação resulta porque o objeto de amor é passivo e aceita ser tudo o que o sujeito quer pois esse é o seu objeto de amor. Não há discussões. Tudo é perfeito no objeto de amor, porque ele molda-o, caso contrário, não o aceitaria. Tudo é perfeito no objeto porque o objeto quer ser amado e aceita tudo. Quando não concorda com alguma coisa, o objeto sabe que não pode confrontá-lo, mas sim convence-lo de que é o melhor para ele. O sujeito não lida bem com o confronto.</p> <p>Impulsivo</p>

	<p>duas vezes e olhe mudou-se.”</p> <p>“Até gozei com ele um bocadinho, mas ele lá teve paciência e me deu trela”</p> <p>“Foi o primeiro rapaz gay que conheci. Nós fomos conversando, saindo, falando, até que aconteceu ele dar-me o primeiro beijo. Deu o primeiro, deu o segundo, o terceiro e a coisa foi por aí. Foi tanto que durou 5 anos. Namorei com ele durante 5 anos, vivi com ele durante 3 anos aqui.”</p> <p>“Já namorava com o Diogo há um ano. Juntei toda gente, juntei o Diogo. A meio do jantar levanto-me e digo “Família, tenho um comunicado a fazer”. Ficou tudo a olhar para mim do género “vai dizer que se vai casar, vai ser pai” e toda gente pensava que eu ainda namorava com a outra rapariga. O Diogo frequentava a casa como se fosse o meu melhor amigo.”</p> <p>“Tenho um comunicado a fazer-vos. A minha vida deixou de ser a mesma. O Diogo é o meu namorado. Estou a comunicar-vos que sou gay. E só espero que aceitem”. E fez-se um minuto de silêncio.”</p> <p>“Desde aí o Diogo começou a ir a</p>	<p>Não suporta não ser aceite.</p> <p>Gosta de saber tudo. É mimado. Demasiado investido pela avó e ao tornar-se independente necessita sempre de ter um objeto de amor que invista nele.</p> <p>Ao fazer com que façam parte da família, com que vivam lá em casa, torna-se dono deles, eles ficam dependentes.</p>
--	--	--

	<p>casamentos, aos batizados, às festas de anos, estar presente em todos os momentos da minha vida. Até que acabou. (Porquê?) Porque ele me traiu.”</p> <p>“... No mundo gay, tu tens uma fase em que quando te tornas gay ou lésbica ou por aí fora, a norma é tu teres uma fase de... Tens uma relação muito certinha, depois descambas e tens montes de relações ao mesmo tempo e... Não são relações, são affairs, coisas como tu lhe quiseres chamar. E depois voltas a acertar. E depois há aquelas pessoas que tem relações para o resto da vida com a mesma pessoa que é a primeira pessoa com quem estão. E eu conheço casos assim. E que não tiveram essa fase. Mas eu... Eu explico-lhe isto porquê. Porque tu tens casais, tens casais que por exemplo eu namorava com o David, eu namoro com o David, o David tem um amigo gay, o amigo gay faz de tudo para que eu acabe com o David para eu namorar com ele.”</p> <p>“Há uma promiscuidade muito grande no mundo gay, muito grande mesmo. Para já, porque os homens são muito carnais. Isso é certo, seja gay, seja hétero, são carnais, ponto. E porque há muita promiscuidade, não há aquela coisa de eu ter uma relação estável, uma</p>	<p>É uma das coisas que não concebe no mundo gay e o frustra. Como podem trocar alguém tão fantástico?</p> <p>Esta é a sua história: vive uma relação séria, depois tem várias relações pouco sérias e depois volta a assentar. Os altos são as relações sérias e os baixos não se conseguem evitar.</p> <p>Todos os homens são carnais e capazes de trair. Nada é certo numa relação.</p>
--	--	--

	<p> pessoa estável com quem eu possa contar para o bem e para o mal, para tudo o que possa acontecer. Muitas pessoas desejam isso, mas depois não conseguem fazer porque... ou porque não têm capacidade mental para fazer ou porque não têm maturidade suficiente ou porque se calhar é giro eu estar com uma pessoa hoje e daqui a 15 dias estar com outra, daqui a 3 semanas estar com outra. Se calhar mais tarde, vou sair à noite para os sítios gays e hoje, daqui bocado estou com um, daqui a meia hora estou com outro e daqui a duas horas estou com outro. O Rubén é assim, por exemplo” </p> <p> “E existe aquela mentalidade e aquele estigma que a comunidade homossexual não é capaz de ter relações sérias. É mentira. Eu namorei cinco anos com o Diogo, namorei quatro anos com uma rapariga, namorei cerca de um ano com o Gabriel e estou há... Vai fazer agora um ano em Agosto” </p> <p> “É muito querido, é um doce. Trata-me como nunca, juro-lhe, como nunca ninguém me tratou. E o meu melhor amigo diz: “Vitor, tu precisas de alguém na tua vida que te dê tudo aquilo que tu necessitas: muita atenção, muito carinho, que te preencha física, </p>	<p> Muito apaixonado, muito investido, é idealizado, o seu objeto de amor faz de tudo para que ele fique dependente dele mas o objeto é que é dependente. </p>
--	---	--

	<p>sexualmente, emocionalmente, muito mesmo”. E o David consegue fazer isso tudo. Ele liga-me a meio do dia só para dizer que gosta de mim, está a ver?”</p> <p>“O David é querido, é muito apaixonado por mim, gosta mesmo muito de mim, nota-se a léguas. É muito inteligente. É extremamente doce, educado, simples, genuíno... Ele é muito genuíno, é muito honesto. Ele é das pessoas mais honestas que eu conheço. Nunca conheci ninguém com tanta honestidade junta. Justo, muito justo com as pessoas. Não suporta injustiça. Ele é a primeira pessoa a dizer “não” quando é preciso dizer não. Ele é capaz de me dizer “não o façás”, sem dizer não.”</p> <p>“Chamando à razão”</p> <p>“Nas outras relações, eu discutia imenso, tinha imensas discussões e é isto que eu sinto nele, está a ver? É isto que eu procurava, alguém que... Eu sou o lado mais “tchanam” da relação, mais enérgico, mais...”</p> <p>“E ele é mais calminho, está a ver? Ele é o lado mais miminho, mais... Ele consegue acompanhar-me nas minhas loucuras. Quando me apetece correr,</p>	<p>Valoriza imenso o objeto de amor. Porto seguro.</p> <p>Só tem virtudes, muito idealizado. Até os defeitos como a teimosia é uma virtude. Faz tudo por ele. Este objeto é uma mãe que cuida dele e o protege.</p> <p>É um príncipe encantado. Tudo o que procura ele tem.: apaixonado por si, inteligente, educado, carinhoso, simples, justo, honesto, genuíno.</p> <p>Não há frustração porque não há confronto.</p> <p>Ativo</p> <p>Passividade, ele cede.</p>
--	--	---

	<p>quando me apetece apanhar bebedeiras em casa, ele está lá. Ele vai comigo. Mas quando me apetece estar aqui no sofá, quentinho a ver um filme, ele também está. E nunca discutimos.”</p> <p>“É teimoso. É casmurro. E quando mete uma coisa naquela cabeça, ele vai até ao fim. Eu disse-lhe “não quero que me ofereças presentes. Estás proibido”. Mas é que ele está no Vasco da Gama, neste momento. Eu sei, eu sei onde é que ele está. Eu sinto! Eu sei onde é que aquele gajo anda. Ah que horas são? Deixe cá ver. São sete e vinte e dois. Chega a casa às dez para as sete. Por isso, não está no metro.”</p> <p>“Este momento que a minha avó está a passar, problemas que todos nós temos, está lá sempre, ao meu lado, a apoiar-me sempre. Se eu estou doente, ele fica em casa a cuidar de mim e vice-versa. A ida para Londres foi graças a ele. Não foi algo que eu planeasse na minha vida, para lhe ser muito honesto. Sempre tive aquela cena “vou sair de Portugal, preciso de sair, preciso de ver uma nova cultura, aprender uma nova língua”. Para melhorar o meu inglês. E eu ofereci-lhe a viagem a Londres, que é o sonho dele.”</p>	<p>Grande apoio.</p> <p>O sujeito é muito independente, tem os seus objetivos. Liga-se facilmente aos objetos, a única forma que conhece de se relacionar.</p>
--	--	--

	<p>“E isso tudo pesa numa decisão duma pessoa continuar cá ou não porque nós queremos constituir família”</p>	
Relação com a mãe	<p>“E uma que eu tenho muito presente e que tive mais ou menos aos 17 anos foi um camião que os meus avós me ofereceram enorme, gigante, uma coisa daquelas que tu vês no supermercado para os putos e que eles me compraram na Suíça e veio aqui para Portugal e que eu guardei até aos 17 anos”</p> <p>“A minha mãe chorava. Coitada: “ai não vou ser avó” e eu “não penses nisso já que a coisa resolve-se”.”</p>	<p>Camião dos bombeiros, símbolo de afeto. Fase edipiana. Deu-lhe poder.</p> <p>Dramática, não levada a sério.</p>
Relação com os outros	<p>“Adoro comunicar com as pessoas”</p> <p>“São aquelas pessoas que vêm cá a casa, que jantam comigo, com quem eu partilho os meus problemas, com quem converso, por acaso, a Cátia está-me a ligar agora. Com quem vamos jantar, sair, praia.”</p> <p>“É um dos problemas da comunidade gay é que existem muitas traições.”</p>	<p>Sujeito sedutor, fácil de gostar.</p>
Identificação com os pais		
Identificação com o feminino e o masculino	<p>“Não é aquela coisa porque eu acredito que uma rapariga ser trocada por um rapaz, não deve ser a mesma coisa que ser trocada por outra rapariga. A coisa deve ser um bocadinho mais... O</p>	<p>As mulheres são vistas como superficiais, fracas, incapazes de competir o homem. O homem que é forte, carnal.</p>

	<p>impacto emocional deve ser um pouco maior do que... Porque rapariga com rapariga consegue competir, não é? “Ai ela tem o cabelo loiro, se eu fizer umas madeixas e tal a coisa resolve”. “Ah mais barriga, então perco dois quilinhos e a coisa vai ao sítio”. “Ai tem as mamas maiores, então vamos pôr silicone”. Com o rapaz já não, porque não tem como competir. Não tens como competir porque são dois seres do mesmo sexo, que têm exatamente a mesma força, têm exatamente capacidades a nível de personalidade, são muito parecidos. São dois homens que estão ali. E é muito complicado.”</p> <p>“São todos muito parecidos porque são meramente muito carnis e muito emocionais ao mesmo tempo, mas são também estúpidos.“</p> <p>“Os estúpidos não é no mau sentido, é no bom sentido, porque nos apaixonamos com muita facilidade, nunca damos o braço a torcer. Nunca</p>	<p>A escolha de objeto de amor foi inicialmente narcísica. Mas possivelmente como foi rejeitado e não consegue lidar com a falta de investimento porque tem pouca tolerância à frustração. Então, é preferível que o objeto de amor seja dependente.</p> <p>Identifica-se com o masculino.</p>
--	--	--

	<p>dizemos “gosto de ti” com aquele sentimento que a outra pessoa se calhar gostava de ouvir”</p> <p>“Somos todos muito carnis. Não tão emocional, mas um bocadinho mais racional.”</p> <p>“Sou muito compulsivo – coisas de gaja que está cá dentro (nas compras)”</p>	<p>Ridiculiza as mulheres, ridiculariza o feminino, não suporta.</p>
<p>Objeto de amor</p>	<p>“Porque ele já me disse que se trabalhasse na agência, comigo era só relação profissional. E eu disse “não digas isso porque não sabes”. E ele “Ah, mas eu conhecendo-me como me conheço...” e eu “Eu sei. Está bem, pronto, se tu achas que é assim tudo bem”.”</p> <p>“O David foi a melhor coisa que me aconteceu desde sempre.”</p> <p>“Ele nunca teve com nenhum rapaz. Mas sempre soube aquilo que era porque há sempre... Ele ao início... “Se tu nunca tiveste com ninguém como é que sabes que és gay?” e ele “Não preciso de estar com alguém para saber”. E é verdade.”</p> <p>“O David é assim a melhor coisa que eu</p>	<p>Profissional, responsável, com necessidade de pôr limites. Pouco flexível.</p> <p>O que o veio salvar de todas as frustrações. Super idealizado.</p>

	<p>tenho na vida, acredite, porque eu sempre desejei ter alguém como ele.”</p> <p>“Cuida de mim muito. Dá-me imensos mimos. Gosta de estar comigo a ver televisão, ver filmes. É... O que é que eu lhe posso caracterizar mais? Deixa-me cá pensar. É que falar dele é difícil porque eu posso resumir numa pessoa brutal.”</p> <p>“O David é algo que eu não quero perder nunca. Às vezes, digo “Ah não gosto de ti” e ele fica triste. E eu “não, gosto mesmo”. É algo que eu gosto bastante. Eu não consigo descrever mais.”</p>	
--	---	--

Mãe

<p>Sujeito</p>	<p>“Um viveu com os avós... Um irmão é só meio, é só irmão de mãe. Viveu com os avós do pai biológico dele. E o meu irmão mais novo vive com os meus pais. Nunca quis... Os meus pais nunca quiseram que ele vivesse com os avós.”</p> <p>“Porque a minha mãe era muito nova na altura e também não tinha condições financeiras para o ter. Então fez uma adopção aos avós paternos.”</p> <p>“Ela teve um AVC há seis anos, o que a</p>	<p>Há uma clivagem entre a mãe boa (a avó) e a mãe má (mãe biológica que o abandonou).</p> <p>Racionaliza o abandono como defesa.</p> <p>Avó forte, lutadora, após o</p>
----------------	---	--

	<p>deixou um pouco favelizada, psicologicamente afectada. Pronto, como viu, tem uma boa memória. Como é que eu a caracterizava? Uma única palavra acho que chega, acho que é uma guerreira.”</p> <p>“Ela não é minha avó biológica.”</p>	<p>AVC frágil, criança. O sujeito teve que inverter os papéis. Agora quem cuida é ele.</p>
Relação com o objeto de amor	<p>“Sentiu saudades e “ah sinto saudades, não sei quê, faz-me falta”. Dá para perceber que é uma relação com muito carinho.”</p>	<p>Nunca houve rivalidade com o objeto de amor da avó.</p>
Relação com o filho	<p>“Sempre trabalhou muito para me dar tudo o que eu preciso, para nunca me deixar faltar nada, sempre teve lá quando eu precisei. E nunca me pôs por exemplo numa cresce. Os miúdos normais hoje em dia vão para uma cresce, não é? Para um colégio, logo cedinho, com... com 1 aninho, às vezes, meses. E eu não, só fui mesmo para a escola quando tive que ir para a escola.“</p>	<p>Super idealizada. Bem investido. Amiga. Compreensiva. Não foi a substituta da mãe, foi a mãe.</p> <p>Não se relacionou com os pares até à entrada na primária.</p> <p>Passou a fase edipiana só com a avó sem rivalidade.</p>
Relação com os outros	<p>“Sei que trabalhou sempre imenso, desde muito pequenina. Tem muitos irmãos. E pelo que eu sei, sempre trabalhou imenso. Sempre ajudou muita gente. Também dá para perceber pelo que ela me vai contando que às vezes tinha pessoas cá em casa e ia com sete ou oito miúdos para a praia.”</p> <p>“É adotiva. Ela adotou o meu pai mais o</p>	<p>Prestável, cuidadora.</p> <p>A avó não é do avô.</p>

	<p>meu avô. O meu avô encontrou o meu pai no Casal Ventoso dentro duma barraca queimada com imensos problemas de saúde. Trouxe-o cá para casa e eles cuidaram dele. Puseram-no bem e ótimo. E adotaram-no, basicamente. Adotaram-no e depois adotaram-me a mim.”</p>	<p>Identificação com o pai.</p>
<p>Identificação com os pais</p>	<p>“O meu avô é general, reformado do exército, pessoa com quem eu podia menos aceit... Contar. Aceitou na boa porque tem aquela mentalidade de exército, tropa, coisa bué à homem, homem, mulher, uma cena muito forte. Aceitou na boa. Adorava o Diogo.”</p>	<p>Mentalidade aberta, não como a mãe.</p>
<p>Identificação com o feminino e o masculino</p>		
<p>Objeto de amor</p>	<p>“O meu avô morreu quando eu tinha 3 anos.</p> <p>Mas para lhe ser muito sincero, lembro-me de andar com ele às cavalitas, basicamente.”</p> <p>“Que me protegia imenso. Eu era o menino de ouro, eu era o bijou, era tipo o neto... Era o neto preferido porque só teve um neto, eu. Ele não conheceu o irmão mais novo, nem o mais velho. E lembro-me que brincava muito comigo, que ia comigo para todo o lado.”</p> <p>“O meu pai aceitou na boa”</p>	<p>Protetor, menino idealizado, desejado, super investido, cuidador.</p>

	<p>também não são tão sociáveis como eu”</p> <p>“Para mim, não fazia sentido. Era muito limitado. Ok, durante seis meses eu tenho tudo o que é eventos, praia, tenho trabalho também se quiser trabalhar um bocadinho. Tenho tudo. Depois chega o Inverno e não tens nada”</p> <p>“Sou muito mais de cidade, que é contrário, por exemplo, da minha mãe. A minha mãe, o sonho dela é ter uma fazenda e ter os bichinhos dela e não se chatear com nada. E estar lá no meio do campo e ninguém a chateia. É feliz assim. A minha mãe detesta Lisboa”</p> <p>“E em cada esquina via um sem-abrigo que é uma coisa que não se via. Nem arrumadores, essas coisas não existem. Mas não é uma coisa comum como tu vês cá em Lisboa. Então era uma coisa que me chocava muito. Em cada esquina, ver uma pessoa a dormir, sem abrigos. E eu todos os dias passava e dava uma moeda e comecei a perceber com o passar do tempo que eram sempre as mesmas pessoas”</p> <p>“E a minha mãe fazia o mesmo”</p>	<p>de irmãos e não se distingue dos outros. Acredita que é sociável pelo pai</p> <p>Gosto do diferente, de descobrir, da independência.</p> <p>Ativo, cidadão, instável.</p> <p>A mãe é calma, aborrecida, diferente dele.</p> <p>Caridosa, ingénua</p> <p>É igual à mãe apenas na</p>
--	--	--

	<p>“Espero que eu consiga ser diferente se algum dia tiver filhos”</p>	<p>educação porque foi forçado a isso</p> <p>Como pai, quer ser um pai mais caloroso. Culpa a mãe por ter sido sempre fria.</p>
<p>Relação com o objeto de amor</p>	<p>“Conhecemo-nos... Ai tenho vergonha de dizer isto... Conhecemo-nos num voo Lisboa Porto que é um voo que só dura 30 minutos e tive um passageiro que por acaso se sentiu mal e foi ele. E eu tive a tratar dele.”</p> <p>“Andámos um mês a conhecemo-nos, só a ter encontros. Não nos envolvemos”</p> <p>“Disse que está a sentir uma paixãozinha por ele e queria saber se era correspondido ou não e ele nunca me disse nem que sim nem que não”</p> <p>“Dei-lhe a entender que havia outras pessoas que queriam-me conhecer”</p> <p>“E aí ele acelerou muito as coisas”</p> <p>“Beijou-me e passado uns minutos já eramos namorados e eu disse-lhe “mas tens a certeza?”, ele é que me pediu em namoro, ele é que me beijou, ele é que fez tudo. E eu “mas tens a certeza?” e ele</p>	<p>História idealizada</p> <p>Ele é que arrisca</p> <p>Manipulador</p> <p>Produziu uma reação mais ativa no outro, aquilo que pretendia.</p> <p>É passivo</p>

	<p>“sim, já tive um mês a estudar como seria esta relação à distância, a ver se realmente gostava de ti e a ver se tu realmente gostavas de mim e vi que ao fim do mês que sim, que vale a pena, portanto, eu tenho a certeza do que estou a fazer” e foi aí.</p> <p>“Mas comigo ele é reservado, ele não diz porque sabe que eu odeio”</p> <p>“Agora estamos a planear as nossas primeiras férias”</p> <p>“Não o acho muito querido a falar por mensagens. Ele a falar por mensagens é muito frio, depois em pessoa e ao telefone, é muito mais querido. Então às vezes até penso como não estou a ver a cara da pessoa, não estou a falar com ele, não estou a ouvir a voz dela. Muitas vezes tenho a sensação, não é que me esteja a falar mal, mas também não me está a falar bem, percebes? Está a falar-me com indiferença quando não é verdade. Quando na cabeça dele até está a ser querido, mas depois a expressar ele está a fazê-lo, mas eu não sinto isso. Ainda ontem falámos disso porque estamos sempre a desentendermo-nos por mensagens.”</p> <p>“Ui fico a pensar: será que o sentimento</p>	<p>Calculoso</p> <p>Respeita-o, como ele gosta</p> <p>Idealizado</p> <p>Quando distante, não há relação e ele fica dependente.</p> <p>Inseguro, precisa de provas constantemente. Não está, não existe, perde o amor do objeto.</p> <p>Paranoia</p>
--	--	---

	<p>já não é o mesmo, às vezes, penso é verdade. Mas isso se calhar é uma insegurança da minha parte porque ele não sente isso.”</p> <p>“A falta de comunicação seja onde for, entre amigos e trabalho, consegue arruinar muitas relações. Portanto, decidimos vamos falar de tudo. Se hoje eu me sentir triste eu vou dizer e ele vai tentar perceber porquê”</p> <p>“Estou-lhe sempre a dizer, as tuas mensagens têm que melhorar porque isso deixa-me um bocado ansioso”</p> <p>“Assim é complicado quando se passa uma semana sem ver a pessoa”</p> <p>“Levo pequenos-almoços à cama. Estou aqui a falar consigo e digo “espere aí que vou fazer uma chamada” e faço uma chamada de 30 segundos só para dizer que tinha saudades tuas”</p>	<p>Comunicativo, gosta de ter tudo bem delineado e não viver na incerteza, gosta de ser cuidado, que lhe deem atenção.</p> <p>Incertezas geram ansiedade.</p> <p>Romântico, investe muito nas relações amorosas.</p>
<p>Relação com a mãe</p>	<p>“A minha mãe fez questão que os três nascêssemos lá”</p> <p>“E a nossa vida era um pouco essa, de seguir a minha mãe”.</p> <p>“E então a nossa vida era essa. Até que a minha mãe se apercebeu que só nos estava a fazer mal, porque começaram a</p>	<p>Determinada, pouco flexível, rígida.</p> <p>Boa mãe, mãe que teve que ser pai</p>

	<p>chamar a atenção na escola”</p> <p>“Então o que a minha mãe fez foi: a nossa ama que tínhamos no Brasil, trouxe-a definitivamente para cá, imagine, para que a minha mãe no Inverno se pudesse ir embora e nós pudéssemos ficar e ter uma vida mais estável”</p> <p>“É muito a educação por parte da minha mãe,</p> <p>“Chamar atenção, sempre assim muito atenta. Mas não foi aquela mãe... Por exemplo, não tenho ideia de estar sentado no colo, a ler um livro, o que eu vejo as crianças a fazer com os pais, coisas assim. Nunca foi uma mãe muito afetuosa, portanto”.</p>	<p>Os filhos em primeiro lugar. Assume o papel de pai, o que traz sustento à família.</p> <p>Mãe castradora.</p> <p>Não é mãe que investe com amor, dá um colo, bom continente.</p>
Relação com os outros	<p>“Esse grupo portava-se mal não ia às aulas e o Nuno queria fazer isso tudo”</p> <p>“Toda a gente se conhece”</p>	<p>Influenciável</p> <p>Jaula</p>
Identificação com os pais	<p>“Talvez seja uma coisa que tenha herdado dele, não sei”.</p>	<p>Sociável que é a sua maior característica.</p>
Identificação com o feminino e o masculino		
Objeto de amor	<p>“Que tinha imensa vergonha do que tinha acontecido”</p>	<p>Educado, tímido</p>

	<p>“Uma pessoa muito querida, muito amorosa. É uma pessoa que quer ajudar toda a gente também. É uma pessoa educada apesar de que para mim pessoas que dizem muitas asneiras não são pessoas educadas, mas pronto dou o desconto que ele é do Norte”</p> <p>“Muito calminho, não é daquelas pessoas de sair à noite”</p> <p>“Ele está no armário. Nunca tive com uma pessoa com tão pouca experiência. Ele só esteve com uma pessoa na vida e essa pessoa durou 5 anos”</p> <p>“Se estás no armário vives uma vida dupla”</p> <p>“E tens de te fazer de machão.”</p> <p>“Loiro com olhos claros, mas se não for loiro com olhos claros, também pode ser branquinho com o cabelo preto que é como ele é”</p> <p>“Tem de ser uma pessoa educada”</p> <p>“Desde que seja educado e romântico”</p> <p>“Achei que ele fosse como eu, não me importo de ter uma pessoa romântica como eu”</p>	<p>Objeto de amor narcísico</p> <p>Não o incomoda, mas não gosta que se finja de hétero pois isso é negar a sua existência.</p>
--	---	---

Mãe

<p>Sujeito</p>	<p>“A parte sociável, não. A minha mãe não é típica brasileira. A minha mãe é daquelas que está no canto delas e pronto. E a vida dela é muito reservada e fazem parte do ciclo dela privado muito poucas pessoas.”</p> <p>“É simpática ali no primeiro impacto, mas depois fica por ali. Não dá muita conversa. Não se mete muito na vida das pessoas”</p> <p>“A minha mãe tem uma política que é “eu não vou a casa de ninguém para que ninguém venha a minha casa”. Ela gosta muito de ter o canto dela, a vida dela. Ela é muito reservada no que diz respeito à vida privada. E se calhar se a encontrar na rua, é “Olá tudo bem” e continua a andar porque é do género “eu não vou fazer perguntas porque também não quero que façam sobre a minha vida””</p> <p>“Deve ser alguma defesa dela”</p> <p>“É uma pessoa que vive para o trabalho neste momento.”</p> <p>“A minha mãe desde que o meu pai faleceu foi trabalhar. A minha mãe era dona de casa, dona de casa cuidava dos filhos”</p>	<p>A mãe é fechada.</p> <p>A simpatia é da educação e não de ser simpática.</p> <p>Não é invasiva, já foram invasivas com ela. Fecha-se no seu mundo, se não perde o controlo das coisas.</p>
----------------	--	---

	<p>“A minha mãe é uma pessoa ultra-educada”</p> <p>“A minha mãe é aquela pessoa que pode ter só um euro na carteira. Chega aquela pessoa que pede esse euro para comer, a minha mãe dá e eu também sou muito assim”</p> <p>“Está a tirar aquele curso de gestão para ajudar a minha mãe, mas no fundo não faz nada e a minha mãe sempre a apoiar aquilo”</p> <p>“Agora ele está no Brasil, porque ele sempre foi menino da mamã. Também uma das razões para que ele nunca tenha feito nada, é porque ele anda sempre de trás da minha mãe. Ele não consegue ficar longe da minha mãe. Eles têm uma ligação diferente da que eu tenho. Ele sempre foi menino da mamã e a minha mãe adora. Sente que precisa sempre de estar ao pé dele, ele também sente que precisa de estar. Eles têm uma ligação diferente.”</p> <p>“Em cinco minutos, a mesma mãe dar uma resposta diferente a apenas um”</p> <p>“Ela fica muito ofendida se ouvir falar mal do meu irmão mais novo”</p>	<p>Educada, caridosa.</p> <p>O filho que não a pode abandonar se não fica sem objeto de amor.</p> <p>Objeto de amor fiel, ela moldo-o assim porque é o último e não a pode deixar.</p> <p>Ciúme.</p> <p>Se é diferente foi porque ela a promoveu, dependência do objeto de amor.</p>
--	---	--

Relação com o objeto de amor		
Relação com o filho	<p>“A minha relação com a minha mãe melhorou muito desde que saí de casa. Porque como disse a minha mãe tu olhas para ela e tem uma capa que parece que é muito simpática, mas depois não dá muita confiança e com os filhos ela sempre foi muito rédea curta, muito mesmo. Ela é muito... Foi muito séria, muito, muito rígida na nossa educação. Não havia muito espaço para sermos meninos pouco educados”</p> <p>“E quando era para bater, virava o pai, ela batia mesmo. Nós apanhámos muito em criança porque também no Brasil é mais comum, a minha mãe foi educada assim. No Brasil, é uma coisa mais comum.”</p> <p>“Com a minha mãe não havia hipótese, era muito rígida connosco, sempre foi”</p> <p>“Não havia espaço para muita coisa. A minha mãe não é uma pessoa altamente afetuosa, não é aquela “ai meu filho lindo” todos os dias, não, não é. Apesar de parecer muito simpática, ele é muito mais fria. Quem a conhece sabe que sim, que ela é muito reservada e fria. Mas não é a ideia que as pessoas têm dela”</p>	<p>Capa, não é o que parece, não se sabe o que esperar, inconstante.</p> <p>Agressiva</p>

	<p>“Comecei a dar-me com esse grupo e chateei-me imensas vezes com a minha mãe. Recordo que ela não se chateou mais comigo porque era Verão ela tinha que trabalhar muitas vezes 12 horas. Mínimo 8, depois era 11 e 12 horas. Eram todos os dias assim. E então chateei-me muito. A minha mãe tentava-me bater e eu “nem se atreva”. E saia e ia dormir fora, pronto, achava-me um máximo. Depois essa fase passou quando eu comecei a perceber... Imagine, a minha mãe... Nessa altura, o meu irmão mais velho estava no Brasil, nesse ano, foi-se embora para o Brasil. E eu fiquei com o mais novo e estávamos sozinhos em casa e a minha mãe todos os dias de manhã deixava lá vinte euros, e deixava um bilhete a dizer, imagine “comprem cereais, leite e almocem”, os vinte euros, que era basicamente para isso. E o dia que ela não deixava dinheiro íamos almoçar ao trabalho dela. E houve um dia... Ou chegou uma altura na fase que eu andava mais rebelde que a minha mãe em vez de deixar... Imagine que ela deixava “filhos, almocem, filhos comprem isto e almocem”, começou a deixar... Eu chamo-me Nuno, o meu irmão Rodrigo e começou a deixar “Rodrigo, tens aqui dinheiro para almoçar” e eu comecei a perceber que</p>	<p>Promove a independência, vingativa. Não esquece. Só quer o melhor para os filhos e passa tudo pela educação.</p>
--	--	---

	<p>foi... A minha mãe virou-se para mim e disse “tudo bem, queres ser rebelde. Não respeitas a tua mãe. Queres fazer o que tu queres, então vai trabalhar e vai-te sustentar. Já que moras cá em casa e estás a estudar e achas-te muito crescido. Portanto, fazes o que tu queres, trabalhas e tens o teu dinheiro” E passado uns dias foi quando ela começou a fazer isso que eu comecei a sentir-me posto de parte e nessa semana comecei a pôr a mão na consciência e percebi o que andava a fazer e que realmente fazia sentido. Percebi ali a forma que a minha mãe encontrou de me chamar à atenção. E pronto realmente conseguiu. E depois deixei de me dar com esse grupo. Voltei mais ou menos à rédea da minha mãe, coisa que ela gosta muito de ter o controlo das coisas. A partir daí, a nossa relação melhorou bastante, eu lembro-me”</p> <p>“A minha mãe está aqui a trabalhar o dia todo e o pouco tempo que ela tem para estar em casa é para se chatear com os filhos, que têm a mania que são rebeldes e não sei quê”</p> <p>“Mas quando vim para Lisboa, aí sim senti uma grande evolução positiva porque comecei a falar ao telefone com a minha mãe todos os dias. E se calhar</p>	<p>Compreendeu a mãe</p> <p>Mãe preocupada quando não tem o filho por perto. Deu mais valor ao filho quando ele a abandonou.</p>
--	--	--

	<p>tinha mais contacto com ela estando longe do que vivendo na mesma casa porque muitas vezes ela chegava a casa, já eu estava a dormir ou não estava tinha ido jantar e depois quando chegava, já estava ela a dormir e passava muitos dias sem falar com a minha mãe. Era só recado “ok, mãe aconteceu isto” e deixava o recado ou ia lá ao trabalho dela. Também ela estava sempre muito ocupada no Verão, portanto falávamos um minuto, dois e punha-me a andar”</p> <p>“Quando vim para Lisboa, eu falava com a minha mãe todos os dias. Então ela queria saber tudo, queria saber como é que estava a correr. Estava sempre muito preocupada. Ela não queria que eu viesse para Lisboa”</p>	
Relação com os outros		
Identificação com os pais		
Identificação com o feminino e o masculino		
Objeto de amor	<p>“Trabalhava com pessoas, tinha lojas e o que eu me lembro é que sempre que o via ele punha-me dinheiro na mão, sempre, sempre, sempre. Quando eu via o meu pai, eu já sabia que ia ter dinheiro na mão para comprar chocolate, tanto que até</p>	Generoso

	hoje eu adoro chocolate, sou viciado”	
--	---------------------------------------	--

ANEXO L: Análise da 1ª entrevista do Pedro (24 anos)

Sujeito

<p>Sujeito</p>	<p>“Gosto de várias distâncias focais numa fotografia. Ter algo mais próximo, algo mais longe, que se complemente uma coisa à outra”</p> <p>“Eu considero-me sociável. Não muito extrovertido. Ou pelo menos, no início. Tenho reservar-me um pouco. Não dou muito a conhecer aquilo que realmente sou. Um bocadinho como auto-defesa.”</p> <p>“Eu, às vezes, sofro um bocadinho quando dou de mais de mim, e não tenho uma contrapartida positiva nesse sentido. Então, às vezes, passo a imagem que sou um bocadinho frio quando não é isso que acontece só para salvaguardar qualquer que possa acontecer. É um bocadinho jogar pelo seguro.”</p> <p>“O que mudou mais em mim é a independência que tenho agora. Antes era completamente dependente, não fazia ideia de nada. Eu já sei melhor o que é que é a vida.”</p> <p>“Tem coisas positivas, tem coisas... Não</p>	<p>Algo que se complete, uma coisa que não esteja só.</p> <p>Para não se magoar, se mostrar pouco de si, não se expõe, não sofre e também o outro não tem a capacidade de entrar no seu mundo.</p> <p>Não gosta de insegurança. Usa uma capa para se proteger.</p>
----------------	--	--

	<p>é negativas, sei lá. Fazem parte”</p> <p>“Agora tenho um trabalho, tenho dinheiro, tenho carro. Consigo ter as minhas escolhas. Antes não tinha nada dessas coisas. Não era possível”.</p> <p>“Eu não desabafo com ninguém.”</p>	<p>A mãe não é continente, não apara as suas frustrações, mas porque ele assim o decidiu.</p>
<p>Relação com o objeto de amor</p>	<p>“Eu namorei 5 anos. E o meu namorado ia a minha casa, dormia em minha casa. A minha mãe ia a casa dele. Os nossos pais iam a casa uns dos outros. Nós estávamos... Sei lá, era tão normal estarmos juntos. Só faltava mesmo dizer “Olha, de facto, estamos um com o outro”.”</p> <p>“Eramos muito cúmplices. Estávamos muito tempo juntos também. Houve uma altura que quase morávamos juntos. Andámos cerca de dois anos, cada um na sua casa. Depois, eu estava numa casa alugada. Andava à procura duma casa diferente. No meu prédio, vagou uma casa e ele foi morar para o meu prédio. Portanto, é assim: era só descer a casa em pijama ou subir a casa em pijama, fazer assim uma corrida na escada.”</p> <p>“Nós conhecemo-nos na net. Uma coisa</p>	<p>Relação de dependência. Iguais.</p> <p>Eram um só.</p> <p>Sempre baixas expectativas</p>

	<p>normal, não estava com expectativa nenhuma e ia falando só um bocado. Falámos, depois entretanto fomos beber um café e de facto demo-nos bem. Fomos continuando a sair e pronto.”</p> <p>“Enquanto de facto tivemos em casas diferentes, corria sempre tudo muito bem.”</p> <p>“Quando passámos a morar quase juntos, nos últimos três anos, já não havia tanta novidade. Já era mais banal, chegar do trabalho, irmos jantar, ir ver um filme, dormir. É assim entrámos mais na rotina. Claro que também saímos de vez enquanto, íamos ver uma exposição qualquer, íamos sair, passear e todas essas coisas, estávamos com amigos. Mas, não sei, houve ali... A chama ficou um bocadinho mais pequena. Mas eu acho que não é mau. Deixou de haver aquela fase inicial e começou a haver outras coisas, pronto. Depois do nada, houve um de repente, que ele ficou sem trabalho e isso foi ali um bocado o desequilíbrio. Ficou sem trabalho e continuava a ter uma casa para pagar. Sem trabalho ficava um bocadinho mais difícil, mas ainda tinha os subsídios normais do desemprego, que ele também não ficou a ganhar assim tão pouco. Tinha era um problema muito grave,</p>	<p>para não se iludir.</p> <p>É o outro que decide separar-se.</p>
--	--	--

porque trabalhos há muitos e ele não queria aquele tipo de trabalho. Eu em parte até penso “Sim, ok estás habituado a ter uma coisa melhor. Isto não é o sonho de ninguém. Mas caramba até haver uma coisa melhor tem de ser”. E ele não quis, então, pôs na cabeça que “Eu vou para outro país morar que lá está tudo muito melhor”. E eu fiquei um bocado “ok, pronto, não te vou dizer para não ires, não te vou estar a prender, mas fico um bocado desiludido, não é?” Foi tanto tempo e do nada, puf.”

“E disse-lhe “se de facto queres ir para outro país, eu não te vou prender. Mas acho melhor então continuarmos a dar-nos bem, mas separados. Cada um vai seguir a sua vida e pronto vamos falando, cada um vai tendo notícias um do outro e tudo isso”. “Ai não, vamos continuar juntos, eu venho quase de vez enquanto, tu vais lá de vez enquanto”. E eu pensei “pronto, ok, não é impossível. Vai ser difícil, mas...”. Ele foi e deixou de me falar totalmente, nem uma mensagem por dia, zero.”

“ (...) “Não sinto saudades nenhuma de Portugal. Não quero voltar. Aqui é que eu estou bem e é isto a minha vida” e eu fiquei completamente em choque. Fiquei em choque, três dias. Porque se ele

	<p>tivesse uma vida estável, tivesse um trabalho tudo como deve ser, ok eu percebia.”</p> <p>“Ele estava lá há duas semanas, andava à procura de casa, não tinha nada certo. E veio-se logo com aquela assim tão buuum. Fiquei um bocado em choque, vá. Mas pronto quis na mesma que continuássemos a falar sem nos chatearmos. Claro que fomos falando menos, mas ainda falávamos.”</p> <p>“Depois disso acabámos.”</p> <p>“E depois houve aí uns meses que ele veio cá no Verão e estivemos juntos e parece que nada aconteceu naquele intervalo. Foi tudo exatamente igual. E isso foi muito mau. Porque por um lado eu gostava do que estava a acontecer daquela maneira, mas eu sabia que aquilo ia acabar muito rápido e só pensava “o que é que tu estás a fazer? Estás-te a iludir. Não faças isso”. ”</p> <p>“(…) “Mas atenção eu não vou aí como teu namorado”. A verdade é que eu cheguei lá e era quase tudo igual. Só que eu continuava muito de pé atrás. “Se estávamos tão bem e tu do nada quiseste ir embora, eu não sei o que é que vais fazer agora”. E deixei de ter aquela</p>	<p>Tem pouca capacidade de se impor, de se separar do outro. Mas não gosta da dependência.</p> <p>Impotência, sem</p>
--	---	---

	<p>confiança que tinha.”</p> <p>“Eu não gabo muito de dizer estas coisas. Mas com aquele tempo separados, eu conheci mais gente e são pessoas das quais eu não me devo de afastar, mesmo que se tivesse de voltar para ele. Porque foi uma consequência dum ato dele, no fundo. E ele não aceitou isso.”</p> <p>“Começou a desconfiar muito de mim e essas coisas. Via-me o telemóvel. Eu até percebo um bocadinho que ele ficasse um bocado reticente, mas quer dizer ele também esteve montes de tempo longe. Eu sei lá o que ele andou a fazer e com quem. Eu acreditei, não percebo porque é que ele não estava a acreditar nesse sentido.”</p> <p>“Na altura, fiquei eu a chorar, ficou ele a chorar.”</p> <p>“Tem mais 6 que eu, portanto 30.”</p> <p>“Eu achei que de facto estava a haver uma evolução positiva e que aquilo ia dar mais alguma coisa, mas era só eu a ver isso. Então, fiquei um bocadinho em baixo também com isso.”</p>	<p>capacidade de reparação.</p> <p>Agressivo</p> <p>Iguais, ele inicialmente também desconfiava.</p> <p>Projeção.</p> <p>Tendência para escolher objetos com idade superior à sua.</p> <p>Ilude-se com facilidade ou é facilmente manipulado?</p> <p>Ingénuo, mas parece que tem os pés assentes na terra. Boa relação com a</p>
--	--	--

		realidade.
Relação com a mãe	<p>“Nunca tive assim uma mãe galinha que me prendesse em casa, que me dissesse “não podes ir aqui, não podes ir ali”. Tudo dentro dos controlos normais.”</p> <p>“Não, moro com a mãe. Mas porque neste momento não considero que é uma coisa que seja necessária, o ir morar sozinho. Não tenho um projeto atual que me peça para isso acontecer.”</p> <p>“É boa. Acho que sim, acho que é boa. Há coisas que podiam ser um bocadinho melhoradas. Mas no geral é bom. Lá está, ela não é muito galinha, ou pelo menos, houve ali uma fase de adaptação quando eu voltei para Portugal, ela ficou extremamente galinha: “Onde é que tu vais? Com quem é que vais? A que horas vens? Não te demores”. E eu disse-lhe que quando estava fora ela não sabia onde é que eu estava. Com quem é que eu estava, a fazer o quê. E não era assim tão galinha. Ela acaba por não me controlar assim nada. E ela aí percebeu um bocadinho e deixou de ser assim. E agora se eu preciso só de sair “pronto, não venhas muito tarde”. No geral é bom. Dou-me bem com ela.”</p>	<p>Mãe que controla, aparece a culpa dos ataques.</p> <p>Formação reativa. Falsa independência.</p> <p>O momento de adaptação não consistia em a mãe habituar-se outra vez. Provavelmente a mãe sempre foi assim. Mas viu um filho dependente de si e então fica “galinha”, um filho que vai para fora e é independente que já não necessita de uma “mãe galinha”, e um filho que volta que é porque precisa duma “mãe galinha”, por isso é que voltou.</p>
Relação com os outros	“Gosto de estar com amigos, gosto de sair, não muito.”	

	<p>“A diferença maior que eu notei não foi viver com a mãe, foi viver com ninguém que tu conheces. Eu não conhecia ninguém, eu não falava com ninguém. Passava os dias todos sozinho. Fartava-me de andar a pé porque não queria gastar dinheiro em transportes. Poupava ao máximo. Comia mal. Isso foi a maior diferença.”</p>	<p>Não pode estar fora da zona de conforto, longe da mãe, longe do investimento. Também não havia o investimento necessário para substituir a mãe.</p>
<p>Identificações com os pais</p>	<p>“Sou mais proativo que ela e tento sempre despachar as coisas “vamos embora”. Ela já é um bocadinho mais parada nesse sentido. Mas ela às vezes também tem um problema que eu também tenho: preocupa-se às vezes de mais com os outros do que propriamente com ela própria. E eu às vezes digo-lhe “então, não podes ser assim. Tens que seguir. Não te podes prender a essas pessoas. Isso não te está a fazer bem. Não te preocupes com essa pessoa porque ela não se vai preocupar contigo da mesma maneira e só estás aí a maçar-te”.”</p> <p>“Puxamos um pelo outro nesse sentido”</p> <p>“Isto agora é os filhos todos com as mães. O meu pai também está a morar com a minha avô, neste caso.”</p> <p>“Ela às vezes faz algumas queixas. “Ai essa coisa aí é mesmo igual ao teu pai, és</p>	<p>Ativo, não suporta a passividade.</p> <p>Identificação projetiva</p> <p>Uma equipa, um só.</p> <p>Identificação ao pai</p>

	mesmo dessa maneira”. Coisas em casa que eu possa dizer “ai eu não quero isto assim, faz antes desta maneira”.”	
Identificações com o feminino e o masculino		
Objeto de amor	<p>“Apreciava os princípios, a forma de pensar, a maneira de encarar a vida. Era com quem me identificava bastante e acho que daquela maneira é difícil de encontrar. E por isso é que tenho um bocadinho de pena, mas já me estou a habituar um bocadinho à ideia de “se não te faz bem, não vale a pena. E para ir só fazendo bem de vez enquanto, não também”. Ando progressivamente a baixar as expectativas.”</p> <p>“Muito mais reservado com ele próprio.”</p> <p>“Era muito senhor do seu nariz.”</p> <p>“Também mora com os pais, embora tenha uma casa própria, mas está alugada.”</p> <p>“Tem 33. Tem um bocadinho mais.”</p> <p>“Eu não diria para os homens mais velhos, eu diria para mentalidades mais velhas. Eu não tenho muita paciência, pah, para putos mesmo. Opa, eu não</p>	<p>Identifica-se com o objeto de amor, que é mais velho. Tem uma escolha de amor objetal narcísica.</p> <p>Mas eles não parecem se identificar com ele. Fica numa posição vulnerável onde a relação irá depender do que o outro pretende.</p>

	<p>tenho muita paciência para conversas de seca, pronto.”</p> <p>“Eu acho que a idade não tem nada a ver. Não me guio muito por aí. Sei lá, claro que a aparência física também conta um bocadinho não é?”</p> <p>“Cuidado, principalmente. Mas o principal é de facto o que pretende da vida, os princípios que tem, os objetivos, o que já conseguiu, o que quer conseguir. Acho que é isso que eu dou mais valor. Que tenha assim uma vida equilibrada também.”</p> <p>“Estabilidade principalmente. É isso que eu procuro”</p>	<p>Recusa.</p> <p>Não gosta de ficar dependente do objeto. Mas estabilidade é igual a dependência?</p>
--	--	--

Mãe

<p>Sujeito</p>	<p>“Não é muito chata, digamos assim.”</p> <p>“Não é muito proactiva. Ela tende adiar coisas sem necessidade. Evitar alguma coisa porque implica algum esforço”</p> <p>“Às vezes, tende a passar a batata quente para outra pessoa ou a evitar algumas coisas. E eu aí choco um bocadinho com ela” porque é que não fazes isto? Isto não custa nada. Isto. E vamos embora”. Sou um bocadinho mais despachado.”</p>	<p>Recusa.</p> <p>Passiva</p> <p>Não assume responsáveis. Quase que ele assume o papel de mãe.</p>
----------------	--	--

	Antes fosse assim também agora, um bocado mais despachada.”	
Relação com o objeto de amor	<p>“Ela às vezes conta algumas histórias.”</p> <p>“Sempre soube que houve aquela terceira pessoa, a mãe do meu irmão. E foi isso que de facto estragou ali a conjuntura.”</p> <p>“O teu pai, às vezes, ficava aí horas ao telefone e depois vinha a conta para pagar e não pagava e depois ia eu pagar a conta, mas depois já era uma conta enorme, então mandei cortar tudo”</p> <p>“Ela não refez a vida, ele teve antes um amigo, mas também não era o amigo e então depois acabou por ficar tudo em águas de bacalhau, cada um para o seu lado outra vez.”</p> <p>“E lá está, na altura, era o amigo, era o amigo da mãe, não era o namorado, nem nada desse género.”</p>	<p>O pai traiu a mãe.</p> <p>Pai muito agressivo.</p> <p>Recalcamento: diz que na altura não se apercebeu que era namorado e achava que era só amigo, mas neste momento ainda o define como amigo. Deserotiza a relação.</p>
Relação com o filho	<p>“Não estava a fazer-me mal nenhum.”</p> <p>“Agora ficava um bocadinho mais de pé atrás, tentava ficar alerta a coisas que ela podia não estar alerta. Talvez também para detetar qualquer coisa que não tivesse a bater certo. Verificar alguma</p>	<p>Como um pai com a filha ou um marido ciumento.</p>

	<p>coisa menos boa.”</p> <p>“Todas as vezes que eu saia à rua pedia-lhe coisas.”</p> <p>“Sempre com a minha mãe, sempre vivi com a minha mãe. Nunca foi nada partilhado nesse sentido. Nunca tive temporadas com o teu pai, nem nada disso.”</p>	
Relação com os outros		
Identificações com os pais		
Identificações com o feminino e o masculino		
Objeto de amor	<p>“O meu pai, houve muitos anos que quase não falei com ele. Agora, há pouco tempo... Ele tem outro filho e esse filho mora com a mãe e ele queria reaproximar-se desse outro filho, que é mais novo, e disse-me que precisava também de mim, que ele precisava duma aproximação tanto do pai como do irmão, que era para ir aos fins-de-semana almoçar ou qualquer coisa do género. Então começou a falar mais comigo nessa altura. Só que lá está, estivemos muitos anos sem falar e a minha vida não é a mesma que antes. E aqui alturas que ele não podia e ele não</p>	<p>O filho é utilizado com interesse, com uma utilidade para determinada função.</p> <p>Nega que o pai tem um papel significativo na sua vida. Mas é incapaz de recusar e fica triste com as suas atitudes por mais que esteja habituado.</p> <p>Pai pouco tolerante</p> <p>Pouca vontade de investir</p>

	<p>compreendia isso, porque tinha coisas para fazer ou já tinha coisas combinadas, ele não compreendia, então, às vezes, ficava um bocado aborrecido, porque eu não podia e levava isso um bocado a mal. Uma das vezes eu não consegui atender o telefone e ele deixou de me ligar. Só que pronto é assim eu também não fiquei muito preocupado porque ele também teve tantos anos ausente que não me faz diferença nenhuma. Também não temos conversa nenhuma. Então pronto “ok, não queres ligar mais, ok”.”</p> <p>“Que conversas é que tínhamos “bem, agora tirei este filme da internet, agora estou a ver esta série, eu tiro desta maneira, tu tiras desta maneira e qual é o site que usas”. Uma conversa de café.”</p> <p>“Acho que é um bocadinho mais próxima que a minha. Acho que eles estão mais vezes juntos. Falam mais”.</p> <p>“É muito ambicioso, mas quer tudo feito, não quer lutar para acontecer”.</p> <p>“É assim, eu não gosto de queijo e lembro-me do meu pai fazer uma bola de queijo e dizer que era plasticina e eu</p>	<p>no filho</p> <p>Agressivo</p> <p>Ciúme.</p> <p>Falso ativo</p> <p>O pai é um mau objeto.</p>
--	---	---

	dizia “eu não gosto disso, eu não quero isso”.”	
--	---	--

ANEXO M: Análise da 2ª entrevista do David (25 anos)

Sujeito

Objeto		
Relação com o objeto de amor		
Relação com a mãe	<p>“Eu acho que o que faria orgulhosos os meus pais seria eu tornar-me independente, poder oferecer momentos e prendas. Acho que era uma coisa que eles iam gostar”</p> <p>“Invasiva da minha privacidade não sinto que seja, quer dizer, é um pouco na medida que quer saber o que vou fazer”</p> <p>“É só controladora”</p>	<p>Mas que ao mesmo tempo a mãe não potencia.</p> <p>Recusa</p> <p>Desvaloriza</p>
Relação com os outros		
Identificações com os pais	“Eu acho que o ar competitivo e de gozão está nele e a minha mãe como era a irmã mais nova acabava por ser a vítima do meu irmão”	
Identificações com o masculino e o feminino	“A ideia que eu tenho é que biologicamente nós temos dois sexos apesar de haver algumas pessoas que possam identificar-se com um ou com outro e que tão ali no intermédio ou... ou... nos dois. Mas pronto, para mim o	Defende-se com banalizações.

	<p>feminino... Eu acho que socialmente foi construído uma ideia do feminino e do masculino. E que o feminino está na mulher, na figura da mulher. E também associado a uma série de características que nós associamos então à mulher.”</p> <p>“Ser mais acolhedor. No feminino, seria mais as curvas e no masculino seria mais as retas e a ordem, mas acho que esta construção é mais social”</p> <p>“A ideia de mãe, de preocupação pela cria e depois a maior preocupação com os outros e às causas sociais. Tenho também a ideia que é um papel feminino. É que eu estou a misturar as coisas entre mulher e feminino.”</p> <p>“Eu, se calhar, defendo o feminino como aquela ideia do ying yang. Não exatamente, mas acho que na verdade existem essas duas partes. Uma é... Não é como oposição, mas como um complemento da outra e para mim é mais isso, de ser uma parte deste ciclo e aquele que está mais virado para a sensibilidade, o acolhimento. Em oposição, a uma parte que é mais assertiva... Não é assertiva, é da competição, mais instinto. Pronto, o masculino sendo como mais instinto e o</p>	<p>Define o feminino e o masculino, como sendo as curvas uma coisa fácil e ser homem precisa-se mais ordem e regras.</p> <p>O feminino é associado à mãe.</p> <p>Não há identificação com o feminino porque está associado há mãe e ele não quer associar-se à mãe.</p>
--	---	---

	<p>feminino sendo mais... Não é bem racional, mas tem uma noção das coisas mais preocupada com o bem-estar do outro. Acho que isso é o feminino”</p> <p>“O masculino é mais isso, de competir, se calhar um pouco pelo instinto de caçador, de subsistir do Homem. Então, para mim, o masculino é algo que tem de caçar e tem de provar que é o mais forte para conseguir sobreviver. E associado a isso também estão as linhas retas. Não sei se uma maior racionalidade, que não é, mas mais pelo lado de ser rápido, imediato”</p> <p>“O masculino mais ação e o feminino mais paz.”</p> <p>“Qualquer pessoa tem características femininas e masculinas”.</p>	<p>O masculino é algo estranho e confuso que racionaliza para poder explicá-lo, por um lado agarra-se ao instinto e por outro à sua racionalidade.</p> <p>Não pertence nem ao feminino nem ao masculino.</p>
Objeto de amor		

Mãe

Sujeito	<p>“A minha mãe é uma pessoa comunicativa ou gosta de conversar. Mais do que conversar, ela gosta de informar”.</p> <p>“De apontar ideias, mas apesar de eu</p>	<p>O que começa por ser uma coisa boa de repente torna-se mau. Há uma instabilidade emocional em relação à figura materna.</p> <p>Pouco ativa ou assertiva ou</p>
---------	---	---

	<p>notar que depois a concretizar é mais fácil dizer do que depois fazer ou gosta de ter outros a trabalhar com ela a fazer o que ela pediu. É uma pessoa que lutou pelos seus objetivos”.</p> <p>“Acho que a minha mãe acaba por ser uma pessoa demasiado emotiva ou demasiado fechada na sua perspectiva e o que eu noto é que acaba por criar conflitos por essa razão”</p> <p>“(E quando não leva a dela avante?) É quase um bocadinho de espetáculo, de berrar. Berrar no sentido em que gosta de discutir e pela voz tentar mudar a opinião dos outros, em vez de ser pela lógica”</p> <p>“(Foi opção dela estudar?) Sim”</p> <p>“Era muito desenrascada”</p> <p>“Foi independente, quis ter a sua casa”</p>	<p>determinada?</p> <p>Só age quando acompanhada. Mas depois inverte esta figura.</p> <p>Utiliza a emotividade para que lhe deem mais atenção ou que concordem com ela (dramatização, traço histérico)</p> <p>Histeria?</p> <p>Ativa.</p> <p>Não suporta a diferença.</p> <p>Quando se pôs numa relação tornou-se dependente.</p>
<p>Relação com o objeto de amor</p>	<p>“Uma relação mais pacata. Eles afetos é raro. Ou agora acho que não existem. Ou quando existiam eram só beijos de despedida, muito subtis”</p> <p>“Mais discussões do que demonstrações de afeto”</p>	

	<p>“Noto que a minha mãe é muito possessiva com o meu pai. Não é bem querer saber o que ele faz, mas quer o meu pai só para ela”.</p> <p>“O meu pai acabava por desistir e sair de casa porque também não queria estar a ser acusado sem fundamento. Mas depois a minha mãe acabava por se redimir e chateá-lo e pedir desculpa”.</p> <p>“Eu noto que não é uma relação apaixonada”</p> <p>“Os meus pais são primos direitos”</p> <p>“Um bocadinho casamento por conveniência: “estão lá os dois já se conhecem, são primos, ok está na altura de casar, vamos casar””.</p> <p>“E como a minha mãe não consegue sentir-se completamente amada, então acaba por criar aquelas birras ou aquelas chamadas de atenção para se sentir valorizada”</p> <p>“Aí a minha mãe vai à procura de informação, de ver coisas no telemóvel e acaba por ligar para os números. Mas isso é mesmo caso de inveja porque acaba sempre por tentar perceber se o</p>	<p>Como com o filho.</p> <p>Ciúmes?</p> <p>Não é o que ele quer para ele.</p> <p>Toma muito o lado do pai (o seu objeto de amor edípiano)</p> <p>Insegura, impulsiva.</p>
--	--	---

	<p>meu pai tem outra pessoa”</p> <p>“Insegura, acho que sim. Mas também porque a relação que ela tem não a preencher o quanto ela desejaria”</p> <p>“O meu pai não é tão dependente de uma relação para se sentir bem, facilmente sozinho se sente realizado”</p>	Os dois objetos de amor falharam (o marido e o filho)
Relação com o filho	“A minha mãe gostava muito de fazer comparações comigo e com o meu avô. Isto por ser calmo, ser alto”	Objetos de amor
Relação com os outros	<p>“Não se conseguir posicionar na pele dos outros para poder entender os seus atos. Mas é uma pessoa carinhosa”</p> <p>“Quando temos visitas, a minha mãe gosta de ser anfitriã”</p> <p>“O que eu noto é que quando falamos, ela não participa ou só fala quando são coisas com ela. Ou se participa é para desviar a atenção. Não é aquela conversa que constrói o que estava a ser formada por aquele grupo de pessoas que estão ali. É mais uma coisa que acaba por desviar e estar associado mais a vida dela”</p>	Pouco continente. Culpa e repara o que disse.
Identificações com os pais	“A minha avó é quem fazia a gestão das vendas ou tinha tudo horas, tudo montado, era aquela que organizava o negócio da família.”	Identificação com a mãe

	<p>“Quem liderava e organizava era a minha avó”</p> <p>“A minha avó morreu por suicídio. E foi por incapacidades. A minha mãe conta que foi quando ela começou a aperceber-se que já não conseguia gerir os negócios como ela antigamente fazia”</p>	
<p>Identificações com o masculino e o feminino</p>	<p>“O feminino diz-se que é mais emotivo, mas acho que não tem de ser exatamente, mas que também está mais recetível a ter empatia de causas ou sentir mais, por exemplo, estar mais sensível a identificar-se com o outro. E depois também está mais associado a mais afeto à partida”.</p> <p>“O feminino é: a maior preocupação pela proteção do outro. Essa é a ideia que se tem socialmente e acho que costuma ser verdade.</p> <p>“Ela era muito maria-rapaz ou ela diz que foi das primeiras mulheres a usar calças e a andar de bicicleta”</p>	<p>As características verbalizadas já foram mencionadas quando se falou da mãe na 1ª entrevista.</p>
<p>Objeto de amor</p>	<p>“O meu pai também não é muito demonstrativo. Mais fechada a nível dos afetos”</p> <p>“Mais independente”</p>	<p>Quer pessoas que dependam dela, mas acaba por ficar com alguém independente.</p>

	<p>“Isto são especulações minhas: acho que a minha mãe tinha uma pessoa de quem gostava na altura, mas que não ficou para ela”</p> <p>“Pela maneira como ela fala, pelo facto de ele ter morrido, não é apaixonado, é mais... Vê-se que a minha gostava muito dessa pessoa e que a valoriza imenso”</p> <p>“Era um senhor estudioso, muito informado e instruído”</p> <p>“É daquelas pessoas que toda gente gosta, parece-me”</p> <p>“Morreu mesmo um ano antes de eu nascer”</p> <p>“Não houve festas porque o meu pai não é muito de festas”</p>	<p>Não consegue substituir.</p>
--	--	---------------------------------

ANEXO N: Análise da 2ª entrevista do Carlos (22 anos)

Sujeito

<p>Sujeito</p>	<p>“Sim, foi por acidente. O meu irmão já tinha 16 anos e as minhas irmãs 14. Portanto, os meus pais já não calculavam ter outro filho, mas aconteceu por acidente. Foi quando foram passar férias. As minhas irmãs dizem que depois a minha mãe fez um</p>	<p>Não se sente desvalorizado por ter sido por acidente.</p> <p>Não parece gostar de falar da mãe grávida, a prova que é do pai.</p>
----------------	---	--

	teste de gravidez e depois descobriu que estava grávida de mim. Foi mesmo acidente, já não calculavam.”	
Relação com o objeto de amor	<p>“E umas vezes eu pergunto “tão o que é que se passa? Não sei quê, estás bem?”.”</p> <p>“Umas vezes eu tento preocupar-me, outras vezes estou um bocadinho farto mas sei que a culpa não é dele. Portanto, é o que eu digo, eu sei que é um bocado egoísta da minha parte não querer saber isso. Por isso, é o que eu digo que sou um bocado mistura dos dois, do meu pai e da minha mãe.”</p> <p>“São essas as palavras: atenciosa e carinhosa. Eu não sou assim tanto mas acho que sou o suficiente.”</p> <p>“Nós nos divertimos muito juntos, seja a passear, seja em casa, seja só a conversar. Às vezes, rimo-nos desalmadamente só os dois de coisas parvas, youtube.”</p>	<p>É auto-crítico e sente que não faz o suficiente, mas também não se preocupa. Agarrasse ao tempo que está com o namorado e já não investe na relação como investia. Porque o tempo do namoro basta para que a relação se mantenha.</p> <p>Por vezes, parece que está apenas a falar de um amigo.</p>
Relação com a mãe	“Escolher o nome, a minha mãe queria que fosse Carlos Manuel, mas graças a Deus, as minhas irmãs não deixaram e então puseram Carlos André e então agradeço-lhes muito por isso. Portanto as minhas irmãs ajudaram em metade do nome para me salvar.”	A mãe aparece sempre em confronto com as irmãs.

	“Apenas não me senti confortável em contar (relativo à traição)”	Vergonha, sabia que ia desiludir a mãe
Relação com os outros		
Identificação com os pais	<p>“Sou um bocadinho misturas dos dois. Também não gosto de deixar as situações fora do meu controlo, gosto de saber lidar com elas e de lidar com os problemas que há e não sei quê, mas por outro lado, por exemplo, às vezes em relação ao André. Estou a tentar fazer uma comparação da relação dos meus pais com a relação que eu tenho com o André. Por vezes, por exemplo, o André tem problemas em casa, com os pais e eu às vezes tento não me envolver demasiado com isso. Acho que é um bocado egoísta da minha parte, confesso, para poupar preocupações para o meu lado”</p>	<p>As partes que descreveu não correspondem nada ao que me informou antes.</p> <p>Não parece ter noção da relação dos pais ou prefere não ter em conta isso.</p>
Identificação com o feminino e o masculino	<p>“O feminino e o masculino são duas categorias da sociedade para definir o género dos bebés à nascença”</p> <p>“As mulheres são pessoas mais sensíveis do que os homens ou pelo menos com mais sensibilidade para certos assuntos. Também, talvez, mais alguma maturidade para certos assuntos que os homens. Especialmente em assuntos de relações íntimas e da sexualidade”</p>	<p>Sinto que define o masculino baseando-se no homem com orientação heterossexual e aproveitando para a criticar.</p>

	<p>“Especialmente quando os homens estão em grupo tendem a ser mais criancinhas uns com os outros para ser armar em engraçadinhos. Os homens têm a necessidade de exibir e provar a sua sexualidade e a sua masculinidade”</p> <p>“Caraterísticas masculinas podem ser o espírito de liderança, podem executar tarefas consideradas mais difíceis”</p> <p>“Gosto muito da lida da casa, se calhar é um pensamento um bocado machista, mas eu gosto muito de fazer a lida da casa, por exemplo”.</p>	
Objeto de amor	“É uma pessoa muito atenciosa e carinhosa”	

Mãe

Sujeito	<p>“A minha mãe, se elas começam a fazer muitas piadas ou a reclamar de alguma coisa, ela fica muito stressada.”</p> <p>“A minha mãe pega nas coisas, vai dar uma volta, é um bocado mais por isso, porque elas a chateiam um bocadinho mais”</p> <p>“A minha mãe sofre muito com as coisas, tenta ser ela a lidar com tudo e a pôr tudo de forma certa.”</p>	Não aguenta a rivalidade e o confronto.
Relação com o	“E depois a minha mãe eventualmente	Contransferencialmente,

objeto de amor	acabou por engravidar e eles casaram”	senti desprezo o que poderá significar que não gosta da prova que a mãe é do pai.
Relação com o filho	<p>“O que faz dele o filho favorito é a minha mãe se preocupar com coisas pelas quais não se preocupa comigo e com as minhas irmãs. Mas são coisas muito triviais, nada de coisas importantes.”</p> <p>“Os meus irmãos já são muito mais velhos do que eu, já têm quase todos 40 anos e as minhas irmãs são solteiras e o meu irmão, tecnicamente também é solteiro, mas pronto, já tem duas filhas. Tem uma companheira, companheira, namorada, não é esposa, portanto, é um bocado difícil de definir. A minha cunhada, prefiro usar assim o termo. Mas mesmo assim por exemplo ele nunca saiu de casa dos meus pais. Mas as minhas irmãs, por exemplo, sempre sentiram muito mais pressão para sair de casa. Os meus pais nunca as expulsaram, obviamente, nunca as puseram na rua, mas sempre foi sentida muito mais pressão ou sempre foram dados mais incentivos para que elas saíssem de casa dos meus pais, mais incentivos do que foram dados por exemplo ao meu irmão. Sobretudo incentivos da minha mãe é mesmo a que... Da qual se nota mais o</p>	<p>Ciúme do irmão mais velho, junta-se com as irmãs que pensam o mesmo.</p> <p>A mãe que quer ver-se livre das filhas para ficar com os homens da casa para ela. As filhas são rivais.</p>

	favoritismo em relação ao meu irmão.”	
Relação com os outros		
Identificação com os pais		
Identificação com o feminino e o masculino		
Objeto de amor	<p>“Só sei que quando a minha mãe foi para São Pedro do Sul, eles se conheceram. O meu pai tinha uma mota, não sei se foi por causa disso. Se calhar, foi por causa disso que a minha mãe se apaixonou.”</p> <p>“Acho que é porque o meu pai nunca ter querido envolver-se muito nas coisas. Acho que lá está, não sei se é por ele demonstrar desinteresse, por não querer saber, ou por confiar na minha mãe para tratar das coisas, mas lá está, a minha mãe fala dessas coisas com as amigas dela, comigo, com o meu irmão.”</p> <p>“O meu pai é muito deixa andar, desde que não o chateiem, desde que não morra ninguém.”</p> <p>“O meu pai pode nem sequer associar, portanto, posso dizer-lhe que é um amigo que está lá a passar uma semana.</p>	<p>Despreza completamente a história, não se mostra interessado. Utiliza o humor como defesa porque não quer erotizar a relação do pai com a mãe.</p> <p>Pai desinteressado, ausente</p> <p>Despreocupado, irresponsável</p> <p>Distraído, pouco interessado, pouca capacidade de investir. Isso</p>

	Acho que o meu pai pode não associar e nem querer saber e mesmo que ele associe acho que não vai ter uma reação assim tão drástica.”	é para a mãe.
--	--	---------------

ANEXO O: Análise da 2ª entrevista do Vitor (27 anos)

Sujeito

Sujeito	<p>“Essa parte é engraçada. As pessoas vão olhar para ti. És o centro das atenções.”</p> <p>“Há uma coisa que sou eu e há outra coisa que são os outros e eu estou acima de qualquer um deles. Aprendia a criar uma barreira. Eu estou acima de qualquer pessoa”</p>	Omnipotência
Relação com o objeto de amor	“Em termos de dinâmica de casal, é igual ao casal heterossexual.”	
Relação com a mãe	“Mas se calhar a minha mãe era aquela cena que eu sentia mais falta.”	Não consegue preencher o vazio.
Relação com os outros		
Identificações com os pais		
Identificações com o feminino e o masculino	<p>“Existe o lado feminino de vocês mulheres e tal, no sentido mesmo feminino.”</p> <p>“Uma lésbica tu notas muito pela postura, muito homem, muito macho, muito camionista. E depois tens aquelas</p>	Para o sujeito, as identificações só fazem sentido de acordo com o sexo biológico.

	<p>mais femininas que se calhar se passar por ti na rua que seja lésbica tu não vais conseguir perceber se ela é ou não.”</p> <p>“Eu acho que é para se imporem como um registo, porque pode se estar errado ou não eu acho que é para tentar serem aquilo que não são. Por exemplo, uma lésbica quando é muito camionista tenta passar pela pele de homem, da parte mais máscula da relação e isso acho que é para se imporem também na relação em si com a outra pessoa porque são aquele papel mais dominante, vá.”</p> <p>“Conheço pessoas que têm essa necessidade de se expor para o mundo.”</p> <p>“(tu como homem não tens características femininas?) por acaso é uma pergunta muito interessante à qual eu não te sei responder. Eu acho que não.”</p> <p>“Sendo assim acho que tenho. A parte do cuidar, do tratar da casa, a parte emocional ser mais sensível. Eu acho</p>	<p>Quem não se identifica é porque quer se mostrar, quer defender uma posição que é uma ilusão para o sujeito. O indefinido faz-lhe tanta confusão como o mal definido (sou homem mas ajo como uma mulher). Não suporta.</p> <p>O homem é símbolo de poder, é ser dominante, forte.</p> <p>Não suporta a exposição daquilo que não concorda, provoca pulsões agressivas. Pouco tolerante à frustração, sem filtros.</p> <p>Apesar de recusar o feminino, consegue identificar algumas características que lhe possam estar associadas.</p>
--	---	--

	<p>que é a minha parte menina.”</p> <p>“A parte de homem é tudo. É a parte dos palavrões, ser bruto, ser aquele que gosta de pintar, fazer obras, andar dum lado para o outro, mesmo à homem, típico homem.”</p>	<p>Ser homem é ser poderoso e independente e é por isso que se identifica com o masculino.</p>
Objeto de amor		

Mãe

Sujeito	<p>“A minha mãe não tem coisas boas. Infelizmente não tem.”</p> <p>“A história é cruel, mas eu vou-te contar: ela deixou o meu irmão mais velho com os avós porque ele era um menino. Se fosse uma menina ela tinha ficado com ele.”</p>	<p>Mau objeto, agressividade.</p> <p>Alguém semelhante, alguém que pudesse ser ela e recomeçar de novo.</p>
Relação com o objeto de amor	<p>“Acho que ia fazer tudo o que ela quer porque gosta dela. Tem um amor incontornável. Ele é tipo, tem duas talas nos olhos e só vê a minha mãe à frente.”</p> <p>“Deixou sempre todas as raparigas que tinha para voltar para a minha mãe.”</p> <p>“Eu acho que o amor que ela tem por ele é um amor interesseiro porque a minha mãe sabe que o meu pai faz tudo por ela</p>	<p>O objeto de amor da mãe má é passivo, dependente. Culpa o pai por gostar da mãe.</p> <p>A mãe é a prova que o feminino também é forte e é mais uma razão para o rejeitar.</p> <p>Agressividade sem filtros, sem culpa</p>

	<p>e que se for preciso ele dá-lhe este mundo e o outro para a ver feliz. E quando tu estás bem e tens alguém que te sustenta, não vais mexer quando é a tua zona de conforto.”</p>	<p>Se o pai faz tudo pela mãe, é possível que a decisão de ter sido abandonado tenha sido da mãe.</p>
<p>Relação com o filho</p>	<p>“Ela nunca teve aquela coisa de discriminação, rejeição, quando eu lhe contei.”</p> <p>“O único afastamento foi mãe, foi a única pessoa de quem eu me afastei mais. Já estava afastado mas isso foi mais um dos fatores porque ela nunca aceitou muito bem, e acho que não aceita ainda hoje.”</p> <p>“A minha avó quando eu era adolescente trazia-me preservativos para casa para tu veres a proximidade.”</p> <p>“Mas à descarada, chegava, “toma lá”. Isto mostra a abertura que ela tem para comigo.”</p> <p>“É uma pessoa aberta de mentalidade.”</p> <p>“Nós sempre conversámos muito, desde problemas financeiros ou problemas de saúde. Convivi muito com ela. Acabou sempre por ser eu o pilar, acabou sempre por conversar comigo.”</p> <p>“Eu acredito muito honestamente que ela</p>	<p>Não o rejeitou nunca, como a mãe.</p> <p>Falhas da sintaxe, ao contar que é gay ele é mais forte porque defende-se dizendo que foi ele que se afastou da mãe que o rejeitou.</p> <p>A avó tinha medo que se passasse o mesmo que se passou com o pai.</p> <p>Ele não precisa de outra mãe.</p> <p>Teve que substituir o objeto de amor da avó, e por isso identificar-se com ele.</p> <p>Rumina não dizendo o quê,</p>

	<p>guardasse muita coisa para ela. Não sei. Não me queria preocupar, não me chatear. Sei lá, eu acredito que preocupações com dinheiro e preocupações comigo, eu acredito que não partilhasse e que guardasse para ela ou conversas que tinha. A questão dos meus pais, acho que é o fator top. Acredito que o sofrimento que ela tem com esta situação dos meus pais guarda para ela e não... dos meus pais não lhe ligarem nenhuma, não lhe darem atenção, nem carinho, não ligarem a perguntar como ela está, não a virem ver. Só a virem ver por interesse, só para pedir dinheiro. E isto deve mexer muito com ela e ela não diz nada.”</p> <p>“É a mesma coisa que falar com um calhau (...) (Sentes que é mais da parte do teu pai ou..? interrompe) Mãe! Porque lá está os meus pais abandonaram-me quando eu era pequeno.”</p> <p>“Convidaram-me, a tvi para homenagear a minha avó e tudo o que ela tinha feito por mim e eu tinha que contar o que me aconteceu e isso explica muita coisa. Explica desde o abandono dos meus pais, à falta de atenção, de nunca terem passado comigo nenhum aniversário, nenhum natal, de eu vê-los tempo a tempos, de os divórcios constantes dos</p>	<p>mas está a defender-se.</p> <p>Mas as defesas falham e fala dos pais.</p> <p>Sente que tal como ele, a avó foi rejeitada, ainda por cima pela mesma pessoa.</p> <p>O sujeito tem que investir mais.</p> <p>Agressividade contra a mãe.</p> <p>Grande ferida narcísica</p> <p>Defende o pai que comete os mesmos erros que a mãe. A mãe é o mau objeto sempre. É a culpada de tudo porque as mães não abandonam os filhos.</p>
--	--	--

	<p>meus pais.”</p> <p>“O historial todo que ela tem, de ter apoiado dos meus pais, ter-lhes dado de comer, ter-lhes matado a fome, ajudado muito a minha mãe. A não retribuição deles... O meu pai pronto mata-se a trabalhar para conseguir ajuda-los, para conseguir sustentá-los. Mas a falta de retribuição e de carinho da minha mãe, de valores, a ela custa-lhe. A mim custa-me, mas para te ser muito honesto passa-me ao lado.”</p> <p>“A minha mãe ligou para mim a chorar baba e ranho a perguntar o porquê. Eu digo no DVD que não os perdoou e nunca os irei perdoar e por mais que fale com eles nunca os irei perdoar”.</p> <p>“Poderia ter feito alguma coisa para mudar a situação, mas não o fez. Teve muitas oportunidades.”</p> <p>“Teria que ser o meu pai a assumir a responsabilidade”.</p>	<p>Evitamento, isolamento, defende-se dos impulsos agressivos para com a mãe porque como não obtém reação mãe frustra-se e ele não consegue lidar com a frustração. Tudo o que é mau e que não é depende dele é ignorado, caso contrário desorganiza-se.</p> <p>Foi um ataque agressivo para todos verem o mau objeto que a mãe é. Vingança.</p> <p>O sujeito acredita que a mãe não quer ser mãe e culpabiliza-a por tudo.</p> <p>Como inverteu os papeis, porque quem cuida agora da avó é o neto. Não assumiu a responsabilidade com o filho mas vai assumir com a mãe.</p>
Relação com os outros		
Identificações com os pais		

Identificações com o feminino e o masculino		
Objeto de amor	<p>“O meu pai é um querido, é um pai top, 5 estrelas. Eu dou um exemplo muito real que é: se o meu pai pedir dinheiro para eu pagar qualquer conta da casa dele eu empresto. Se a minha mãe me pedir dinheiro eu não empresto”.</p> <p>“Eu liguei-lhe às três da manhã, ele vestiu-se e em dez minutos estava aqui em baixo e arranjou”.</p>	<p>Sempre a atacar a mãe</p> <p>Idealizado, mas apenas com o sentido de fazer a mãe se sentir culpada.</p>

ANEXO P: Análise da 2ª entrevista do Nuno (25 anos)

Sujeito

Sujeito	“Em criança, fiz imensas coisas que normalmente está associado a raparigas. Em vez de jogar à bola, ia brincar com bonecas.”	Identificação ao feminino
Relação com o objeto de amor		
Relação com a mãe		
Relação com os outros		
Identificações com os pais		
Identificações com o	“As meninas normalmente são mais calmas.”	Mas ele não. Ele gosta de coisas de menino, mas

feminino e o masculino		identifica-se com o masculino.
Objeto de amor		

Mãe

Sujeito	<p>“A minha mãe tentou três vezes ter uma filha e nunca conseguiu. Entretanto a terceira, que nasceu aquele rapaz, ela fez aquela cirurgia que agora não me recordo o nome para não poder engravidar mais. No entanto, do que sei, ela ainda este ano, quer adotar uma menina africana, mulata. Portanto, ela quer adotar uma menina mulata.”</p> <p>“Acho que todas as mães querem ter uma menina.”</p> <p>“Penso que a minha mãe como foi mãe jovem, acho que se ela tivesse esperado, teria feito as coisas de maneira diferente: esperado mais uns anos, se calhar estabilizado mais a vida. E se calhar é essa estabilidade e esses anos de maturidade que ela tem agora, que ela sente, que faz com que ela esteja pronta para ter outra filha. E pronto como já não pode ter, quer adotar.”</p> <p>(Então nenhuma das gravidezes foi planeada?) “Penso que não.”</p>	<p>Ele gosta de coisas de menina para agradecer a mãe.</p> <p>A mãe que deseja ter uma menina e projeta esse desejo nos filhos.</p> <p>Eu faria diferente. Identificação projetiva.</p> <p>Nenhuma das gravidezes foi desejada e se foi</p>
---------	---	---

	<p>“Um filho é um filho tem de ser educado. É diferente no sentido da experiência que a pessoa tem e o que á viveu entretanto.”</p> <p>“Acho que essa nova irmã será uma sortuda, se calhar vai ter muitas coisas que eu não tive.”</p> <p>“Como já tinha mencionado, ele é muito ciumento e tinha uma relação muito próxima com a minha mãe. Não sei.”</p> <p>“A minha mãe nunca fala do passado.”</p> <p>“A minha mãe foi uma filha difícil pelo que sei. Deu muito trabalho à minha avó. Fugia com os namorados. Era dessas. Diziam que era uma rapariga muito</p>	<p>desejada era para ser menina, que não foi.</p> <p>Deveriam ser todos iguais, não como ela faz. Ele queria uma ideia de pai e identifica-se com ele, tudo o que a mãe não é. Quer ser como essa fantasia.</p> <p>Inveja de ser menina porque irá ser mais investida porque foi desejada.</p> <p>Ciúme do irmão, a mãe precisa de alguém ao lado dela e só ficou com ele porque ele é o último a se tornar independente e ela não deseja que isso aconteça, por isso promove uma relação de dependência.</p> <p>O que se passou com o pai. E eles também não se lembram ou recalcam.</p> <p>Independente, ativa, muito idealizada e valorizada pela mãe e pela irmã.</p>
--	---	---

	<p>muito gira, que lá na cidade da minha avó, toda a gente conhecia. E ela passava na rua e ninguém ficava indiferente”.</p> <p>“A tia era mais nova.”</p> <p>“Por ser o cassula, é o típico cassula mimado.”</p>	<p>Esperou pelo final da entrevista para criticar o irmão, sem recalamento.</p> <p>Desprezo</p>
Relação com o objeto de amor		
Relação com o filho	<p>“A minha mãe foi uma super mãe. Dobrou-se e desdobrou-se para criar os filhos.”</p> <p>“Ela fez o papel dela obviamente. Ela nunca quis ser um pai. Fez o que ela faria mesmo com uma figura paterna ao lado.”</p>	<p>Reforçou o papel de mãe, não tentou fazer de pai, no entanto, é uma mãe castradora.</p>
Relação com os outros		
Identificações com os pais	<p>“A minha família é muito fria. Eu sou um caso à parte. Portanto, é uma relação muito distante, muito fria.”</p> <p>“A minha família é uma família atípica.”</p>	<p>Não há identificação com a mãe. Só identificação com o pai ou com uma fantasia do que é um pai ou de como era o pai.</p>
Identificações com o feminino e o		

masculino		
Objeto de amor	<p>“A família da parte do meu pai são mais carinhosos.”</p> <p>“O meu pai teve um casal com outra mulher. Depois, são mais novos.”</p> <p>“Quando era criança a minha mãe tentou evitar-nos“</p>	<p>A mãe foi desinvestida, desvalorizada. E fez um deslocamento para os filhos, incapaz de investir, a não ser em termos financeiros e na educação.</p> <p>Recusa o pai.</p>

ANEXO Q: Análise da 2ª entrevista do Pedro (24 anos)

Sujeito

Sujeito	<p>“Eu às vezes não falo tudo aquilo que sinto.”</p> <p>“Acho que me sinto menos exposto.”</p>	<p>Introvertido.</p> <p>Porque se tiver mais exposto alguém pode atacar.</p>
Relação com o objeto de amor	<p>“As pessoas têm medo de casar porque têm medo do compromisso e ao não estarem casados podem separar-se. (...) Eu não tenho esse receio.”</p> <p>(impulsivo) “Quando eu acho que me estão a esconder alguma coisa ou negar alguma coisa que eu sei. Isso aí, eu passo-me.”</p>	<p>Crítica. Agressivo. O sujeito gosta de estabilidade, de compromisso.</p> <p>Pouca tolerância à frustração na relação amorosa. Torna-se agressivo. Não há culpa.</p>

	<p>“Estava-me a revoltar ser tomado por parvo. Eu às vezes faço-me de parvo, mas não sou ou só sou até deixar.”</p> <p>“Eu acho que não houve um ponto final, acho que tem reticências.”</p> <p>“Quero uma relação em que a pessoa não me critique”</p>	<p>Não evita o confronto.</p> <p>Dificuldade em separar-se.</p> <p>Uma relação onde possa ser independente.</p>
Relação com a mãe	<p>“Possivelmente ela gostava mais de viver comigo”</p> <p>“Ela gosta de sentir que tem alguém para ir falando”</p>	<p>Não promove a independência do filho</p> <p>Um companheiro</p>
Relação com os outros	<p>“Não meto os outros de parte. Então penso “isto não me vai prejudicar” Mas se me prejudicar aí já pondero um bocado, mas acabo por pôr.”</p>	
Identificações com os pais		
Identificações com o feminino e o masculino	<p>“Acho que há sensibilidades diferentes. (Um homem que seja viril, mas que seja sensível, é mais feminino). Pode aparentemente mostrar uma coisa e depois quando vais falar é totalmente o oposto do que estás à espera, que nunca imaginaste pela aparência.”</p> <p>“O protetor pode ter dois sentidos, um mais ligado ao “galinha”, mas também pode ser, sei lá, “ai a minha filha</p>	

	<p>querida, ninguém lhe pode tocar e vou protege-la ao máximo”</p> <p>“Os rapazes são mais traquinas.”</p> <p>“As meninas são mais delicadas. São mais delicadas é para proteger mais.”</p> <p>“Os rapazes tomam melhor conta deles.”</p> <p>“Há raparigas que até batem nos rapazes.”</p> <p>“Ela possivelmente queria ter uma rapariga porque ela pede-me sempre uma neta. Ela deve gostar das roupinhas de menina.”</p>	<p>Os rapazes independentes.</p> <p>As meninas são delicadas, mas agressivas.</p> <p>A mãe desejaria uma menina.</p>
Objeto de amor	<p>“Eu aprecio elegância.”</p> <p>“Gosto de pessoas que saibam estar.”</p> <p>“Sê o tipo de pessoa que queres conhecer.”</p>	<p>Escolha de amor objetal narcísica.</p>

Mãe

Sujeito		
Relação com o objeto de amor	<p>“A minha mãe é muito mais velha que ele. Não é assim muito mais, mas são 10 anos a mais.”</p>	<p>Ele possui a escolha objetal do pai?</p>
Relação com o filho	<p>“Quando eu me fui embora, ela deixou de me ter. E quando eu voltei, esqueceu-</p>	<p>Mãe que não suporta a independência do filho</p>

	<p>se que aquele nível era o suficiente.”</p> <p>“Não sabia que o outro era o normal, e então achou que se fosse mais eu ia ficar lá e não ia outra vez embora uma coisa assim.”</p> <p>“Sim, eu normalmente falo com ela.”</p>	<p>Contradiz-se relativamente à entrevista anterior.</p>
Relação com os outros		
Identificações com os pais		
Identificações com o feminino e o masculino		
Objeto de amor	<p>“Nem os parabéns me deu, mas lá está é tão indiferente para mim”</p> <p>“Nós antes falávamos uma vez por ano ao telefone.”</p> <p>“Ah porque ele não quer falar comigo e eu também não quero estar a insistir”. E eu pensei “ótimo, finalmente”</p> <p>“Disse-me que não queria que eu fosse menos que os outros e que queria que eu fosse para a faculdade.”</p> <p>“Não quis pagar mais a faculdade.”</p>	<p>Pai que não investe. Nega tristeza e descontentamento.</p> <p>O pai é agressivo. Não investe e culpa o filho. Recusa.</p> <p>Não queria ficar mal visto.</p> <p>Investe e depois desinveste.</p>

	<p>“O facto de ele pagar a faculdade eu acho que ele achou que ia ter algum controlo sobre mim.”</p>	<p>Nada é seguro. O pai é contraditório.</p> <p>Controlo, criar dependência do filho.</p>
--	--	---

ANEXO R: Análise do T.A.T. do David (25 anos)

David (25 anos)

Sujeito	<p>Para ele, não há diferença. Não saber é a mesma coisa que não querer. Evitar a ferida narcísica.</p>	Cartão 1
	<p>Os mecanismos de reparação não funcionam.</p>	Cartão 3
	<p>Desaparece a violência por artes mágicas. A violência que ele vê em segundo plano que ele não se quer ligar.</p>	Cartão 8BM
	<p>Pulsão agressiva forte que é negada, mas a pulsão sexual ainda é admitida, sem grandes defesas.</p>	Cartão 13BM
	<p>Ele não suporta o vazio. O vazio é mais inferioridade. Defesa maníaca. Não constrói relação.</p>	Cartão 16
Relação com o objeto de amor	<p>Erotiza a relação pai e filho, mas nega-a apesar de ser uma cena de sedução. Ao negar, corta as ligações afetivas e as relações.</p>	Cartão 7BM

	Ambivalência entre sexo casual e um relacionamento.	Cartão 13BM
Relação com a mãe	A mãe que espia, que controla, mas que ao mesmo tempo é defendida e perdoada pelo filho (o sujeito faz um afastamento e isolamento) Desordem nos afectos, nas pulsões	Cartão 5 Cartão 5
Relação com os outros	Proximidade ansiogénica	Cartão 9BM
Identificações com os pais	No Édipo, não é ele o culpado nem o assassino, mas a morte do pai é desejada.	Cartão 6BM
Identificações com o masculino e o feminino	Necessidade de estabelecer igualdade entre o feminino e o masculino. O feminino é associado a sedução. O masculino é tentação, componente sexual, associado a uma saturação de um ambiente erótico. Se for uma mulher, não há razão para matar o pai. A mulher tem menos força. Ele não vê a arma. Ele imagina uma fantasia de parricídio, do Édipo masculino. Mas se tiver uma mulher, não tem razões para matar o pai. Recusa da agressividade e faz uma identificação com o feminino como defesa ao parricídio. Falsas percepções: homem torna-se feminino.	Cartão 2 Cartão 4 Cartão 4 Cartão 8BM Cartão 13BM

	Ele vê partes sexuais e identitárias do masculino e do feminino.	Cartão 19
Objeto de amor		

Mãe

Sujeito	Uma mulher que pode ser criança porque é fraca, frágil, é vítima, sempre. Sedutora	Cartão 3 Cartão 4
Relação com o objeto de amor	Relação conflituosa negada. Dessexualizada	Cartão 4 Cartão 10
Relação com o filho	Recusa da relação amorosa, é antes uma relação de proteção (relação anaclítica – apoio), mãe e filho.	Cartão 10
Relação com os outros		
Identificações com os pais		
Identificações com o masculino e o feminino		
Objeto de amor	Homem instável Alguém que sabe, que tem conhecimento, que não diz tudo o que pensa, controlado.	Cartão 4 Cartão 7BM

ANEXO S: Análise do T.A.T. do Carlos (22 anos)

Sujeito

Sujeito	Oposição. Não aparece a castração. Não é não saber, é não querer.	Cartão 1
	Não aparece a componente agressiva	Cartão 6BM
	Quando aparece, há culpa	Cartão 8BM
Relação com o objeto de amor		
Relação com a mãe	Há uma triangulação que não tem o carácter edipiano	Cartão 2
	Dessexualizar a cena de forma estranha. Não há recalçamento nenhum. Rejeição do pai, ele está a ocupar o lugar do pai.	Cartão 10
Relação com os outros	Camaradagem – características muito “heterossexuais”?	Cartão 9BM
Identificação com os pais		
Identificação com o feminino e o masculino	A senhora dos livros não está contente com a senhora da direita estar grávida	Cartão 2
	Identificação com o masculino	Cartão 7BM
Objeto de amor		

Mãe

Sujeito	Bom objeto	Cartão 4
	Mãe que dá ordens	Cartão 5

	Mulher que entra em choque	Cartão 6BM
Relação com o objeto de amor		
Relação com o filho		
Relação com os outros		
Identificação com os pais		
Identificação com o feminino e o masculino		
Objeto de amor	Mau objeto	Cartão 4
	Tem influência, faz pressão	Cartão 7BM
	Instável	Cartão 13BM

Relação com a mãe		
Relação com os outros		
Identificações com os pais		
Identificações com o masculino e o feminino	<p>Diminui a mulher. Essa mulher representa tudo o que há de mau na sociedade.</p> <p>A mulher é posta numa posição de fragilidade, menoridade.</p>	<p>Cartão 5</p> <p>Cartão 13MF</p>
Objeto de amor	Carinhoso, querido	Cartão 7BM

Mãe

Sujeito	<p>Uma mulher que não se sente feliz por estar grávida. Ar púdico e calmo é um disfarce contrasta com a relação (mau objeto)</p> <p>Segura de si mesma (bom objeto). Valoriza o feminino na avó.</p> <p>Alarga a figura da mãe para a sociedade. Assim, deixa de ser uma acusação à mãe. É muito neurótico na mãe superegoica</p> <p>Mãe rejeitante</p>	<p>Cartão 2</p> <p>Cartão 4</p> <p>Cartão 5</p> <p>Cartão 6BM</p>
Relação com objeto de amor	Corta laços para não haver triangulação (mau objeto)	Cartão 2

	Apaixonada (bom objeto)	Cartão 4
Relação com o filho		
Relação com os outros		
Identificações com os pais		
Identificações com o masculino e o feminino		
Objeto de amor	Trabalhador Alguém que não está feliz Protetor, mas rejeita	Cartão 2 Cartão 4 Cartão 10

ANEXO U: Análise do T.A.T. do Nuno (25 anos)

Sujeito

Sujeito	Restritivo ou omissivo Isolamento do afeto e das relações. falta-lhe recalçamento.	Cartão 6BM Cartão 9BM Cartão 13BM
Relação com o objeto de amor		
Relação com a mãe		
Relação com os outros		
Identificações	Não há diferença entre pai e filho e um	Cartão 7BM

com os pais	casal de namorados. Relação erotizada, escolha objetal a masculina. Figura erotizada é a paterna.	
Identificações com o feminino e o masculino	Crítica à relação heterossexual. A mulher é que deseja e o homem não deseja nada. Ou satisfação, identificação por não gostar de mulheres.	Cartão 4
Objeto de amor		

Mãe

Objeto	No universo, só existisse mãe. Os dois aparecem ao mesmo nível, não há como rivalizar o objeto que a mãe possa ter escolhido. A mãe é tutelar e é fértil Mãe superegoica, crítica Se houver um triângulo edipiano estraga a relação com a figura desejada	Cartão 2 Cartão 5 Cartão 16
Relação com o objeto de amor		
Relação com o filho		
Relação com os outros		
Identificações com os pais		
Identificações com o feminino e o		

masculino		
Objeto de amor	Pai da geração anterior – desvalorizado.	Cartão 2

ANEXO V: Análise do T.A.T. do Pedro (24 anos)

Sujeito

Sujeito	O sujeito evolui da impotência (revolta, recusa, identificação projetiva porque o defeito não é dele) para a agressividade (culpa fá-lo retornar).	Cartão 1
	Ele não reconhece a depressão. não reconhece o conteúdo. Rebaixamento do objeto. Alude às coisas, mas não diz o que são.	Cartão 3
	Pôs-se no lugar do rapaz. Cena agressiva, mas de reparação. Ele desliga a arma do sujeito. Ele nem é vítima, de ser baliado, e por isso sente culpa. É como se desse um tiro nele próprio, que depois nega e repara.	Cartão 8
	Com a negação, ele consegue fazer maravilhas.	Cartão 11
Relação com o objeto de amor	O conflito foi fora do casal. Projeta a agressividade. Acrescenta uma personagem para ser o suporte.	Cartão 4
Relação com a mãe		
Relação com		

os outros		
Identificações com os pais		
Identificações com o feminino e o masculino	Idealiza a figura feminina. Ele confronta o feminino com o masculino Farto da mulher, ódio ao feminino. Logo, a agressividade.	Cartão 2 Cartão 17
Objeto de amor		

Mãe

Sujeito	Bondosa Superego protetor, mas depois é um superego castrador.	Cartão 4 Cartão 5
Relação com o objeto de amor		
Relação com a mãe		
Relação com os outros		
Identificações com os pais		
Identificações com o feminino e o masculino		
Objeto de amor	Pai. Não o consegue encarar, por ter pensamentos agressivo e logo depois sente-se culpado Condenável. Ele rejeita	Cartão 6 Cartão 7